

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**A avaliação mediada por tecnologias digitais  
no ensino superior brasileiro**

**Maria Fernanda Tavares Gédéon Bandarra**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**2022**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



# **A avaliação mediada por tecnologias digitais no ensino superior brasileiro**

**Maria Fernanda Tavares Gédéon Bandarra**

**Dissertação Orientada pela Profa. Doutora Ana Isabel**

**Ricardo Gonçalves Pedro**

**Mestrado em Educação**

**Área de Especialidade: Educação e Tecnologias Digitais**

**2022**

*Dedico este trabalho ao meu amado filho João.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela vida e saúde, por ter concluído este trabalho em condições adversas e pandêmicas.

Agradeço a minha querida família, por me apoiar sem limites.

Agradeço aos professores, pelos aprendizados e me inspirarem na forma que conduzem seus aprendizes.

Agradeço a minha orientadora professora Doutora Ana Pedro, pela paciência e guia em cada passo.

Agradeço aos meus colegas e a nossa convivência em um grupo de aplicativo que nos uniu como amigos, demonstrando que não há limites na educação a distância.

E, por fim, a todas as pessoas que fizeram parte dessa caminhada, meu abraço virtual e agradecimentos.

*Não a razão de viver; não o sentido da vida em geral nem uma filosofia de fé religiosa – este livro não pretende dar estas respostas. Mas ele fala aos sentimentos que existe uma razão por que minha singular pessoa está aqui e que há coisas de que preciso cuidar além da rotina diária, e isso deve dar uma razão de ser a essa rotina, sentimentos de que o mundo, de certa forma, deseja que eu esteja aqui, que responda a uma imagem inata que estou preenchendo em minha biografia. (HILLMAN, 2001, p. 14)*

## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	ii
<b>ABSTRACT</b> .....	iii
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	04
<b>1 ENFOQUE TEÓRICO</b> .....	10
1.1 O processo de aprendizagem no Ensino Superior Brasileiro .....	10
1.1.1 Presencial .....	11
1.1.2 Ensino a Distância .....	14
1.1.3 Remoto .....	16
1.2 A Avaliação por competências .....	19
1.2.1 Diagnóstica .....	23
1.2.2 Formativa .....	24
1.2.3 Sumativa .....	26
1.3 A Avaliação mediada por tecnologias digitais .....	28
1.3.1 Competências Digitais .....	31
1.3.2 Ferramentas .....	35
1.3.3 Efeitos na pandemia .....	40
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	43
2.1 Elementos metodológicos da abordagem bibliográfica .....	43
2.2 Entrevistas .....	44
2.3 Procedimentos da investigação .....	46
2.4 Procedimentos éticos .....	47
<b>3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS</b> .....	49
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	59
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61
<b>APÊNDICE A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS</b> .....	68
<b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS</b> .....	69
<b>ANEXO A – CARTA ÉTICA</b> .....	117
<b>ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA</b> .....	119

## RESUMO

O presente trabalho aborda a temática dos processos de avaliação mediados pela tecnologia no ensino superior brasileiro. Considerou-se para isso os entendimentos dos professores sobre a integração das tecnologias no processo de aprendizagem, assim como as experiências decorrentes das suas vivências em tempos de pandemia durante a mudança abrupta da modalidade de ensino presencial para a remota.

O principal objetivo do estudo foi compreender como o processo avaliativo se desenvolveu durante a pandemia a partir da necessidade de avaliar os discentes a distância ou remotamente. O estudo baseou-se numa abordagem qualitativa, de inspiração bibliográfica.

O instrumento de recolha de dados foi a entrevista semiestruturada realizada por videoconferência no segundo semestre do ano de 2021, após 16 (dezesesseis) meses de vivências docentes universitárias durante a pandemia. Foram entrevistados 4 (quatro) docentes universitários, sendo 3 (três) atuantes em instituições públicas e 1 (um) docente atuante em uma instituição privada.

Os principais resultados da pesquisa revelam a viabilidade da avaliação *online*, da capacitação técnica digital dos professores por iniciativa própria, dos limites impostos pelo contexto social no Brasil quanto o acesso a computadores e internet estável de qualidade, bem como o reconhecimento da importância dessa pesquisa para as melhorias nas lacunas reveladas.

Por meio deste instrumento os inquiridos revisitaram os seus percursos formativos, refletindo com a entrevistadora sobre a avaliação online integrada ao processo de aprendizagem e os desafios impostos pelo distanciamento social.

**Palavras-chave:** Avaliação, avaliação online, ensino superior, covid-19.

## ABSTRACT

This work addresses the issue of assessment processes mediated by technology in Brazilian higher education in Brazil. For this, it was considered the understanding of teachers about the integration of technologies in the learning process, as well as the experiences arising from their experiences in times of pandemic during the abrupt change from the on-site to the remote teaching modality.

The main objective of the study was to understand how the evaluation process developed during the pandemic from the need to evaluate students remotely or remotely. The study was based on a qualitative approach, of bibliographic inspiration.

The data collection instrument was the semi-structured interview carried out by videoconference in the second half of 2021, after 16 (sixteen) months of university teaching experiences during the pandemic. 4 (four) university professors were interviewed, 3 (three) working in public institutions and 1 (one) working professor in a private institution.

The main results of the research reveal the feasibility of online assessment, the digital technical training of teachers on their own initiative, the limits imposed by the social context in Brazil regarding access to computers and stable internet of quality, as well as the recognition of the importance of this research for the improvements in the revealed gaps.

Through this instrument, respondents revisited their training paths, reflecting with the interviewer about online assessment integrated into the learning process and the challenges imposed by social distancing.

Keywords: Assessment, online assessment, higher education, covid-19.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação, produzido no âmbito do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Educação e Formação na especialidade em Educação e Tecnologias Digitais, aborda a questão da avaliação mediada por tecnologias digitais nos cursos de nível superior, em tempos de pandemia.

A tecnologia está presente em todos os setores da vida em sociedade. No ambiente tecnológico, propagado pela internet e suas ferramentas sociais em que há muita informação e pouco aprendizado. Esse é o grande desafio da escola: agregar a tecnologia ao cotidiano da relação aluno, professor e aprendizado (Costa, 2011).

A palavra aluno significa educando, discípulo, aprendiz (Figueiredo, 1913). A escola, como fonte de cultura, centralizada no professor, como fonte do conhecimento, sempre atuou com certo controle social de ideias e de criatividade. Mas, hoje o professor é visto como um facilitador nesta condução do conhecimento em que o aluno assume o protagonismo e a autonomia.

As pessoas nascem criativas, vivem politicamente em sociedade, são seres políticos e hoje, mais do que nunca, são altamente conectadas à tecnologia. A escola do século XXI deve visar ao aprendizado como uma via de mão dupla, em que o estudante e o professor ensinam e aprendem juntos, como já disse o visionário Paulo Freire (TV PUC-SP, 1995). Dessa forma, a fonte do saber se encontra nesta troca de experiências, por meio da metodologia em que o professor, reconhecendo a tecnologia como sua aliada, ensina a aprender e aprende a ensinar.

A palavra professor significa aquele que professa ou ensina (Figueiredo, 1913) ou o “indivíduo que professa sua crença em algum princípio filosófico ou religioso” (Michaelis, 2021, p. 01). Neste sentido, pode-se considerar que o aluno tradicional é a junção de retalhos das crenças e princípios absorvidos ao longo da sua trajetória escolar. Nesta relação entre o professor e o aluno, cabe ao professor priorizar sua formação para se habilitar tecnologicamente e se comunicar horizontalmente com seus educandos.

Eis o grande entrave tecnológico escolar: a formação do professor. Na reflexão sobre essa temática, Maria Renata Duran (2018) faz uma analogia com o piano: “Porque tocar piano deve ser considerado ultrapassado, já que o instrumento foi criado em meados do século 17?” É exposta, criticamente, a escola como um instrumento de controle social, em que as relações são ressignificadas ao longo dos séculos, pela inter-relação e pelo diálogo entre a tríade aluno, professor e aprendizado. Mas a autora do artigo pôde concluir com outro questionamento:

Quem está disposto a pagar por isso? Então, a conta é alta, e não se limita à compra de equipamentos, como podem imaginar. Eu faço muito pouco com um piano à minha frente, a não ser que aprenda a tocar, que alguém se disponha a me ensinar. (Duran, 2018, p. 02)

A aprendizagem pode ser considerada como um processo por meio do qual uma nova informação é incorporada à estrutura cognitiva do indivíduo, por se relacionar a um aspecto relevante dessa estrutura. “Esse novo conteúdo poderá modificar aquele já existente, dando-lhe outros significados” (Micaelis, 2021, p. 01). O aprendizado significativo afeta o cognitivo, e cada relação é uma troca, ou, como dito, uma via de mão dupla. O impacto da existência humana no próximo é sempre relevante, pois as conexões entre os seres sempre estão ativas, como trocas disponíveis em tempo real.

A tecnologia abalou o cognitivo e horizontalizou as relações humanas, aproximando uns dos outros como seres iguais e sem limites geográficos. Então, como controlar socialmente uma relação sem limites? O grande impacto da tecnologia no ambiente escolar se desenrola com a relação tríade aluno, professor e aprendizagem ilimitada. A tecnologia protagoniza, justamente, a citada tríade, para que o professor não centralize o conhecimento em si, não sendo mais toda fonte do saber em si próprio, desta forma, o aluno é motivado a sair da zona de conforto e tirar partido do poder da aprendizagem.

O aprendizado tecnológico é um novo poder temido e cheio de crenças. A ressignificação da pedagogia por meio da inserção da tecnologia na educação pode ser permeada pela pedagogia antagônica do Paulo Freire (TV PUC-SP, 1995), que propõe o diálogo, a consciência e a curiosidade. No diálogo entre Paulo Freire e Seymour Papert (TV PUC-SP, 1995) há três estágios do aprendizado do ser humano: ao nascer, em idade escolar e formado adulto.

Ao nascer a criança explora coisas e pessoas de forma infante criativa. Ou seja, com a “capacidade de criar ou inventar; engenho, engenhosidade, inventiva” (Michaelis, 2021b, p. 01). A criança possui uma mente aberta a quaisquer aprendizados e ainda possui a capacidade inventiva, e, desde sempre, aprendendo a aprender e aprendendo a ensinar.

Ao ingressar na idade escolar, a criança é adequada ao contexto e convenções sociais de cada época. Como segundo estágio do aprendizado, a escola deveria considerar o conhecimento extracurricular e a produção do conhecimento ainda não existente, como salienta Paulo Freire (TV PUC-SP, 1995). O aluno introduz-se na escola já sabendo muita coisa que não aprende com ela, por isso Freire (TV PUC-SP, 1995) propõe que seria mais fácil para o bom professor dizer: “escute, todas essas coisas que você já sabe tem uma certa explicação científica da qual vou falar agora.”

No segundo estágio do aprendizado, a vivência em idade escolar transforma e limita o cognitivo em um contexto ideológico de controle social. Para Papert (TV PUC-SP, 1995), toda revolução começa assim, com uma ação política e uma mudança de paradigma.

Na terceira fase da aprendizagem, pode-se considerar que o cognitivo do adulto permanece criativo e construtivista do seu próprio saber. Se a mente criativa da criança e a reflexão crítica a respeito da vida permeiam seus questionamentos internos, considera-se um sobrevivente a segunda fase do aprendizado. O poder crítico cognitivo e único de cada ser humano pode, e deveria, ser preservado, ou melhor, fomentado. Para Domingos Fernandes (2005):

A escola ainda não consegue garantir que, para todos e cada um dos seus alunos, o essencial do currículo esteja no desenvolvimento dos processos mais complexos de pensamento, através da resolução, mais ou menos contextualizada, de problemas, da interação com uma diversidade de situações problemáticas da vida real, da recolha, apresentação, análise e interpretação de dados ou da utilização inteligente das novas tecnologias da informação. Simultaneamente, os modelos dominantes de avaliação das aprendizagens estão sobretudo orientados para classificar, seleccionar e certificar os alunos quando o que nos mostra a investigação é que precisamos de uma avaliação que esteja essencialmente organizada para ajudar os alunos a aprender melhor, a aprender com compreensão. Desta forma, a avaliação deve contribuir para que os alunos sejam mais autónomos e mais capazes de aprender utilizando melhor os seus próprios recursos cognitivos e metacognitivos.

A conexão humana é superior à conexão tecnológica. A conexão pode ser considerada aquilo que conecta, liga ou une (Michaelis, 2021c), pois, a tecnologia agrega valor de união, de proximidade, conecta humanos que precedem a máquina e a manipulam. Já disse Charlie Chaplin (1940): “Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos!” Profanando o máximo da conexão humana representada pelo amor.

O crescimento do professor pode significar muito mais do que dominar as novas habilidades como a proficiência pedagógica, capacidade administrativa e habilidades técnicas (Anderson, 2011). A proficiência pedagógica requer que o professor compreenda como funciona a tecnologia no âmbito acadêmico.

A capacidade administrativa envolve uma postura mais ativa para estabelecer regras, criar um plano de estudo e identificar apoio técnico. As habilidades técnicas preveem a familiaridade do professor com um computador, uso do e-mail e com os *softwares* necessários para o desenvolvimento curricular. E, mais além, é viver o presente aspirando ao futuro, para se posicionar como um ser em constante transformação, parafraseando Raul Seixas, em sua música “*metamorfose ambulante*” (Seixas, 1973).

Além da formação dos professores, para que a aprendizagem tecnológica seja concretizada é preciso que seja integrada ao currículo. Tem-se como currículo a programação de um curso ou o conjunto de matérias incluídas em um curso de uma escola, de uma faculdade (Michaelis, 2021d). Assim, com a integração da tecnologia ao ambiente educacional, os conhecimentos pedagógicos e técnicos podem crescer juntos, constituindo uma verdadeira espiral ascendente (Almeida & Valente, 2011).

Destarte, o papel que as tecnologias podem ter na aprendizagem transcende a missão da escola. A centralização do professor e da previsibilidade curricular do aprendizado é ressignificada no século XXI, para um aprendizado mais ativo, promovendo a horizontalidade das relações por meio da conexão tecnológica e humana.

Em todo esse contexto humano, a avaliação (online) pode ser um instrumento que sustenta o cognitivo criativo e construtivista do aprendizado e,

em continuidade ao preparo profissional, fomentado no ensino superior. Para Fernandes (2005): “a avaliação tem que ser fundamental e principalmente assumida como um poderoso processo que serve para ensinar e aprender melhor. Um processo que serve para transformar e melhorar a actual realidade da maioria dos sistemas educativos.” E, com a avaliação integrada a tecnologia na aprendizagem, a educação pode funcionar como um organismo vivo, cujos órgãos podem ser representados pelo aluno e pelo professor, com a aprendizagem mais contemporânea e comunicativa, respirando os ares de seu tempo em constante evolução.

Ante o exposto, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: em que medida tem sido utilizada a avaliação mediada por tecnologias digitais nos cursos superiores brasileiros durante a pandemia?

Nesse sentido, a grande questão do presente trabalho foi averiguar o processo de avaliação, como parte integrante do processo de aprendizagem agregada a tecnologia, refletindo sobre quais são os desafios e conquistas dos propósitos avaliativos na realidade atual do ensino superior brasileiro, em decorrência do período pandêmico vivido desde 2020, até os dias atuais.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar em que medida tem sido utilizada a avaliação mediada por tecnologias digitais nos cursos superiores brasileiros durante a pandemia. Para alcançá-lo, foram delineados os objetivos específicos: descrever o processo de aprendizagem no Ensino Superior Brasileiro em suas diversas modalidades; analisar as formas de avaliação nos diversos sistemas de ensino no Brasil e sua importância no processo de ensino-aprendizado; e, verificar a opinião dos pesquisados sobre a avaliação online integrada ao processo de aprendizagem e os desafios impostos pelo distanciamento social.

Ainda, quanto aos objetivos específicos, através da coleta de dados proporcionada pela amostra de professores universitários entrevistados e pesquisa de trabalhos acadêmicos dispor-se a identificar quais as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) mais utilizadas durante os processos de avaliação, analisar (o sentimento quanto) a formação dos professores relativamente à utilização de ferramentas digitais, identificar se existe valorização da avaliação qualitativa no ensino remoto emergencial e a distância, identificar se as orientações normativas elaboradas por gestores

podem ser uma solução para melhores práticas de utilização de avaliação da aprendizagem digital e por fim identificar as lacunas legais quanto à validação da avaliação da aprendizagem digital no ensino superior do Brasil.

Nesta temática, a pesquisa baseou-se na incidência da tecnologia aplicada a educação, em especial, aos processos avaliativos online durante a vivência do afastamento social provocada pela COVID- 19. Inicialmente, pertinente defender os propósitos de pesquisa do Professor Domingos Fernandes (2008, p. 56), que relacionou a avaliação com a comunicação, nos seguintes termos: “ comunicação avaliativa, isto é, o processo que permite apoiar todas as atividades e melhorar sempre os seus processos e resultados, faz parte dessa partilha. Sem comunicação livre, responsável e responsabilizadora, não há lugar para aprendizagens significativas e profundas.”

No contexto mais contemporâneo, a comunicação humana foi ampliada com o uso das tecnologias digitais. Assim, o Professor Doutor Nuno Dorotea (2018, p. 15), defensor da avaliação formativa digital, citou que:

A disponibilidade de equipamentos tecnológicos proporciona as condições essenciais ao desenvolvimento de novas atividades de aprendizagem, facilitando o acesso à informação, potenciando experiências de partilha e colaboração e disponibilizando recursos e serviços que de outra forma não se configuraria como um processo fácil e imediato.

...

A prevalência crescente das tecnologias digitais e da internet no ensino e na aprendizagem apresenta assim novos desafios para a avaliação digital online, bem como novas oportunidades. Mas a sua integração plena irá depender das conjunturas e da importância que lhe é atribuída por todos os intervenientes. O efeito de inovações, alterações profundas ou ajustamentos simples no âmbito da avaliação das aprendizagens, mesmo quando decretadas legislativamente, frequentemente demoram muito tempo a fazer-se sentir no terreno.

Na citada prevalência crescente das tecnologias digitais a convivência social e avaliações presenciais foram vetadas em prol da saúde pública mundial. Com as escolas e universidades fechadas, foram abertas (ou até impostas para os mais educadores mais tradicionais) as plataformas de ensino online. De tal modo, sob a ótica da vivência pandêmica o estudo analisa uma problemática que envolve educação, avaliação, tecnologias das informações e análise das entrevistas nesta aplicabilidade nas instituições de ensino superior brasileiras

# 1 ENFOQUE TEÓRICO

## 1.1 O processo de aprendizagem no Ensino Superior Brasileiro

A educação superior no Brasil está amparada pelo artigo 205 da Constituição Federal, que determina que a educação proporcione não apenas a formação humana, como também a capacitação para o trabalho. Por conseguinte, desde o início do século XIX, o desenvolvimento do ensino superior se vincula à formação profissional (Alves, Bornat & Martins, 2020).

As primeiras manifestações do ensino superior privado no Brasil iniciaram-se após a República, quando a Constituição de 1891 “descentralizou o ensino superior, que era exclusivo do poder central, delegando-o também para os governos estaduais e assim a criação de instituições privadas” (Sampaio, 2000, p. 37).

Assim, conforme relatam Alves, Bornat e Martins (2020), em 1920 foi fundada a Universidade do Rio de Janeiro, em 1934 foi fundada a Universidade de São Paulo e em 1935 foi fundada a Universidade do Distrito Federal. Em 1970 a expansão dessas instituições se acelerou, havendo a transformação de estabelecimentos isolados em federações de escolas, que no final dos anos 1980 se transformaram em universidades privadas. Na década de 1990, ocorreu um período de aceleração no processo de educação superior, pela sanção de legislação específica.

De acordo com Pinto e Matos (2017), a análise da educação Superior no Brasil é contraditória, pois, se por um lado se reconhecem avanços significativos, por outro, ainda se percebem problemas que devem ser enfrentados e superados para que haja desenvolvimento.

Por conseguinte, o ensino superior no Brasil vem passando por várias transformações. Percebe-se que a expansão e a qualificação do ensino superior são condições estruturais para um desenvolvimento socioeconômico duradouro e consistente. Todavia, conforme indicam Neves e Martins (2018), a taxa de matrícula neste nível de ensino no país é uma das mais baixas comparando-se a países de nível de desenvolvimento semelhante, e o desempenho geral do sistema tem sido bastante questionável.

Nesse sentido, Franco (2008) registra que a educação superior no Brasil

vem crescendo desde o final da década passada, em aproximadamente 7% ao ano, diversificando a forma de atendimento aos ingressantes, principalmente na graduação. Todavia, este autor salienta que desde então, vê-se uma situação de hierarquização institucional sem o necessário “aprimoramento na relação entre o projeto pedagógico das instituições e as reais necessidades dos jovens e do mercado” (p. 54).

Ferreira (2011) destaca que os alunos têm objetivos educacionais muito distintos e idiossincráticos e que suas orientações educacionais parecem condicionar fortemente o esforço que colocam no estudo e a própria qualidade do estudo. Contudo, diz este autor que a forma como estudam depende também do modo como concebem a aprendizagem acadêmica, apresentando perspectivas muito diversas acerca do que significa uma verdadeira aprendizagem.

Então, a depender de como eles encaram a aprendizagem, podem escolher entre as diversas abordagens a serem dadas ao estudo, ou seja, utilizando, singularmente, determinadas orientações de estudo. Assim, pode-se afirmar que para cada modalidade de ensino (Presencial, Educação a Distância-EAD, remoto), é oferecido um processo de aprendizagem diferente. Destarte, cabe discorrer um pouco sobre cada uma dessas modalidades.

### 1.1.1 Ensino Presencial

Na definição de Costa et al. (2014, p. 2089) a modalidade de ensino superior presencial é aquela que “congrega alunos e professores em um mesmo local e ao mesmo tempo; possibilitando a interação direta entre alunos e professores”.

Desse modo, o ensino presencial se concentra em vários elementos, incluindo palestras, trabalhos de equipe, laboratórios, estúdios e assim por diante. O ensino é conduzido de forma sincronizada em um ambiente de aprendizagem físico (utilizando medidas de segurança adequadas), o que significa que "tradicionalmente", os alunos estão no mesmo lugar simultaneamente.

A sala de aula tradicional tem a vantagem significativa da interação presencial entre o aluno e o educador e entre os próprios alunos. Para Nascimento et al. (2020), a interação, construto chave na cocriação de valor, é fundamental para solidificar vínculos entre os educandos e o educador. Os

alunos tanto podem ser motivados pelo professor, quanto por outros alunos. Tanto o aluno quanto o instrutor podem ver, ouvir e captar sinais físicos e linguagem corporal.

Em uma aula tradicional no estilo de palestra, as informações são fornecidas ao aluno e depois o instrutor pode obter o *feedback* por meio de avaliações escritas. Segundo Pim (2018, p. 18), pesquisas mostraram que o impacto da aprendizagem durante palestras em que os alunos fazem anotações, no desempenho deles na sala de aula “é promissor e deve ser levado em consideração”. Neste caso, a sala de aula presencial pode ser um ambiente de aprendizagem ativo na Universidade, usando-se práticas eficazes de palestras.

Na modalidade de ensino presencial, os alunos normalmente têm tarefas regulares de leitura de livro didático e outros recursos fornecidos ou referidos pelo professor instrutor para complementar o material didático. As reuniões de classe ocorrem em momentos e locais específicos, de acordo com um cronograma definido. Quando em sala de aula, o instrutor normalmente define o ritmo do aprendizado.

Quando uma discussão ocorre no ambiente de aprendizagem física, o instrutor muitas vezes lidera e facilita o foco da conversa para concluir dentro de um período limitado de tempo. Uma vez que o tempo é limitado, as respostas normalmente devem ser formuladas rapidamente. Falar ao vivo em um espaço de aprendizagem tem o benefício de trocas visuais entre colegas estudantes e o instrutor.

A entrega de exames, quizzes e críticas geralmente estão no espaço de aprendizagem física durante o horário regular das aulas. O acompanhamento dos alunos ocorre durante o período do exame, limitando a duração do período de reunião. Uma revisão da avaliação normalmente ocorre durante uma reunião de classe.

A apresentação de tarefas de casa, trabalhos de pesquisa, laboratórios, entre outros, ao instrutor, podem ocorrer presencialmente e em forma de cópia impressa na sala de aula tradicional presencial. A apresentação de atribuições também pode ocorrer *online*, dado o aumento expressivo do número de cursos presenciais específicos que utilizam tecnologias *online*. Uma revisão da atribuição classificada ocorre frequentemente dentro do espaço de aprendizagem física.

Uma vez que os alunos estão no mesmo lugar simultaneamente, um curso

presencial se presta bem ao trabalho em grupo, laboratórios e aprendizagem em equipe. O uso do tempo de aula pode proporcionar essa colaboração, e o progresso pode ser continuado entre os alunos após o fim da aula por meio de reuniões agendadas (*online* ou *offline*).

O processo de ensino e de aprendizagem presencial é, muitas vezes, embora não seja uma regra, um método de educação centrado no professor, e tende a variar amplamente entre as culturas. Nesse contexto, de acordo com Lázaro et al. (2018, p. 02), “a relação professor e aluno, acontece de modo verticalizado, sendo o professor o detentor dos conhecimentos e o aluno o sujeito passivo, que memoriza e os repete”.

Contudo, muitos autores, como Nascimento et al. (2020) acreditam que o sistema de ensino pode ser ressignificado. Para estes autores, o professor deve ser um mediador, um parceiro mais experiente, que organiza a relação do aluno com o objeto a ser aprendido.

Lázaro et al. (2018) observam que a educação escolar no Ensino Superior, em um contexto em que a sociedade se autodenomina como “da informação e do conhecimento”, em muitas universidades, ainda se conserva o modelo tradicional de ensino, com cadeiras enfileiradas, predomínio do uso da lousa e do giz, reprodução dos conteúdos e aulas presenciais expositivas. Todavia, muitos sistemas educacionais modernos mudaram em grande parte das formas tradicionais de ensino educacional presencial, em favor das necessidades individuais dos alunos.

Já existe o reconhecimento de que a tecnologia no ensino superior pode entrar como um instrumento, um recurso capaz de auxiliar o aprendizado de diversas formas, entre diferentes pessoas e/ou potencializar a aprendizagem. Prova disso é que muitas universidades investiram em plataformas educacionais que possibilitam essa relação do aprendizado com o uso da tecnologia; porém, cabe mencionar que muitos professores não estão preparados para terem uma nova postura e serem mediadores utilizando esses recursos (Lázaro et al., 2018).

Ainda com base em Lázaro et al. (2018), por meio das metodologias ativas, o aluno se torna protagonista do seu aprendizado mudando sua postura, ao tornar-se ativo e participante, além de aprender em parceria com o professor, com os colegas, ou mesmo sozinho. O professor, por seu turno, “desempenhará o papel de orientador das atividades do aluno, de consultor, de facilitador da aprendizagem, de

alguém que pode colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno” (p. 09).

O uso de tecnologias no ensino superior, como instrumento potencializador da aprendizagem, deu ensejo a expansão da Educação à Distância, na qual, segundo Costa et al. (2014), o aluno pode reorganizar o seu estudo, conciliando com sua condição de trabalho ou financeira, sem a necessidade de contato direto com outras pessoas diariamente, como ocorre no ensino presencial.

### 1.1.2 Ensino a Distância - EAD

O marco de incentivo legal de muita importância para o Ensino à Distância ocorreu no Brasil, nos anos 1990, foi com a publicação do Decreto n.º 1.237/1994 e com a disposição do Art. 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) n.º 9.394/1996, que lhe deram possibilidades de crescimento. A Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) considera o EAD como a modalidade em que o ensino-aprendizagem se dá, predominantemente, sem a presença de professores e alunos no mesmo horário e local (Alves et al., 2020).

Ademais, tanto se usa a sigla EAD para ensino à distância, quanto para educação à distância. Nesse sentido, Santos (2018) esclarece que a diferença entre os dois é bastante tênue e que, enquanto o termo «ensino» se relaciona com a transmissão da informação, atribuindo-se poder ao conteúdo num processo individualizado, o termo «educação» está relacionado com as componentes da teoria e da prática, das quais a interação, a partilha e a colaboração têm especial destaque.

Para Santos (2018), esses momentos de interação, de partilha e de colaboração, são essenciais para o desenvolvimento de competências que ultrapassam a mera retenção de conteúdos, tornando as pessoas mais aptas a encarar numerosas situações e a trabalhar coletivamente.

Destarte, quando se fala de EAD, normalmente refere-se a um sistema de educação no qual os alunos e os professores não estão no mesmo lugar. Diferente da educação baseada no modelo tradicional, ela se caracteriza pela separação completa em termos de espaço e tempo, para a maioria das atividades de ensino-aprendizagem. O ensino é mediado por meio de várias tecnologias e a aprendizagem normalmente é feita num terminal individual, localizado em local privativo do aluno, seja em sua casa ou no trabalho.

Supõe-se que a EAD só se efetiva quando um processo de utilização garante uma comunicação recíproca visivelmente educativa. O ensino a distância não se propõe somente a colocar a disposição do aluno distante, materiais para sua instrução, ele propicia uma didática que oferece atendimento pedagógico que, superando a distância, viabiliza a essencial relação professor-aluno, por meios e estratégias que garantam resultados eficazes.

Segundo Palloff e Pratt (2002), as várias definições de EAD, geralmente se referem ao oferecimento de recursos para a aprendizagem de alunos “remotos” e envolvem tanto o ensino a distância (o papel do professor no processo) quanto a aprendizagem a distância (o papel do estudante). Numa definição muito clássica de EAD, Garcia (1994, p. 1) afirma que:

O Ensino à Distância é um sistema tecnológico de comunicação bidirecional, que pode ser massivo e que substitui a interação pessoal, na sala de aula, de professor e aluno, como meio preferencial de ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e pelo apoio de uma organização e tutoria que propiciam a aprendizagem independente e flexível dos alunos.

Segundo McConnel (2000) a Educação é fundamentalmente um processo cooperativo e colaborativo. Quando se fala em EAD, busca-se caracterizar o ensino e a aprendizagem colaborativos; ao mesmo tempo, considera o uso de recursos computacionais como ferramentas de suporte.

Sobre isso, reforça Walker (1997, p. 28) “em geral, a aprendizagem colaborativa envolve estudantes trabalhando em conjunto com uma variedade de configurações como parte de um esforço cooperativo para entender o material didático ou para completar uma tarefa”.

Esta forma de ensino permite ao aluno planejar sua própria aprendizagem, definindo suas metas, buscando e utilizando os recursos que estejam ao seu alcance. Se o estudante tem um grupo de objetivos, pode alcançá-los fazendo uso de suas habilidades, segundo as metas a que se propõe e não somente as indicadas pelo seu professor.

Assim, para evidenciar as diferenças entre as duas modalidades de ensino já comentadas, apresenta-se a figura 1, elaborada por Costa et al. (2014), traçando um comparativo:

<b>Presencial</b>	<b>A distância</b>
Estudantes homogêneos em idade, em qualificação e em nível escolar.	Estudantes heterogêneos em idade, qualificação e nível de escolaridade.
Aprendizagem dependente, o aluno depende do professor e de uma estrutura curricular.	Aprendizagem independente que produz uma menor interação social e é o aluno que determina seu próprio currículo.
Somente um tipo de docente, basicamente um educador.	Vários tipos de docentes e estes são produtores de material.
Comunicação: uso limitado de meios e a comunicação é direta.	Comunicação: por ensino multimídia, sendo assim é diferenciada em espaço e tempo.
Nível universitário se torna menos democrático, mais elitista e seletivo.	Tendência deverá ser mais democrático, possibilitando maior acesso de estudantes por curso.

**Figura 1.** Comparação do ensino presencial com o ensino a distância.  
Fonte: Costa et al. (2014, p. 2091).

Portanto, com a modalidade do ensino a distância, os processos de ensinar e aprender deixaram de estar confinados à sala de aula ou ao dia a dia da escola, haja vista a existência de muitas tecnologias que podem oferecer maior flexibilidade no que diz respeito a quando, onde e como a educação será distribuída.

Quanto à eficácia do ensino a distância, pode-se dizer que pode ser tão eficaz quanto o tradicional, a depender, principalmente, dos métodos e tecnologia utilizados e sua adequação em relação às tarefas ou objetivos instrucionais. A eficácia também será afetada pelas interações aluno-aluno e aluno-instrutor.

Cabe esclarecer que quando se fala em EAD fala-se de parte da educação *online*, que é um termo mais genérico que abrange, também, as aulas remotas (ou o ensino remoto), sobre o que se discorre a seguir.

### 1.1.2 Ensino Remoto de Emergência

De acordo com Dau (2021), o ensino remoto é todo conteúdo que se produz e disponibiliza *online*, e é acompanhado em tempo real pelo professor que leciona determinada disciplina, sempre seguindo cronogramas adaptáveis do ensino tradicional. Na definição de Almeida e Melo (2021):

O ensino remoto está se aproximando mais do formato presencial, ocupando muitas vezes o tempo designado para as aulas presenciais e requerendo a presença síncrona dos alunos, ainda que sua infraestrutura não permita conexão sustentável. O ensino remoto é a forma com a qual as atividades de formação, orientação e integração estão ocorrendo e para o gestor, é essencial o domínio de um ambiente virtual, para o

engajamento de seus funcionários nas atividades de aprendizagem (p. 3).

Geralmente, esse tipo de aula constitui uma medida emergencial, caso as atividades presenciais precisem ser suspensas, como ocorreu desde 2020 com a pandemia da Covid-19, e objetiva evitar que aconteçam atrasos no progresso escolar, seja de crianças e adolescentes, seja de universitários.

Ainda com base em Dau (2021), essa modalidade de ensino, além de oferecer todo tipo de suporte ao aluno, também disponibiliza materiais para que ele receba um ensino com a mesma qualidade que teria nas aulas presenciais. Nessa perspectiva Béar (2020) enfatiza que as atividades remotas emergenciais não se constituem só de videoaulas, pois nesse tipo de ensino, o professor precisa participar ativamente do conteúdo, interagindo em tempo real com seus alunos e elaborando tarefas para serem realizadas e postadas ao longo da semana na plataforma selecionada pela instituição.

No Brasil, a portaria n.º 544, de 16 de junho de 2020, do Ministério da Educação, estabeleceu que as aulas presenciais fossem substituídas por aulas em meios digitais, e, conseqüentemente, que as disciplinas presenciais fossem substituídas por atividades utilizando recursos educacionais digitais, em cursos regularmente autorizados, em caráter excepcional, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus. Desse modo, depois de definir os componentes curriculares que poderiam ser substituídos, as instituições de ensino e todos os envolvidos se empenharam em formular estratégias para viabilizar as atividades acadêmicas, em adequar planejamentos didáticos no processo de ensino e aprendizagem (Ries et al, 2020).

Vellar (2021) observa que as atividades desenvolvidas, tanto no modo remoto quanto no ensino a distância, se forem bem planejadas e empregadas, podem favorecer uma aprendizagem produtiva, desde que se utilizem as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) adequadas. Tais atividades se baseiam na concepção de que o conhecimento será construído pelos alunos de maneira colaborativa, ativa e participativa. Por isso, são essenciais para o compartilhamento do conhecimento construído.

As atividades remotas precisam ser bem estruturadas para serem motivadoras, envolventes e intencionais, a fim de oportunizarem uma aprendizagem ativa e desenvolverem as competências e habilidades

indispensáveis ao aluno (Vellar, 2021). Sobre essas atividades, Dau (2021) menciona que podem ser assíncronas e síncronas.

As atividades assíncronas são usadas nas aulas remotas e a distância, sem que alunos e professores precisem estar *online* na plataforma para ter acesso ao conteúdo, o qual pode ser acessado pelo estudante a qualquer momento, pois são disponibilizadas em forma de vídeo-aulas, fóruns de discussão, e-mails, slides, ebooks, entre outros, que ficam hospedadas nas plataformas de transmissão. Já as atividades síncronas são aquelas que fazem parte das aulas remotas, exigindo interação entre professor e alunos, em tempo real, seja através de salas virtuais, ligações de voz ou até por *chats* simultâneos (Dau, 2021).

Quanto às Instituições de Ensino Superior, precisaram, em caráter emergencial por conta da pandemia do Covid-19, transportar o ensino presencial físico exclusivamente para os meios digitais. As aulas ocorreram de forma síncrona, com videoaula, e as atividades postadas no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona. Desse modo, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial foi “substituída” por uma presença digital numa aula *online* (presença social). Assim, projeta-se a presença por meio da tecnologia, que pode ser garantida identificando-se formas de contato efetivas pelo registro nas funcionalidades de um AVA, como a participação e discussões nas aulas *online*, nos *feedbacks* e nas contribuições dentro do ambiente (Béar, 2020).

Em todas as três modalidades de ensino comentadas, segundo Santos (2018), a avaliação continua a ter uma função de classificação, seriação e certificação, própria do sistema educativo; todavia, ela assume agora uma nova função reguladora, ao focar essencialmente na ação do estudante, que passa a ser o principal agente regulador da aprendizagem. Nessa perspectiva, passa-se a abordar os tipos de avaliação.

## 1.2 A Avaliação por competências

Conforme Marinho-Araújo e Rabelo (2015, p. 444), a avaliação é um “processo que envolve concepções, crenças, valores, princípios, teorias, conceitos, metas, desejos, trajetórias” e que, na opinião destes autores, quando focado na educação, se torna extremamente mais complexo, criando desafios

difíceis à sua verificação e registro.

Assim, a avaliação educacional pode ser definida como o processo de coleta de informações sobre o que os alunos aprenderam em seus ambientes educacionais. Trata-se, portanto, de um processo qualitativo e quantitativo de documentar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, pelo qual se mede e atribui valores sobre os alunos quanto às suas capacidades e experiências no contexto da educação e da aprendizagem, podendo se concentrar no aprendizado individual ou coletivo.

Existem pessoas que acreditam que o conceito de avaliação se equipara ao de testes educacionais. Todavia, embora este seja certamente um ponto de partida válido, ele não traduz um quadro completo, haja vista que as avaliações educacionais não são necessariamente exames ou testes, e têm um conceito muito mais amplo.

Um teste educacional, ou um exame, é usado para examinar o conhecimento de alguém sobre algo, para determinar o alcance do aprendizado. O objetivo do teste é medir o nível de habilidade ou conhecimento adquirido. Já uma avaliação é um processo de documentar conhecimentos, habilidades, atitudes e crenças, geralmente em termos mensuráveis. Para Diniz (2020, p. 02), os objetivos da avaliação escolar são:

Mensurar o desempenho escolar dos estudantes; avaliar a curto, médio ou longo prazo se os alunos estão aprendendo realmente os conteúdos; e, analisar se as competências e habilidades desenvolvidas em sala de aula foram absorvidas completamente. Além desses objetivos voltados aos estudantes, a análise dos resultados obtidos nas avaliações também é muitíssimo relevante para o planejamento das estratégias pedagógicas futuras a serem implantadas na escola.

Destarte, entende-se que o objetivo de realizar uma avaliação na educação é melhorar o método de ensino atual, para os professores, e o processo de aprendizagem, para que os alunos obtenham melhores resultados. Pode-se afirmar, então, que a avaliação educacional é um processo contínuo, que vai desde as atividades que os professores realizam com os alunos em salas de aula todos os dias até testes padronizados, teses universitárias e instrumentos que medem o sucesso dos programas de formação corporativa.

Segundo Marinho-Araújo e Rabelo (2015), um dos grandes desafios colocados aos processos avaliativos é, entre os aspectos a serem avaliados,

privilegiar o desenvolvimento de competências, uma vez que, focar nisso implica explicitar os referenciais utilizados na compreensão desse conceito, que é complexo e possui múltiplas dimensões, bem como em sua ampliação. Nesse sentido, Silva, Jung e Forsatti (2021, p. 3) afirmam que:

É necessário entender as particularidades dos estudantes de hoje e buscar melhores maneiras de ensinar e avaliar a aprendizagem. Nesse sentido, surge a avaliação por competências que se volta para o desenvolvimento contínuo do educando, com *feedbacks* e diálogos.

Makulova et al. (2015) relatam que a abordagem por competências foi ampliada no início do século XXI em conexão com as discussões sobre problemas e formas de modernização da educação, pela qual passou a se considerar a educação inovadora não somente como uma nova forma de ensinar, mas também uma nova forma de pensar. Esta formação centra-se não na transferência de conhecimentos, que constantemente desatualiza, mas no domínio das competências essenciais que lhes permitem adquirir conhecimentos por si próprios.

Infere-se do exposto que a avaliação baseada em competências deriva de um método de aprendizagem que respeita o ritmo e abordagem únicos que cada aluno precisa para desenvolver habilidades essenciais, sendo, portanto, personalizado, flexível e orientado para o desempenho. Logo, enfatiza e incentiva a demonstração de habilidades essenciais aplicadas não apenas na sala de aula, mas em qualquer situação do mundo real.

De acordo com Scallon (2017), para alcançar esse objetivo, é fundamental reforçar a função cognitiva da escola, estabelecendo relações estreitas entre a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de processos de pensamento. A ênfase colocada no desenvolvimento de competências impossibilita o foco exclusivamente na aquisição de conhecimentos disciplinares, mas potencializa o desenvolvimento de processos de pensamento necessários para assimilá-los e usá-los na vida real.

Destarte, a aprendizagem exige que o aluno passe por um processo de apropriação pessoal. Por causa dessa concepção de aprendizagem, o aluno continuamente questiona suas próprias convicções. Esse questionamento permanente leva o aluno a revisar seu conhecimento prévio e seu escopo para comparar suas próprias representações com as de seus colegas de classe, para buscar informações e validá-la por meio da consulta de várias fontes de

documentação ou pessoas em posse de informações (Scallon, 2017).

Isso, na opinião de Luckesi (2014), pressupõe que o aluno crie situações de aprendizado e avaliação relacionadas tanto ao processo quanto aos resultados. Conforme este autor, as interações com seus colegas de classe e seu professor o ajudam a:

- a) Fazer uma representação de situações;
- b) Encontrar várias maneiras de executar tarefas;
- c) Construir e buscar vários recursos;
- d) Avaliar seu progresso durante e ao final das atividades.

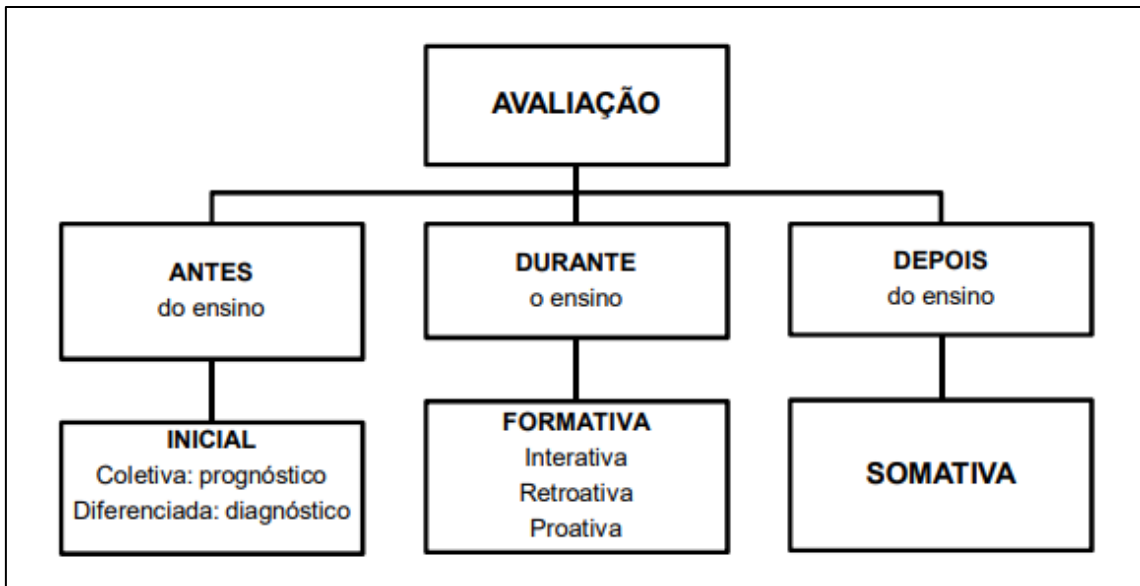
Para isso, o aluno apelará para estratégias cognitivas, afetivas e motivacionais, a fim de estabelecer um equilíbrio entre seus conhecimentos anteriores e seus conhecimentos recém-adquiridos. A reflexão que o aluno fizer sobre seus próprios processos de aprendizagem garantirá a qualidade de sua aquisição e facilitará sua retenção (Palangana, 2015).

Assim, como observa Scallon (2017), uma vez que a aprendizagem é um processo intelectual desafiador, ao mesmo tempo em que realiza uma tarefa, o aluno exibe comportamentos apropriados ao fazer uma ação específica, o que traduz seu desempenho.

Ao focar mais no aluno, os objetivos do ensino facilitam a avaliação da aprendizagem. Assim, avaliações diagnósticas, formativas e sumativas possibilitam redefinir a globalidade do ato avaliador, bem como a interdependência entre o momento diferente em que ocorre, aparecendo como protagonistas no processo de ensino aprendizagem (Diniz, 2020<sup>a</sup>).

Além disso, os objetivos pedagógicos insistem no princípio de que somente o que foi claramente declarado pode ser avaliado ao final do processo de aprendizagem (Luckesi, 2014). Por focar sua atuação no aluno e no seu processo de aprendizagem, o professor determina os objetivos de ensino em termos de desenvolvimento, decide sobre a escolha de métodos, situações, ferramentas de avaliação adequadas, formas de reinvestir pré-requisitos e tipos de trabalho corretivo.

A avaliação está contemplada na Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n.º 9.394, de 20/12/1996 e deve acontecer em diversos momentos durante o ano letivo, por isso ela deve ser: diagnóstica (Inicial), formativa e sumativa, conforme a figura 2.



**Figura 2. Tipos de avaliação.**

Fonte: Lorencini, P. B. M. (2013, p.12).

Assim, o significado da avaliação muda de acordo com a intenção diagnóstica, sumativa ou formativa e torna-se a força motriz para a aprendizagem. Para melhor compreensão do quanto exposto, discorre-se, a seguir, sobre esses tipos de avaliação.

### 1.2.1 Diagnóstica

Conforme observa Dorotea (2018), a introdução da avaliação diagnóstica, que deve ocorrer no início do ano letivo, tem o propósito de criar estratégias de diferenciação, sendo entendida como fundamental, seja pelo seu caráter sistemático e contínuo com o objetivo de regular o processo de ensino, seja por ser contextualizada com as aprendizagens.

A avaliação diagnóstica, com base em Araújo Júnior (2010), é uma avaliação primária, que apresenta, qualifica e produz a importância de algum aspecto da conduta do estudante, implicando um procedimento de exame. Segundo este autor, ela fornece ao educador informações para que possa por em exercício a idealização de forma adaptada às características de seus educandos, por isso, não deve ser desprezada em vários outros andamentos da prática do processo de ensino, haja vista que seu aproveitamento pode ser necessário quando o estudante evidencia empecilhos de aprendizagem.

Entende-se, assim, que se trata de uma forma de medição, uma pré-avaliação, cujo objetivo é verificar, antes do início formal da instrução, os pontos fortes, fracos, conhecimentos e habilidades de cada aluno. Estabelecer isso permite ao instrutor avaliar o nível de compreensão dos alunos sobre o assunto para corrigi-los e ajustar o currículo para atender às necessidades exclusivas de cada um. Com esta forma de avaliação, o corpo docente pode planejar uma instrução significativa e eficiente e pode fornecer aos alunos uma experiência de aprendizagem individualizada.

Desse modo, pode-se afirmar que a avaliação diagnóstica ajuda professores e alunos: professores, porque contribui para determinar o que os alunos já sabem, para que sejam desenvolvidas as lições de acordo; alunos, porque os resultados da avaliação podem direcionar o suporte de remediação para os alunos que precisam, mantendo-os atualizados com o restante dos alunos no curso.

As avaliações diagnósticas incluem conjuntos de perguntas escritas (múltipla escolha ou respostas curtas) que avaliam a base de conhecimento atual do aluno ou as visões atuais sobre um tópico / questão a ser estudado no curso. Pode, no entanto, referir-se a um trabalho escrito tanto no início (pré-teste) quanto no final (pós-teste) de um curso (Lorencini, 2013). Em outras palavras, a avaliação diagnóstica se concentra na compreensão do aluno sobre o assunto

antes deste lhe ser apresentado.

As avaliações pós-curso, então, podem ser comparadas com avaliações pré-curso para mostrar o potencial de melhoria dos alunos em certas áreas. Essas avaliações permitem que o instrutor ajuste o currículo para atender às necessidades dos alunos atuais – e futuras.

Trata-se, assim de um tipo de avaliação fundamental, especialmente em momentos como o que se vive em virtude de uma pandemia, que obrigou as escolas a retomarem as aulas, algumas delas tendo que se adaptar a um modelo híbrido. Depois de anos letivos tão atípicos quanto os de 2020 e 2021, fazer um diagnóstico para saber como conduzir o próximo período será extremamente importante.

Porém, Araújo Júnior (2010) salienta que a avaliação diagnóstica não deve ser empregada por um longo tempo, interferindo na implementação do plano de curso e da programação das atividades didáticas, uma vez que existe uma outra modalidade de avaliação consecutiva que pode bem sucedê-la e que permite a observação do avanço e da qualidade da aprendizagem alcançada pelos alunos, a avaliação formativa.

### 1.2.2 Formativa

A avaliação formativa, também chamada de processual ou de desenvolvimento, ocorre ao longo do processo de ensino-aprendizagem e assim se denomina pelo sentido que tem de aconselhar como os alunos estão se transformando em direção aos objetivos almejados (Araújo Júnior, 2010). Segundo este autor, neste tipo de avaliação, o professor acompanha o estudante metodicamente ao longo do processo educativo, tendo condição de saber, em determinados períodos, o que os alunos já aprenderam diante dos escopos indicados, ou, numa análise crítica à educação tradicional, em face dos conteúdos trabalhados.

A avaliação formativa consiste na recolha, análise e interpretação sistemática de evidências para determinar o estado do aluno relativamente aos seus progressos em relação aos desempenhos expectáveis, com o objetivo de identificar as suas dificuldades e lacunas e, através do *feedback*, orientá-lo para as ultrapassar rapidamente (Dorotea, 2018, p. 04).

A avaliação formativa é, portanto, um processo de avaliação contínua bidirecional em que o corpo docente reúne informações sobre o desempenho

dos alunos enquanto o aprendizado está em andamento e lhes fornece *feedback* com base nas observações do corpo docente sobre como eles podem atingir ou superar os resultados de aprendizagem do programa estabelecido.

Salomão e Nascimento (2015) caracterizam a avaliação formativa pelos seguintes aspectos: permite que o educador reflita e analise o seu trabalho pedagógico em sala de aula, bem como que ele reveja, investigue e aperfeiçoe constantemente a sua teoria e prática, conforme as necessidades dos alunos; oferece aos alunos informações sobre seu progresso na aprendizagem, fazendo-os conhecer seus avanços, bem como suas dificuldades, para poder superá-las. Os autores destacam os seguintes elementos numa avaliação formativa: regulação do ensino e aprendizagem, o *feedback* e a autorregulação da aprendizagem:

a) Regulação do ensino e aprendizagem: processo de ajustamento em que se destacam as questões: o que e como fazer para que os alunos aprendam, superem as dificuldades e avancem no processo de construção dos conhecimentos e das aprendizagens? Assim, é o momento em que o professor irá regular e intervir na superação das dificuldades dos alunos, para que avancem no processo de construção das aprendizagens. Para isso, é fundamental que ele saiba o que, por que, para que e como ensina, avalia e aprende, podendo avaliar melhor seu trabalho, reconstruí-lo e elevá-lo a um patamar de qualidade;

b) O *feedback* é o processo pelo qual o professor mostra, informa e esclarece aos alunos os seus erros e acertos sobre um determinado conteúdo ou informação que está sendo trabalhado, oralmente ou por escrito, bem como por que o aluno errou, o que faltou, qual o caminho que deve ser percorrido para que se concretize em um saber enriquecido para ele. É o *feedback* que possibilita fazer a regulação do processo de ensino e da aprendizagem, bem como que o aluno realize a autorregulação de sua própria aprendizagem;

c) A autorregulação da aprendizagem consiste na capacidade que o aluno desenvolve para superar as suas dificuldades e avançar em seu processo de construção das aprendizagens e dos conhecimentos, o que lhe requer analisar situações, reconhecer e corrigir seus eventuais erros nas tarefas, ou situações do ato educativo, criando-se e elaborando-se estratégias, ações e atitudes para a melhoria do processo de aprendizagem. Destarte, os objetivos propostos devem estar claros tanto para o professor como para os alunos.

Infere-se do exposto que as avaliações formativas capturam o

aprendizado em processo para identificar lacunas, mal-entendidos e entendimentos em evolução antes de avaliações sumativas. Nessa perspectiva, ela pode tomar uma variedade de formas, como perguntas informais, testes práticos, trabalhos e exercícios, pois, de acordo com seu objetivo, esse tipo de avaliação permite que os alunos pratiquem habilidades ou testem conhecimentos sem as pressões associadas às notas. Para Fernandes (2008), defensor da avaliação formativa:

A avaliação formativa é um poderoso processo pedagógico que ajuda a melhorar muito a qualidade do que e como os alunos e os seus professores aprendem e ensinam. A avaliação, qualquer que ela seja, tem, acima de tudo a ver com a partilha de informação entre alunos e entre estes e os seus professores. Tem a ver com a comunicação que se estabelece nas salas de aula.

### 1.2.3 Sumativa

Materializada como uma avaliação final, haja vista que acontece no fim de um processo de educação e aprendizagem, tem função classificatória, pois conferirá uma classificação ao estudante conforme os níveis de aplicação no fim de uma unidade, de uma disciplina, de um período, de um curso. Este tipo de avaliação promove a definição de escopos, frequentemente é baseada nos conteúdos e procedimentos de medida, como provas, teste objetivo, dissertações-argumentativas. Tanto a avaliação diagnóstica quanto a formativa colaboram para a avaliação sumativa, pois a avaliação da aprendizagem é um ciclo de intervenções pedagógicas de um mesmo processo (Araújo Júnior, 2010).

Para Luckesi (2015), o objetivo da avaliação sumativa é avaliar a aprendizagem do aluno no final de uma unidade de instrução, comparando o seu desempenho com algum *benchmark* padrão (uma meta definida). As avaliações sumativas costumam ter um valor de ponto alto. Elas servem como a avaliação final do desempenho do aluno em um determinado resultado de aprendizagem, em uma determinada área de assunto.

No mesmo sentido é a opinião de Lorencini (2013), para quem a avaliação sumativa ocorre ao final do processo de ensino-aprendizagem tendo por função sintetizar as aprendizagens dos educandos e verificar o que eles aprenderam de

fato, classificando-os ao final da unidade, semestre ou ano letivo, segundo níveis de aproveitamento apresentados. Logo, segundo este autor, o objetivo desta modalidade de avaliação é classificar o aluno para definir se ele será aprovado ou reprovado e está vinculada à noção de medir.

Desse modo, para que a avaliação sumativa funcione, o corpo docente precisa identificar claramente os objetivos do programa e os resultados de aprendizagem. Os resultados esperados e os critérios de avaliação precisam ser claramente comunicados aos alunos no início do curso. As atividades de avaliação sumativa devem se concentrar em resultados de aprendizagem e não ser uma simples nota de aprovação em um exame final de curso.

Para realizar as avaliações diagnóstica, formativa e sumativa, Lorencini (2013) afirma que são usados instrumentos de verificação do rendimento escolar variados, entre os quais, os mais utilizados no cotidiano escolar são os que se apresentam na figura 3:

<b>INSTRUMENTOS AVALIATIVOS</b>	<b>PROCEDIMENTO</b>	<b>PONTOS POSITIVOS E/OU NEGATIVOS</b>
Observação e registro	O professor faz observação e registro sobre a aprendizagem dos alunos todos os dias. Pode ser feito quando um aluno explica um exercício no quadro, ou resoluções em seu caderno, etc.	Positivo: pode revelar mais do que uma avaliação formal. Negativo: devido ao grande número de alunos por turma, torna-se impossível verificar todos os alunos todos os dias.
Portfólio	Cada aluno tem uma pasta contendo os seus trabalhos do período, que o professor recolherá para verificar o progresso de cada um. Esta pasta pode conter, além de trabalhos: desenhos, reflexões, relatórios sobre jogos, alguns problemas e exercícios especiais, etc.	Positivo: evidencia a organização do aluno, seu esforço nas atividades e suas possíveis anotações. Negativo: se não houver um planejamento e organização, gasta-se tempo e esforço com pouco resultado.
Provas	Podem ser escritas ou orais; de múltipla escolha ou com questões abertas; com consulta; com auxílio de calculadora; com formulário; realizadas individualmente ou em dupla/grupo, etc.	Positivo: permitem verificar capacidades, como interpretar, levantar hipóteses, justificar escolhas, desenvolver estratégias, argumentar, analisar, etc. Negativo: quando não assume o papel de investigação, dá ênfase demasiada a nota e acaba servindo apenas para classificar o aluno.
Trabalho	Podem ser feitos em sala de aula ou em casa; individual ou em grupo; com prazos curtos ou longos. Podem ser dados por meio de leitura de livros paradidáticos; pesquisas na internet, jornais, revistas ou outros livros; pesquisas de estatística; apresentação oral de pesquisa; teatros; redação/resumo	Positivo: podem evidenciar criatividade, organização, senso crítico e estético, raciocínio e sociabilidade. Negativo: quanto aos trabalhos escritos, em alguns casos, os alunos não compreendem a “função” de um trabalho escolar e acabam fazendo cópias uns dos outros ou não

	de textos, e outras tarefas.	entregam no prazo.
Autoavaliação do aluno	Os alunos opinam sobre si mesmos e sobre as aulas. A autoavaliação não deve ter vínculo com a nota.	Positivo: leva o aluno a refletir sobre suas dificuldades e potencialidades ajudando-o no desenvolvimento de sua autonomia. Negativo: pode perder seu foco formativo e tornar-se um elemento de correção da nota.

**Figura 3. Instrumentos de verificação do rendimento escolar.**

Fonte: Lorencini (2013, p. 16).

Conforme Pena (2021), as informações das avaliações sumativas também podem funcionar de forma formativa, quando o corpo docente ou os alunos as usam para orientar seus esforços e atividades em cursos subsequentes para melhorar o ensino e a aprendizagem.

Para resumir as características principais das três modalidades de avaliação comentadas, apresenta-se a figura 4:

	Avaliação diagnóstica	Avaliação formativa	Avaliação somativa
<b>Tipo de feedback</b>	Pode ser mais informal.	Baseado em diálogo/comentários, autoavaliação, etc.	Notas e conceitos.
<b>Quando é aplicada</b>	Antes de iniciar o ciclo ou a progressão de conteúdos.	Continuamente, durante as experiências de aprendizagem (pequenos <i>check-ins</i> ).	Final de ciclos.
<b>Porque é aplicada</b>	Avaliar conhecimentos prévios, habilidades, etc. Fornecer ao professor informações sobre o que os alunos já sabem e quais as defasagens de aprendizagem.	Monitorar o aprendizado e fornecer <i>feedback</i> para ajudar o aluno a aprender mais e melhor e atingir os objetivos propostos.	Para dar uma descrição/classificação geral da situação dos níveis de aproveitamento dos alunos e avaliar a eficácia do ambiente educacional.
<b>Caráter</b>	Qualitativo.	Qualitativo.	Quantitativo.

**Figura 4. Quadro-resumo com as principais diferenças entre as avaliações diagnóstica, formativa e sumativa.**

Fonte: Faz Educação & Tecnologia (2017). Qual é a diferença entre avaliação diagnóstica, formativa e somativa? <https://www.fazeduacao.com.br/post/diferenca-entre-avaliacao-diagnostica-formativa-e-somativa>.

### 1.3 A Avaliação mediada por tecnologias digitais

A popularização das diversas mídias digitais tornou mais acessível o alcance, a produção e a socialização da informação, fatos que possibilitaram o estabelecimento de uma nova cultura de aprendizagem (Araújo & Vilaça, 2016). “As tecnologias hoje perpassam por diversos setores da sociedade, como nas

escolas, setores públicos, hospitais, comércio, dentre outros” (p. 21).

Nesse novo cenário, aprender é uma necessidade cada vez mais presente, e que vai além dos muros da escola, continuando ao longo da vida. Pesquisadores como Kiliç-Çakmak (2010) e Livingstone (2011), no entanto, apontam que o acesso a essa multiplicidade de informações, promovido pela chamada sociedade do conhecimento / aprendizagem, não garante a extensão ou o aprofundamento na apropriação dos saberes da disciplina.

“A prevalência crescente das tecnologias digitais e da internet no ensino e na aprendizagem apresenta, assim, novos desafios para a avaliação digital *online*, bem como novas oportunidades” (Dorotea, 2018, p. 15). No mesmo sentido é a opinião de Santos (2018), para quem, se a avaliação presencial já traz consigo inúmeros problemas, tornando-se um tema complexo de gerir, tanto por professores como por estudantes, avaliar digitalmente é uma missão ainda mais difícil de concretizar, principalmente pela ausência de sinais – corporais e faciais – e do imediatismo da comunicação verbal.

Com base em Dorotea (2018), a avaliação deve ser concebida como um recurso importante do desenvolvimento qualitativo, e de melhoria efetiva do ensino. Assim, é importante estudar estratégias que promovam a retenção das aprendizagens por longos períodos, simplifiquem o processo de recuperação sempre que necessário e sejam implementáveis. Nesse aspecto, as provas digitais *online* de avaliação formativa se apresentam como um instrumento possivelmente benéfico na contribuição para a retenção das aprendizagens a longo prazo e, conseqüentemente, para o sucesso acadêmico. Dorotea (2018) entende como provas digitais, aquelas entregues e geridas através de sistemas de ambiente Web (Internet).

Nesse sentido, Pozo (2004) enfatiza a necessidade de habilidades específicas do aprendiz. É necessário que o indivíduo seja capaz de identificar, selecionar, interpretar, comparar, analisar e sintetizar informações, tanto em termos de ensino estritamente presencial, quanto em situações mediadas por tecnologias digitais no contexto *online* (Livingstone, 2011).

No que se refere aos recursos tecnológicos utilizados em contextos *online*, Kiliç-Çakmak (2010) e Livingstone (2011) evidenciam essas habilidades, salientando a necessidade de alfabetização no uso da Internet, ou cibernética; ou seja, o aluno deve ser capaz de saber como utilizar informação *online*,

apresentada nos mais diversos formatos, que sejam verdadeiramente relevantes para o processamento cognitivo da aprendizagem e para o desenvolvimento de práticas sociais, ultrapassando a fronteira entre o conhecimento informal e o formal, ampliando suas competências.

### 1.3.1 Competências Digitais

Estudos indicam que, no decorrer do processamento da informação, a compreensão e adoção de algumas estratégias trazem melhorias significativas para a aprendizagem, ajudando os alunos a fortalecerem sua percepção de competência e sua autonomia na tomada de decisões (Beluce & Oliveira, 2015).

De acordo com Perassinoto et al. (2013), existe uma gama de categorizações de estratégias de aprendizagem, tais como: estratégias de teste, elaboração, organização, monitoramento, afetivo, registro de informações, organização do ambiente, busca por ajuda, autoavaliação, gerenciamento de tempo e esforço, entre outros. Em geral, autores como Oliveira et al. (2011) classificam as estratégias de aprendizagem em dois grupos: cognitivas e metacognitivas.

As estratégias cognitivas atuam na organização, armazenamento e processamento da informação e são descritas como as estratégias que auxiliam os alunos a recuperar e processar a informação da memória de forma mais eficiente (Perassinoto et al., 2013).

Essas estratégias cognitivas também podem ser especificadas em estratégias de teste, elaboração e organização de informações. Assim, as estratégias de teste projetam técnicas para repetir ou ensaiar informações; as estratégias de elaboração envolvem as articulações entre o conteúdo novo e o já aprendido e as estratégias de organização dizem respeito às ações que o aluno realiza para distinguir as partes do conteúdo e estabelecer ligações semânticas entre elas (Oliveira et al., 2011).

As estratégias metacognitivas são categorizadas em estratégias de planejamento, monitoramento e regulação da aprendizagem. Boruchovitch e Santos (2015) consideram-nas mais complexas do que as estratégias cognitivas porque retratam as ações mentais dos alunos para autorregular a sua própria aprendizagem.

Assim, as estratégias de planejamento tratam da estruturação dos objetivos a serem trabalhados; as estratégias de monitoramento contribuem para a identificação do sujeito e acompanham a eficácia com que ele está aprendendo o conteúdo proposto e, por fim, as estratégias de regulação auxiliam o aluno a reconhecer, analisar e intervir nos comportamentos de estudo, buscando

fornecer e ampliar resultados eficazes para a aprendizagem (Oliveira et al., 2011).

As estratégias de aprendizagem podem ser mediadas por tecnologias de mídia clássicas ou por meio da mídia online. Segundo Silva (2010), os meios clássicos são aqueles veiculados por tecnologias como o rádio, os impressos (jornais, revistas, livros), a televisão, entre outros, enquanto os meios online são designados por sua propriedade digital microestrutural, constituída pouco a pouco, a condição que facilita a manipulação e transformação da informação.

Veiga Simão (2004) realizou um estudo que apresenta observações feitas por professores sobre as estratégias utilizadas pelos alunos para estudar. Nos relatos descobertos, os professores observaram que os alunos têm dificuldade em organizar recursos e tarefas, priorizar a improvisação em detrimento do planejamento dos estudos, estabelecer poucas relações entre novas informações / conteúdos e conhecimentos já apropriados e não sistematizar ou refletir sobre as etapas cognitivas que realizam para aprender.

Nessa perspectiva, Veiga Simão e Frison (2013) explicam que para ensinar o aluno a empregar estratégias de aprendizagem, é necessário, primeiro, que o professor também utilize essas estratégias para aprender. Para os autores, os professores devem utilizar estratégias de autorregulação em diferentes situações, nomeadamente, como aprendiz e no exercício da prática pedagógica, por exemplo: no planejamento do processo de aprendizagem e das aulas a ministrar, na gestão de recursos para estudo e para fins didáticos, no acompanhamento das motivações e emoções e na autoavaliação e regulação das suas ações, sejam elas voltadas para a aprendizagem ou referentes à metodologia de ensino implementada.

No que tange as estratégias de aprendizagem mediadas pelo uso de tecnologias digitais, são incipientes os estudos que tratam deste tema, principalmente no que diz respeito ao uso de recursos tecnológicos que proporcionam acesso, processamento cognitivo e produção de informação no formato digital. Entre esses estudos estão os trabalhos de: Tsai (2009) e Tsai, Liang, Hou & Tsai (2012), que pesquisaram estratégias de aprendizagem com o uso de recursos digitais para buscar e compreender informações em situações online.

Diante do exposto, é possível avaliar a importância de estudos que

investiguem estratégias de aprendizagem que favoreçam a busca, organização e processamento da informação veiculada tanto pela mídia clássica quanto digital, que subsidiarão a necessária reflexão e autorregulação para a construção de novos conhecimentos e criação da competência digital.

A competência digital foi definida no relatório Competências-chave para a educação e a formação ao longo da vida, do Parlamento Europeu, em conjunto com a Comissão Europeia de cultura e educação, em 2006, como o uso seguro e crítico das tecnologias da informação para o trabalho, o lazer e para a comunicação (Silva & Béar, 2019).

Por essa definição, entende-se que a competência digital consiste em um conjunto de habilidades necessárias para usar dispositivos digitais, aplicativos de comunicação e redes para acessar e gerenciar informações, desde a pesquisa e o e-mail *online* básicos até a programação e desenvolvimento especializados. Em sua essência, essas habilidades ajudam as pessoas a se comunicarem e colaborarem, desenvolverem e compartilharem conteúdo digital, além de resolverem problemas em um mundo de trabalho, em qualquer lugar (Dâmaris, 2021).

Para Jorgi Adell (2005) citado por Silva e Béar (2019), as competências digitais podem ser sistematizadas em cinco pontos: Competência Informacional; Competência Tecnológica; Competência da Alfabetização Múltipla; Competência da Alfabetização Cognitiva; e Competência da Cidadania Digital.

Cabe mencionar que as competências digitais nunca foram tão críticas para a força de trabalho nos mais diversos campos, inclusive no da educação, como demonstrado pela mudança universal para interações digitais como trabalho remoto e colaboração virtual, em virtude do momento pandêmico. Embora essa mudança tenha produzido muitos benefícios, como maior flexibilidade para os professores, também resultou na ampliação de uma lacuna de habilidades e competências notáveis.

Assim, torna-se imprescindível que o professor experimente o uso de estratégias de aprendizagem em sua formação, visto que tal vivência é fundamental para a realização de uma prática pedagógica estratégica, ou seja, é necessário que o professor não se concentre apenas nos conteúdos a serem ministrados, mas também proporcione ao aluno o ensino dos processos de estudo que possibilitam a aprendizagem de novos conhecimentos (Veiga Simão

& Frison, 2013).

Portanto, é importante considerar a relevância de instrumentos que mensurem as estratégias utilizadas pelos professores, tanto nos momentos de estudo pessoal quanto nas situações profissionais em que planejam e realizam ações educativas. Igualmente importante é mensurar as observações que esses professores fazem a respeito das estratégias que seus alunos adotam para aprender, uma vez que o uso adequado de tais observações pode contribuir para que o professor acompanhe e avalie sua própria prática docente, buscando implementar ações e utilizar ferramentas que melhor atendam às necessidades cognitivas e sociais do processo de aprendizagem desses alunos (Figueiredo, 2016), seja por meio de tecnologias clássicas ou de mídia *online*.

Conforme observa Dorotea (2018, p. 18), “a massificação do acesso e utilização da internet em vários contextos e a disponibilidade de inúmeras ferramentas Web de forma gratuita”, em diversas atividades de aprendizagem desenvolvidas no contexto educativo pode-se fazer uso destas tecnologias com vantagens expressivas.

A principal função da Internet na maioria das salas de aula é funcionar como uma ferramenta para coletar informações sobre quase todos os tópicos, para professores e alunos. Não há como negar que há uma riqueza de informações prontamente disponíveis na forma de textos, fontes primárias, fotos, jornais *online*, apresentações multimídia, editoriais, mapas, bancos de dados - quase tudo que se possa pensar em quase qualquer tópico.

Uma das atividades mencionadas por Dorotea (2018) é a prova de avaliação com propósitos formativos, que apresenta, *online*, um conjunto de características que o formato tradicional de papel não tem. De acordo com este autor, o formato papel não permite obter adequadamente e de forma imediata os resultados para os quais este propósito de avaliação tem potencialidades, como por exemplo o *feedback* imediato, descritivo e orientador.

Assim, Dorotea (2018) destaca como elementos centrais da avaliação *online* a celeridade do processo e a redução de tempo e de custos financeiros. Para este autor, o formato *online* apresenta ainda vantagens na avaliação com propósitos diagnósticos e com propósitos sumativos, uma vez que os resultados obtidos podem ser analisados e trabalhados de formas distintas e de acordo com a função avaliativa que se pretende. Porém, ele salienta que a aplicação de

provas *online* em contexto educativo demanda que os alunos desenvolvam competências tecnológicas e digitais que lhes permitam utilizar a tecnologia como uma ferramenta de aprendizagem com naturalidade.

Segundo Ferreira (2011), os professores que tem a concepção de ensino centrada no aluno e orientada para a aprendizagem, utilizam diversos métodos de avaliação, cientes da sua própria responsabilidade em encorajar os alunos para desenvolverem níveis profundos de compreensão. Nesse sentido, discorre-se a seguir sobre as principais ferramentas de aprendizagem integradas a tecnologia.

### 1.3.2 Ferramentas

O processo de progressiva incorporação de práticas de *elearning* nos contextos de ensino presencial implicaram alterações obrigatórias nos processos, estratégias e atividades de ensino e de aprendizagem e, conseqüentemente, nos processos de avaliação das próprias aprendizagens (Gomes, Amante & Oliveira, 2012).

Segundo Gomes (2009), a questão da avaliação das aprendizagens é recorrente no contexto educacional e está muito ligada às concepções de ensino e de aprendizagem vigentes, as quais condicionam a incidência com que se privilegia uma ou outra função da avaliação – função diagnóstica, função formativa ou função sumativa –, bem como os instrumentos e técnicas utilizados com objetivos avaliativos.

Cabe observar que a avaliação *online* é um avanço tecnológico significativo, que deve estar envolvido no sistema educacional uma vez que o processo avaliativo se tornou mais fácil hoje, sem necessidade de usar papel e lápis. Os exames são realizados em um computador que, além de economizar tempo, economiza recursos materiais, como o papel. Essa é uma das razões pelas quais esse método *online* é aceito por todos os institutos educacionais que têm computadores e uma conexão com a internet disponíveis.

Além da economia de tempo e custo, pode-se dizer que outras vantagens das avaliações *online* são: muitas vezes as avaliações podem ser concluídas em menos tempo, pois vários alunos podem completar a avaliação *online* simultaneamente, sem a necessidade de pessoal especializado; as avaliações

podem ser feitas durante a aula, ou em em seus respectivos domicílios, usando-se os próprios dispositivos dos alunos; podem-se ver os resultados e respostas e obter *feedback* instantâneo; e, ajuda o professor a aprender mais sobre seus alunos e se adaptar às suas necessidades, pontos fortes e fracos.

Entende-se, assim, que o impacto da tecnologia no setor educacional é, sem dúvida, benéfico. Em primeiro lugar, ensinar e, em consequência, avaliar os alunos são duas ações que não precisam mais ser limitadas dentro das paredes de uma sala de aula, pois podem ser realizadas a qualquer momento, em qualquer lugar com o auxílio de computadores e da internet.

Silva et al. (2021) observam que, como implicação da pandemia causada pela COVID-19, a tecnologia, rapidamente, se tornou ainda mais importante para a educação, haja vista que o distanciamento social, decretado a fim de controlar a propagação desta doença, fez com que o ensino passasse a ser realizado, principalmente, por meio de tecnologias, síncronas e assíncronas. Neste cenário, a plataforma *Google For Education* e suas ferramentas, se tornaram uma das tecnologias mais utilizadas nos últimos meses. Os autores destacam que entre as ferramentas oferecidas por esta plataforma tem-se o pacote Gsuite, que dispõe de vários artefatos para a área educacional.

Gomes (2009), por sua vez, teceu considerações sobre algumas ferramentas disponíveis para a implementação de práticas de avaliação *online*, que, de forma resumida, são:

a) Registros automáticos ao nível dos *learning managment systems* (LMSs) – sistemas de registro automático das entradas e permanências dos estudantes no sistema, materiais consultados, contributos colocados em fóruns, participação em sessões de chat, realização de atividades propostas, hiperligações visitadas, e outros. Tais registros são importantes no monitoramento do percurso dos estudantes e para que o professor identifique precocemente casos de potencial desmotivação e potencial abandono, revelados por um baixo nível de consultas dos materiais disponíveis, poucas entradas no sistema e poucas participações nos espaços de discussão. Essa identificação permite que os professores atuem de imediato junto do estudante no sentido de resolver eventuais problemas e estimulá-lo ao envolvimento e participação no curso;

b) Testes de escolha múltipla, quizzes, preenchimento de espaços

lacunares – a generalidade dos LMS incorpora um conjunto de funcionalidades tendentes a facilitar as tarefas de avaliação. Encontram-se disponíveis opções de criação de questionários de múltipla escolha, verdadeiro e falso, preenchimento de espaços lacunares, correspondência de elementos e envio de ficheiros que podem corresponder a diferentes tipos de trabalhos dos alunos. O tipo de técnica ou instrumento de avaliação selecionado deve ser articulado com a natureza do que se quer avaliar, pois alguns tipos de instrumentos de avaliação são mais adequados a certos objetivos que outros. Alguns *softwares* de construção de exercícios/testes de avaliação permitem proceder à geração automática e aleatória dos mesmos, a partir de um banco de questões pré-elaboradas, bem como à sua correção automática. Isso permite que os alunos possam recorrer aos mesmos com frequência, podendo constituir situações de avaliação formativa em momentos determinados pelo próprio aluno;

c) Fóruns eletrônicos – instrumento dos LMS que permitem promover espaços de discussão e construção coletiva e colaborativa do conhecimento, o que implica o empenhamento de todos os participantes, nomeadamente, disponibilizando contributos relevantes para as discussões em curso, mas também lendo e discutindo os contributos dos restantes participantes, aspecto que deve ser ponderado no processo de avaliação e classificação de cada um. As atividades de avaliação devem estar ligadas e ser coerentes com os objetivos e as atividades desenvolvidas. A quantificação do número de mensagens de cada aluno é um processo simples e normalmente realizado automaticamente pela generalidade dos LMS, já a apreciação qualitativa do conteúdo dos diferentes contributos, coloca algumas dificuldades que urge ultrapassar, pois se trata de um processo executado manualmente pelo professor, embora alguns sistemas, como o Moodle, por exemplo, já possuam funcionalidades que facilitam esta tarefa. Mas a análise do conteúdo de modo a atribuir a cada mensagem uma categoria, continua a ter que ser realizada pelo professor, sem qualquer automatismo por parte do sistema.

Os fóruns eletrônicos, possibilitam um período de reflexão e pesquisa antes da colocação de alguma mensagem. Por outro lado, a natureza textual das mensagens e o fato destas ficarem gravadas/registadas, possibilita ao professor ter uma visão mais rigorosa do tipo de contribuições dos diferentes alunos. Assim, a análise dos diferentes contributos colocados num fórum pode ser um

processo bastante complexo e exigente em termos de disponibilidade temporal por parte do professor;

d) Conversação síncrona – Chats e VoIP. Utilizadas com diferentes objetivos e funções, podem ser planejadas para discussão de temas, esclarecimento de dúvidas, coordenação e distribuição de tarefas ou como espaço de socialização. Podem contribuir de forma significativa para um melhor conhecimento do perfil de cada um dos alunos. A análise das intervenções dos diferentes participantes numa sessão de chat, principalmente quando a mesma tem objetivos pedagógicos, demanda a intervenção humana para a realização do processo de análise de conteúdo baseado no registro das conversas em ficheiros de texto.

Além dos Chats, há ainda os serviços de comunicação por voz através da Internet, conhecidos por serviços de *Voice sobre Internet Protocol* (VoIP) que permitem a realização de interações síncronas e diretas entre professor e aluno, permitindo situações de discussão de trabalhos realizados pelos alunos e enviados ao professor, discussão de conceitos, textos ou outros materiais pedagógicos, as quais podem constituir-se como momentos de avaliação bastante similar à realização de uma prova oral ou de uma apresentação e discussão oral presencial de um trabalho realizado;

e) Portfólios digitais - constitui uma forma “alternativa” de avaliação e sua adoção em contextos educacionais pode obedecer a diferentes objetivos e cumprir diferentes funções. Uma das vantagens da utilização dos portfólios enquanto instrumento e técnica de avaliação prende-se ao seu potencial de representação dos produtos decorrentes do trabalho e das aprendizagens dos alunos, e também da possibilidade de evidenciar nos mesmos a evolução das aprendizagens dos alunos ao longo do tempo. Também promove práticas reflexivas por parte dos alunos, bem como a sua capacidade de comunicação.

Na avaliação dos portfólios digitais, os elementos a considerar variam em função dos objetivos subjacentes aos mesmos, bem como em função da faixa etária dos alunos. Uma vantagem importante desta ferramenta é que ela permite que o professor faça um acompanhamento contínuo do trabalho do aluno, proporcionando-lhe *feedback* imediato relativamente às suas aprendizagens e produções, bem como também obter informação que pode levá-lo a proceder reajustes ao nível dos conteúdos ou estratégias do curso, caso se revele

necessário. O acompanhamento do desenvolvimento dos portfólios dos alunos permite também ao professor aumentar o grau de conhecimento sobre os mesmos, mesmo sem a possibilidade do contacto presencial;

f) Mapas conceituais - podem ser utilizados como uma forma alternativa de avaliação, e como estratégia de promoção de aprendizagens. Exige uma aprendizagem por parte dos alunos no que se refere ao seu significado e à forma de os elaborar. Por outro lado, é necessário que o professor clarifique os objetivos da sua construção e, dependendo destes objetivos e do nível de desenvolvimento dos alunos, proporcione um nível de apoio adequado. Pode ser usado como forma de avaliação (diagnóstica, formativa ou sumativa) nomeadamente por meio da elaboração de versões sucessivas de mapas conceituais sobre determinada temática que permitam verificar os progressos feitos pelos alunos.

Santos (2018) acrescenta as seguintes atividades do Moodle que contribuem para uma avaliação alternativa digital:

- a) Base de dados – com a função de criar um repositório colaborativo de hiperlinks, livros, referências, trabalhos e outros, oferece como contributos para a avaliação alternativa digital a valorização do trabalho realizado pelos estudantes; a recepção de ideias dadas pelos estudantes por meio de atividade complementar, como o fórum, por exemplo;
- b) Colibri – tem a função de criar sessões síncronas por videoconferência, propicia esclarecimento de questões dos estudantes; apresentação de trabalhos individuais/de grupo com possibilidade de partilha de ecrã; contacto mais próximo entre o docente e os estudantes;
- c) Inquérito – com a função de criar inquéritos predefinidos, traz como contributo a avaliação diagnóstica do perfil dos estudantes e dos estilos de aprendizagem;
- d) Teste – com diferentes tipos de perguntas (escolha múltipla; verdadeiro ou falso; correspondência; de resposta curta), disponibiliza-se informação (com *feedback* imediato) aos estudantes sobre o conhecimento atual acerca de um tema, com a perspetiva de melhorar em determinados tópicos, oportuniza a compreensão de um tema e o

treino para um exame, bem como a autoavaliação;

- e) Trabalho - disponibiliza um enunciado de tarefa a desenvolver para posterior *feedback*, revisão e avaliação de ficheiros em diversos formatos e consolida e melhora as aprendizagens com o auxílio do *feedback* fornecido pelo docente/tutor;
- f) Wiki - permite que, individualmente ou em grupo, os estudantes adicionem uma série de páginas de conteúdos interligando-as. Contribui para o trabalho colaborativo, envolvendo competências diversas (espírito de equipe; resolução de problemas; etiqueta; e outros).

No que diz respeito ao ensino superior à distância, Santos (2018) indica que, entre os inúmeros instrumentos de avaliação possíveis, os que podem ser postos em prática tendo um impacto relevante tanto na avaliação quanto na aprendizagem são: apresentações, portfólios digitais, mapas conceituais, Wikis e Web social para múltiplas tarefas de avaliação.

Todas essas formas de avaliação ganharam ainda mais importância no contexto pandêmico atual, quando os exames tradicionais foram impedidos para centenas de milhares de estudantes e as universidades foram obrigadas a avançar para transformar os processos de avaliação - ao lado da oferta de ensino e aprendizagem.

### 1.3.3 Efeitos da pandemia

Antes da pandemia da COVID -19, já se observava um crescente avanço científico e tecnológico em diversos campos, inclusive na educação. Destarte, a tecnologia já fazia parte da rotina da população e, nas escolas, ela era utilizada por meio de computadores em laboratórios de informática, de formas bem diferenciadas, de acordo com as mais variadas realidades (Moro, 2020).

Com o início da pandemia e suas implicações, as escolas e os professores foram obrigados a repensar rapidamente as formas de ensinar e passaram a utilizar a tecnologia como ferramenta pedagógica.

A maior parte do sistema de ensino superior passou a operar através do digital. A avaliação do processo educacional passou a ocorrer em meio ao

distanciamento social, através da mediação pedagógica remota (Moro, 2020). Enquanto isso, para enfrentar a pandemia COVID-19, em quase todo o mundo as escolas públicas, mesmo as de ensino superior, foram fechadas como uma medida de emergência para conter a disseminação da infecção.

Onde a infraestrutura de TI permitia, mudou-se de aula presencial para a aprendizagem *online* com o objetivo de manter a retenção dos alunos e o acesso à aprendizagem. Uma solução para continuar as atividades de ensino e aprendizagem foi oferecida pelas plataformas *online*. O ensino a distância se fortaleceu e tornou-se uma solução para a continuidade do sistema educacional.

O ensino e a aprendizagem *online* não são um novo modo de entrega para países desenvolvidos e alguns países em desenvolvimento. No entanto, mudar da aula presencial para a aprendizagem *online* vem sendo um desafio para professores, estudantes, famílias e o governo dos países onde faltam finanças, habilidade, infraestrutura de TIC, acesso à internet e recursos educacionais (Basilaia & Kvavadze, 2020).

A mudança da classe presencial para a classe *online* tem um impacto sério nas avaliações. Dependendo da natureza do curso e do tipo de avaliação, sua aplicação *online* é uma tarefa desafiadora. Assim, os professores foram forçados a mudar seus tipos de avaliação para se adequar ao modo *online*. Além disso, é difícil monitorar o aluno, pois como eles estão fazendo cursos *online*, sua aplicabilidade parte do princípio da boa-fé. A avaliação do desempenho dos alunos na aprendizagem *online* é difícil tanto para instrutores quanto para alunos, particularmente o ensino prático, competências técnicas e a avaliação de habilidades práticas é difícil (Béar, 2020).

Não obstante, essa nova forma de ensino ganhou espaço nas universidades, sobretudo em um contexto no qual as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) se destacam e fortalecem os sistemas educacionais. As atividades usadas por docentes envolvem recursos como aplicativos e *softwares* que dinamizam os processos de ensino aprendizagem. Mesmo fora do ambiente acadêmico, podem utilizar tablets, smartphones e computadores para participar e colaborar em cursos e capacitações com pessoas do mundo todo através dessas tecnologias (Fabian et al., 2018).

Programas de capacitação para professores asseguraram a criação de insumos, de materiais e de metodologias de aprendizagem que ajudaram a

superar as dificuldades ocasionadas pelo momento da pandemia de Covid-19, levando todos os atores sociais do meio escolar a um processo sinérgico, em prol do alunado, que teve seu protagonismo ao adentrar no movimento de um contexto educacional, por ele nunca visto anteriormente (Léfeld et al., 2021).

A preocupação constante com os processos avaliativos dos cursos evidenciou a necessidade de maior ênfase nesse aspecto, diante da mudança nas formas operadas para a avaliação que agora são utilizadas pelos docentes, por meio do uso da tecnologia (Léfeld et al, 2021). Na concepção de Barbosa e Miranda (2019, p. 26):

As avaliações têm no planejamento de suas etapas, a condição *sine qua non* para assegurar o êxito dos processos, especialmente, ao se considerar a complexidade do meio acadêmico, com suas diferentes perspectivas, e a própria inexorabilidade desse processo. É certo que a avaliação, embora necessária, demanda competência, esforço e mediação para atender a diferentes interesses, uma vez que durante o processo podem surgir conflitos e altercações nos diferentes níveis institucionais.

Destarte, a situação pandêmica e a necessidade do distanciamento social, aumentaram a aplicabilidade da avaliação mediada pela tecnologia, provocando reflexões acerca dos processos de avaliação formativa e sumativa, observando-se os requisitos necessários para aferir o processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, alguns professores criaram rúbricas específicas e de fácil aplicação para a correção das avaliações e utilizaram diferentes instrumentos avaliativos a fim de explorar os diversos aspectos daquilo que foi ensinado de modo a determinar o nível de aprendizagem dos estudantes da forma mais fidedigna possível (Léfeld et al., 2021). Segundo esta autora, dentre os instrumentos utilizados destacam-se: estudo de caso; elaboração de projetos, portfólio e mapa mental; análise de textos e vídeos, resolução de problemas, formulários; quizz; questionários; apresentação dos seminários; resenha e análise crítica de artigos científicos; podcast; prova prática de habilidades em laboratório e simulação de atendimentos.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Elementos metodológicos da abordagem bibliográfica

A pesquisa com abordagem qualitativa, segundo Creswell (2010) “é um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano.” Assim, dentro de uma estrutura flexível permite ao pesquisador um estilo indutivo, com foco em uma interpretação singular de determinada situação ou problema de pesquisa.

A verdade absoluta nunca pode ser encontrada, pois o conhecimento é falível, questionado, superado e ressignificado. Estamos em construção, como humanos e tudo que envolve nossa visão do mundo pode ser transformado e questionado.

Os construtivistas sociais buscam entender o mundo que vivem e trabalham, cada um desenvolve significado subjetivo de suas experiências com questões amplas e gerais os participantes da pesquisa constroem o significado de uma situação caracteristicamente baseada em discussões ou interações com outras pessoas – quanto mais aberto o questionamento melhor – pois as respostas não estão estampados nos indivíduos são formados pela interação com outras pessoas – por isso é um construtivismo social. Aprendemos convivendo e trabalhando uns com os outros.

Nesta pesquisa qualitativa, sob a ótica do construtivismo social, foi aplicada questões abertas para a coleta livre de opiniões, procurando entender o contexto ou o cenário de cada participante com base nas próprias experiências e origens e, em uma perspectiva social, dentro e fora da comunidade humana aplicou o processo indutivo, gerando significado a partir dos dados coletados no campo.

Quanto aos objetivos pretendidos, classifica-se a pesquisa como descritiva, uma vez que se buscou descrever o processo de aprendizagem no Ensino Superior Brasileiro em suas diversas modalidades. Aos dados coletados por meio da pesquisa de campo, deu-se uma abordagem qualitativa, uma vez que esse enfoque não mede numericamente os fenômenos pesquisados nem generaliza os resultados, ou faz análise estatística. Utiliza-se da análise

interpretativa e contextual (Cerqueira, Santos & Silva, 2018).

## 2.2 Entrevistas

O instrumento de recolha de dados foi a entrevista semiestruturada realizada por videoconferência no segundo semestre do ano de 2021, após 16 (dezesseis) meses de vivências docentes universitárias durante a pandemia. Foram entrevistados 4 (quatro) docentes universitários, sendo 3 (três) atuantes em instituições públicas e 1 (um) docente atuante em uma instituição privada.

Para atender o problema da pesquisa e analisar em que medida tem sido utilizada a avaliação mediada por tecnologias digitais nos cursos superiores brasileiros durante a pandemia e escolha da amostra por conveniência abrangeu uma seleção de 4 (quatro) professores universitários heterogêneos no que diz respeito as suas trajetórias profissionais, idades e universidades de atuações públicas e privadas.

A amostra por conveniência dos entrevistados foi criteriosa quanto a experiência no magistério do ensino superior antes e durante a pandemia, portanto a descrição da experiência profissional como docente foi comparativa e, ainda, levou em conta a disponibilidade de pessoas para fazer parte do estudo naquele intervalo de tempo, especificamente no mês de julho de 2021, período de recesso das aulas. Nesse período, as aulas presenciais nas universidades públicas e privadas do Brasil continuavam suspensas desde março de 2020. Assim, em uma perspectiva de 16 (dezesseis) meses de suspensão dos encontros presenciais foram agendadas as entrevistas entre os acadêmicos que estavam acessíveis e disponíveis para participar.

Foi estruturado um Guião (Apêndice A), com base nas seguintes dimensões: currículo; contextualização social no ensino superior durante pandemia e possíveis impactos na utilização das tecnologias digitais nas avaliações discentes; e, competências docentes necessárias para aplicar a avaliação mediada por tecnologias digitais.

O referido instrumento de pesquisa foi validado por especialistas por um professor Doutor especialista em avaliação online e pela orientadora do presente estudo. O especialista sugeriu que quanto à avaliação com o digital não havia questões específicas, só ao nível das competências, ao seu ver havia centrado

mais nos propósitos do que no digital. Neste sentido, o guião foi revisto e reestruturado para englobar o objeto de pesquisa proposto, a avaliação online.

Em uma perspectiva social qualitativa foi desenvolvido o guião para a coleta das entrevistas, como uma coleta de vivências educativas durante a pandemia causada pela COVID-19 e validado por especialistas na área dimensionada. Para tanto, o guião foi dimensionado sob três óticas: currículo, contextualização social no ensino superior durante a pandemia e possíveis impactos na utilização das tecnologias digitais nas avaliações discentes e competências docentes necessárias para aplicar a avaliação mediada por tecnologias digitais. Conforme explicitações a seguir.

Na dimensão sobre o currículo os entrevistados foram indagados, amplamente e livremente, sobre sua trajetória profissional e atuação como docente. As respostas, subjetivas, enriqueceu a pesquisa pois revelou que os imprevistos e afastamentos causados pela pandemia foram aprendizados e avanços para os docentes que não inviabilizaram a continuidade das aulas e viabilizaram outras formas de avaliar com o apoio da tecnologia.

A segunda dimensão abordou a contextualização social no ensino superior durante pandemia e possíveis impactos na utilização das tecnologias digitais nas avaliações discentes. Neste contexto, as principais questões foram a respeito da transição do ensino presencial ao ensino remoto emergencial em março de 2020, as formas de avaliar mais integradas ao processo de aprendizagem, a importância do feedback após a avaliação, ações criativas nas suas formas de avaliação e reflexões a respeito do futuro pós pandemia.

E a terceira dimensão sobre as competências docentes necessárias para aplicar a avaliação mediada por tecnologias digitais, nestas, pensando na formação dos professores os entrevistados foram indagados sobre quais competências digitais devem ser desenvolvidas na formação inicial e contínua para aproveitamento de ferramentas digitais no ensino e foram convidados a uma autorreflexão sobre os respectivos contatos com as ferramentas e competências digitais durante a docência.

Por fim, de forma livre das categorias supramencionadas, ao final de cada entrevista, fora perguntado a cada entrevistado se havia alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados.

### 2.3 Procedimentos da investigação

Quanto aos procedimentos de coleta e análise de dados, foram realizadas pesquisas: bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada em livros, trabalhos acadêmicos e artigos, impressos e em meio eletrônico. A pesquisa de campo foi desenvolvida por meio de entrevistas estruturadas, gravadas e transcritas. Segundo Gil (2009), as entrevistas estruturadas são aquelas que predeterminam em maior grau as respostas a serem obtidas.

A investigação visa analisar quais formas de avaliação têm sido aplicadas com apoio das TICs. Inicialmente, pretendia-se refletir sobre as modalidades de ensino (presencial, a distância ou remoto) e as modalidades de avaliação, para assim identificar as formas mais comuns de avaliar (sumativa ou formativa) em cada modalidade de ensino.

Para tanto, 4 (quatro) docentes universitários, sendo 3 (três) atuantes em instituições públicas e 1(um) docente atuante em uma instituição privada foram convidados a partilhar suas respectivas visões, sobre a formação dos professores relativamente à utilização de ferramentas digitais, a valorização da avaliação qualitativa no ensino remoto emergencial e a distância, se as orientações normativas elaboradas por gestores podem ser uma solução para melhores práticas de utilização de avaliação da aprendizagem digital e as possíveis lacunas legais quanto à validação da avaliação da aprendizagem digital no ensino superior do Brasil.

Assim, foram entrevistados: um professor de 31 anos, Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, Bacharel em Direito e leciona hoje 4 disciplinas numa faculdade de Direito de uma Instituição de Ensino Superior Privada; uma professora de 62 anos, Pós-Doutora em História da Arte, que leciona na Universidade Estadual da Bahia - UNEB; um professor de 42 anos, Doutor em Psicologia e Professor da Academia Militar das Agulhas Negras; e, um professor de 65 anos, Pós-Doutor em Pedagogia, professor da disciplina difusão do conhecimento na docência da educação superior de um curso de Doutorado da Universidade Estadual da Bahia - UNEB.

Os docentes participantes da pesquisa foram entrevistados no segundo semestre de 2021, pela plataforma *StreamYard* que permitiu o encontro síncrono e gravado para a posterior transcrição e análise de cada entrevista.

## 2.4 Procedimentos éticos

Toda a conduta foi regulada pela Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Anexo A) e a temática aprovada pela Comissão de Ética (Anexo B). Cada entrevistado recebeu o email titulado como "termo de consentimento".

No termo de consentimento informou-se sobre: o objetivo da pesquisa; a metodologia de recolha de dados; o direito de renúncia a participação na pesquisa, a qualquer momento; a garantia de confidencialidade das discussões durante a entrevista, assim como do nome e sobrenome do entrevistado; e sobre os procedimentos éticos adotados na condução das entrevistas. O conteúdo do convite enviado por email, individualmente a cada participante, versou nos seguintes termos:

*Prezado Senhor Professor...,*

*Na qualidade de estudante finalista do Mestrado em Educação e tecnologias Digitais da Universidade de Lisboa/PT, gostaria de lhe convidar para participar, enquanto Docente do Ensino Superior Brasileiro, de uma recolha de dados que fará parte do processo de construção, desenvolvimento e conclusão de minha dissertação, realizada no âmbito do Mestrado em Educação e Tecnologias Digitais, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, orientado pela professora Ana Pedro.*

*Essa entrevista procura discutir sobre as formas de avaliação aplicadas com apoio das TICS principalmente em razão da mudança abrupta de modalidade de ensino durante a pandemia, de presencial à remota.*

*Devo lembrar ao senhor professor que para facilitar o tratamento de dados, a entrevista será gravada e as transcrições das mesmas apenas de acesso à orientanda e à orientadora. Contudo, o anonimato e a privacidade serão assegurados em todos os níveis possíveis, sendo resguardado o direito de recusar a gravação ou mesmo se recusar a responder a alguma indagação. Os dados coletados (áudio, vídeo) serão destruídos após a finalização desta pesquisa e, desta forma, os dados pessoais serão preservados.*

*Neste sentido questiono sobre a sua disponibilidade em participar na minha investigação como especialista.*

*Com os melhores cumprimentos,*

*...*

Após resposta ao aludido email, com expressa concordância de todos os termos detalhados acima, foi enviado um *link* da plataforma denominada

*StreamYard* para contato síncrono e gravado. As entrevistas duraram, em média, 50 (cinquenta) a 60(sessenta) minutos cada e as transcrições foram codificadas em uma média de 15 (quinze) páginas cada.

### 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Com base na metodologia de Bardin (1994), os entrevistados, foram categorizados de acordo com suas graduações, com uma letra (E – entrevistado) e um número (de 01 a 04). Em seguida, com base nos recortes realizados nas entrevistas, foram analisadas as seguintes unidades de registro ligadas ao tema em estudo: currículo; contextualização social no ensino superior durante pandemia e possíveis impactos na utilização das tecnologias digitais nas avaliações discentes; e, competências docentes necessárias para aplicar a avaliação mediada por tecnologias digitais.

Os principais resultados da pesquisa revelam a viabilidade da avaliação *online* em diversas formas, da capacitação técnica digital dos professores por iniciativa própria, dos limites impostos pelo contexto social no Brasil quanto o acesso a computadores e internet estável de qualidade, bem como o reconhecimento da importância dessa pesquisa para as melhorias nas lacunas sociais reveladas pelo momento pandêmico e identificação da necessidade de futuros estudos nesse sentido.

Como dito, o objetivo geral deste trabalho é analisar em que medida tem sido utilizada a avaliação mediada por tecnologias digitais nos cursos superiores brasileiros durante a pandemia. Para alcançá-lo, foram delineados os objetivos específicos: descrever o processo de aprendizagem no Ensino Superior Brasileiro em suas diversas modalidades; analisar as formas de avaliação nos diversos sistemas de ensino no Brasil e sua importância no processo de ensino-aprendizado; e, verificar a opinião dos pesquisados sobre a avaliação online integrada ao processo de aprendizagem e os desafios impostos pelo distanciamento social.

Ainda, quanto aos objetivos específicos, através da coleta de dados proporcionada pela amostra de professores universitários entrevistados e pesquisa de trabalhos acadêmicos dispor-se a identificar quais as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) mais utilizadas durante os processos de avaliação, analisar (o sentimento quanto) a formação dos professores relativamente à utilização de ferramentas digitais, identificar se existe valorização da avaliação qualitativa no ensino remoto emergencial e a

distância, identificar se as orientações normativas elaboradas por gestores podem ser uma solução para melhores práticas de utilização de avaliação da aprendizagem digital e por fim identificar as lacunas legais quanto à validação da avaliação da aprendizagem digital no ensino superior do Brasil.

CÓDIGO	GRADUAÇÃO
E01	Mestrado
E02	Doutorado e Pós-Doutorado
E03	Doutorado
E04	Doutorado e Pós-Doutorado

**Figura 5. Código atribuído aos entrevistados.**

Fonte: Elaboração da autora.

#### a) Currículo

Nesta unidade de registro (dimensão), buscou-se conhecer a trajetória profissional e a atuação dos entrevistados na docência. Nesse sentido, os entrevistados informaram:

*Hoje eu sou professor enquanto primeira ocupação, e continuo advogado, e também tenho hoje minha profissão em standby, mas também profissão, mediador judicial. [...] Eu me formei em 2012, trabalhei só com advocacia, mas também estando no magistério durante 6 anos e a partir de 2018 eu passei a me dedicar ao magistério. Então, a partir daí fiz especialização em docência superior, tenho especialização em direito processual pela PUC e, posteriormente, também fiz o mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação, mestrado profissional, para atender essa necessidade do magistério. E hoje eu estou com 4 disciplinas na faculdade. [...] oriento, faço parte do grupo de estudo da faculdade, e me dedico hoje quase que exclusivamente ao magistério. (E01)*

*Eu fiz doutorado na Universidade do Porto em Portugal. Eu atuo num doutorado multi-institucional e multidisciplinar. Eu sou professora plena, o último nível da Universidade do Estado da Bahia, uma universidade estadual, e atuo num curso do Departamento de Ciências Humanas. [...] esse contato com as tecnologias, com o ensino mediado por tecnologia digital, eu já tenho há mais ou menos uns dez anos. (E02)*

*Eu sou professor da Academia Militar das Agulhas Negras, a única escola no Brasil que forma oficial combatente do exército. O curso aqui ele forma o bacharel em Ciências Militares e especialista em uma das armas que compõem o Sistema de Defesa Exército. Na caminhada para chegar aqui eu primeiro passei pela formação da AMAN. Então eu sou bacharel em Ciências Militares. No meio no meio dessa minha trajetória, eu decidi que*

*ia começar a me preparar pra ser professor e a disciplina que eu escolhi para lecionar foi Psicologia. [...] comecei primeiro fazendo a graduação em 2009. [...] terminei a graduação em psicologia. [...] fui fazer uma especialização em Psicopedagogia, que tem um foco mais institucional, já pensando também em direção a essa área do ensino, e quando terminou essa pós-graduação eu vim para a AMAN. [...] eu fiz curso de tutoria online de formação de montar curso para formação online pela ENAP. (E03)*

*[...] Eu comecei a dar aula com vinte e um anos, eu tenho sessenta e cinco, e eu era o professor de mecânica no Senai. [...] eu fiquei dezoito anos. Lá eu fiz uma carreira além de docente, uma carreira gerencial também. [...] mas eu continuava dando aula ou no SENAI, ou em alguma escola pública ou particular em paralelo. [...] trabalhei na educação pública, na educação básica, no ensino fundamental educação infantil, também de informática, dei aula em ensino médio, curso magistério, depois dei aula de mecânica no ensino médio também e, durante o intervalo que eu saí do Senai e fui pra universidade, eu trabalhei como professor na área de recursos humanos numa rede de sala de hospitais e trabalhei como pedagogo num instituto [...]. Depois em 2000 entrei na UNEB [...] trabalhei na formação de pedagogos durante uns cinco anos, depois mudei pelo campo de Santo Antônio de Jesus, onde eu trabalhei como professor de licenciaturas em geografia, letras e história, dava disciplina de didática e planejamento de ensino, lá também fui diretor do departamento, aí depois eu assumi a educação a distância da UNEB, levei uns dez anos gerenciando educação a distância, [...] dou aula também no doutorado em difusão do conhecimento que foi o programa que eu me doutorei. (E04)*

Como dito, a amostra dos docentes entrevistados foi criteriosa quanto a experiência no magistério do ensino superior antes e durante a pandemia, portanto a descrição da experiência profissional como docente foi comparativa e os entrevistados puderam descrever quais experiências com ensino a distância foram preparatórias para o aludido período de isolamento social.

Vê-se, portanto, que são profissionais que já estão em estágios mais avançados do ciclo profissional docente, e com comprometimento com a profissão. Com exceção do E01, todos os outros já possuíam experiência anterior com EAD, como se evidenciará mais à frente.

- b) Contextualização social no ensino superior durante pandemia e possíveis impactos na utilização das tecnologias digitais nas avaliações discentes

Nesta dimensão foram abordadas especificidades sobre a transição do ensino presencial ao ensino remoto emergencial em março de 2020 e aspectos diversos ligados às avaliações.

Foi visto que por força da portaria n.º 544/2020 as aulas presenciais no Brasil foram substituídas por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação de pandemia do novo coronavírus, levando as instituições de ensino e todos os envolvidos a se empenharem em formular estratégias para garantir que os alunos recebam todo tipo de suporte e materiais necessários para que o ensino tenha uma qualidade tão boa quanto a do presencial, participando de videoaulas, realizando tarefas, com interação em tempo real com seus professores (Béar, 2020; Dau, 2021; Ries et al., 2020). Ou seja, as atividades síncronas ou assíncronas foram desafiadoras para todos os atores das instituições de ensino.

A especificidade quanto a contextualização social foi determinante para detectar as desigualdades sociais envolvendo toda a tríade do professor, o aluno e o aprendizado. Durante a inquirição, alguns questionamentos surgiram e talvez inspirem futuros projetos, como: de que adianta a qualificação docente para o ensino a distância se não há condições financeiras daqueles instrumentos alcancarem o estudante que não tem computador e, muito menos disponibilidade de internet estável de qualidade. O fechamento físico das instituições revelou essa realidade brasileira. Por isso: “esse era um desafio porque os alunos reportavam isso pra gente e de certa forma a faculdade não teve um cuidado especial, não atuou diretamente nessa situação de certa maneira deixando os alunos assim a própria sorte com relação ao acompanhamento.”

Sobre o primeiro momento da transição, os entrevistados assim se manifestaram:

*[...] Foram muitos, [...]. Por ser uma instituição privada, ela na semana seguinte ao decreto que suspendeu as aulas presenciais, [...] já houve uma transposição para a modalidade remota. No princípio, foi bem complexo, porque até então a faculdade ela não estabelecia um plano único, [...] deixando a critério dos professores de maneira inicial como seria a continuidade das aulas. Então [...] alguns começaram a usar o Zoom, como plataforma principal para as aulas expositivas, outros, como eu, utilizamos o Google Meets e Google Sala de Aula, como plataforma para dialogar com os alunos na questão dos trabalhos, das atividades, posteriormente até a própria avaliação e também como aula expositiva no*

*Google Meets. Até que com um mês, mais ou menos, a faculdade contratou, [...] um serviço da Microsoft, o Teams, unificando, por assim dizer, a questão do tratamento das aulas expositivas nessa plataforma. (E01)*

*[...] nesse contexto da pandemia eu já estava inserida na educação a distância desde 2014. Quer dizer, eu continuei com essas atividades, na Unidade Acadêmica de Educação a Distância, onde eu fiquei praticamente até 2019. [...] eu passei, dessa atividade de professor formador, de coordenador pedagógico, eu passei a lidar com a parte de gestão, [...] eu fui me envolvendo mais ainda com a educação a distância. (E02)*

*[...] logo no início da pandemia foram suspensas as aulas presenciais. Então a gente ficou ali em torno de um mês sem ter aquela aula presencial, a gente passou a ter aula online e não teve muita dificuldade em fazer isso porque a gente trabalha já no regime semipresencial. [...] a gente chama de ambiente virtual de aprendizagem. [...] Então, lá temos slides, tem vídeos sobre o conteúdo, tem livros, apostilas, [...] tudo isso que a gente usa na aula disponível lá pro aluno. [...] Então a gente montou uma sala de aula virtual [...] que era como se fosse uma aula presencial, [...], não era por videochamada. Mas eu fiz curso de tutoria online de formação de montar curso pra formação online pela ENAP, então eu já tenho um pouco de experiência de montar essa estrutura de aula. (E03)*

*[...] os desafios para mim não foram muito significativos pela minha história com educação e tecnologia, por vir da educação à distância por ser esse meu campo de pesquisa, meu campo de trabalho. Eu sempre trabalhei com educação e tecnologias, então não foi muito difícil esse aspecto. Outro aspecto foi a adaptação dos alunos. Acostumar com a aula remota, toda parte de adaptação dos alunos, mesmo porque eu já trabalhava com educação a distância, então não foi difícil. [...] não foi difícil gravar vídeo, nunca foi difícil eu usar aplicativos, ambiente virtual, drive, arquivos em nuvem e tudo que eu já fazia. Pesquisa em periódicos online, usar gerenciador de referência, então tudo isso que eu já fazia eu continuei fazendo e passei a ter que ensinar os alunos, porque antes eu tinha uma prática. Durante muito tempo, para cada turma presencial minha eu abria uma turma no ambiente virtual de aprendizagem e convidava os alunos que tivessem interesse em participar. Então, eu fazia uma interação e fazia já um híbrido, [...].*

Pode-se perceber que a experiência anterior com EAD foi determinante para que alguns dos entrevistados se adaptassem ao ensino remoto, e que as novas tecnologias da comunicação e informação facilitaram esse processo de transição. Mas outro ponto que foi mencionado como desafio, foi a questão do acesso:

*A faculdade ela não trabalhou a questão do cuidado com relação aos discentes que, eventualmente, tivessem dificuldade de acesso. Então, a gente teve alunos que moravam na zona rural, alunos que em razão de vários contextos, tinham dificuldade de uma internet wifi. Então, a gente*

*sabe que a própria transmissão de aulas que reúnem muitas câmeras abertas demanda a quantidade de dados grandes, esses alunos às vezes não conseguiam acompanhar as aulas. Então, esse era um desafio porque os alunos reportavam isso pra gente e de certa forma a faculdade não teve um cuidado especial, não atuou diretamente nessa situação de certa maneira deixando os alunos assim a própria sorte com relação ao acompanhamento (E01).*

*Nós das (escolas) Públicas passamos um tempo de amadurecimento, os alunos não aceitaram recomeçar, só queriam recomeçar se todos tivessem acesso e nem todos tinham acesso. Muitos professores não trabalham com tecnologia também não quiseram recomeçar, porque todo mundo achava que a pandemia ia passar rápido (E04).*

Percebe-se que Basilaia e Kvavadze (2020) foram assertivos ao dizer que mudar a aula presencial para a aprendizagem *online* é desafiante para quem não tem habilidade, infraestrutura de TIC, acesso à internet e recursos educacionais, isso ficou patente na fala de E01: “teve alunos que moravam na zona rural, alunos que em razão de vários contextos, tinham dificuldade de uma internet wifi [...] era um desafio porque os alunos reportavam isso pra gente”, bem como na fala de E04: “Muitos professores não trabalham com tecnologia também não quiseram recomeçar”.

Quanto à questão das avaliações, um dos entrevistados a mencionou como um desafio da transição do ensino presencial para o remoto:

*Acho que talvez o maior desafio é a questão da avaliação. De fato, é o que a gente bate cabeça até hoje [...] eu sou da turma que acredita que a avaliação formal, da maneira como ela é prevista hoje, [...] não serve para de fato atingir aquilo que a gente espera com relação a avaliação que é compreender se o aluno conseguiu aprender todo o conteúdo, se ele eventualmente teve dificuldade ou constatar dificuldades [...]. Caso ele próprio não consiga visualizar a gente consiga através da avaliação. (E01)*

Todavia, assim como Dorotea (2018), que acredita que a internet no ensino e na aprendizagem apresenta novas oportunidades para a avaliação digital online, os entrevistados também viram nessa transição a oportunidade de modificar as formas de avaliação, a fim de constatar o aproveitamento e as dificuldades dos alunos:

*[...] a formativa pra mim ela é essencial enquanto avaliação contínua. Então, perceber na própria questão da transposição do conteúdo e do compartilhamento do conteúdo o quanto esse aluno consegue interagir e de que forma ele tá atento a isso, então durante, por exemplo, o semestre*

*que eu trabalhei [...] eu verificava muito a questão da participação, então era um modelo de avaliação que eu queria, adaptar e tentar analisar durante esse momento, a forma como eles se dispuseram pra participar das aulas. (E01)*

*O que a gente planejou era [...], uma avaliação formativa dessas de acompanhamento e uma maior no final. A gente pegou suprimiu elas e a gente terminou gostando, a gente viu que valeu a pena fazer só no final. Que deu mais tempo para o aluno estudar e o ciclo de aprendizagem ficou interessante [...] E a gente viu que o desempenho deles foi superior na avaliação final. [...] em média eles ficaram melhores do que os anos anteriores. (E03)*

*[...] essas formas tradicionais de avaliar terminam sendo muito negligenciadas, [...], eu acho que de modo geral os professores só fazem exame, eles não avaliam, eles fazem especificamente a prova que é um mero exame classificatório e que não tem função pedagógica. Então, isso precisava mudar na educação. É o que predomina essa tal avaliação sumativa que é meramente exame, [...] e depois eu acho que esse exame ele tem um papel muito cruel porque ele joga a responsabilidade em cima do aluno. (E04)*

Pode-se observar que a pandemia deixou como legado em alguns casos a modificação do sistema de avaliações, para um baseado em competências e com o desempenho dos alunos.

c) Competências docentes necessárias para aplicar a avaliação mediada por tecnologias digitais

Como já se comentou, as competências digitais tornaram-se críticas para os professores nesse contexto pandêmico que trouxe uma mudança universal para interações digitais como trabalho remoto e colaboração virtual, que trouxe benefícios, mas também ampliou uma lacuna de habilidades que já era grande. Assim, sobre as competências docentes necessárias para aplicar a avaliação mediada por tecnologias digitais foram coletadas as seguintes declarações:

*[...] eu tive experiências por assim dizer inovadoras nesse próprio modelo de avaliação com a utilização de formulário. Porque, por exemplo, tinha alternativas e tinha viabilidade de você montar as questões com, por exemplo, múltiplas alternativas e que o aluno ele teria que fazer um esforço maior de compreender a razão daquilo que eu estou pedindo na questão. Além disso, acho que talvez a questão desse modelo de aula invertida, que não era muito comum no regime presencial, em que a gente adianta o material da aula, então disponibiliza algum texto, algum capítulo de livro, algum artigo e tratar com eles em sala de aula via discussão, via diálogo, via debate eventualmente. Então, acho que talvez esse modelo de desenvolver a criticidade baseado na discussão, no diálogo, no*

*momento, talvez tenha sido bem interessante, favorável, porque quebrou um pouco essa dinâmica da aula expositiva formal. (E01)*

*[...] a gente percebe que com esse isolamento social nós tivemos que nos adaptar às tecnologias, e tivemos que ter vários treinamentos, não só no que diz respeito à própria atividade pedagógica, mas reuniões estavam sendo feito pelo Teens, defesas de tese também ainda estão sendo feitas pelo Meet. O doutorado que participa eles usam muito o Meet, mas a UNEB é o Teens. Agora mesmo tivemos um processo seletivo do doutorado, foi feito todas as entrevistas pelo Teens. Além disso, o Governo do Estado tem sistemas de informação e de gerenciamento da vida de todos os professores e técnicos. Qualquer solicitação hoje à nível acadêmico e a nível administrativa e a nível funcional é feito por um sistema de informação do Governo do Estado que é o CEI. (E02)*

*Eu percebo que esse cyber-espaço, e essas TICS, lançaram a gente uma outra dimensão de interação social, e isso precisa também chegar ao ensino. Eu percebo que quem não corre atrás, quem não busca isso por iniciativa própria termina ficando defasado. [...] Eu fiz um curso da ENAP para ser tutor online, fiz um curso para aprender a montar curso, fiz outros cursos online de gestão educacional, para entender o processo, para poder tentar me colocar melhor, mas não faz parte da formação do professor nível superior, então para mim assim é uma defasagem muito grande. (E03)*

*O professor faça o que fizer, dê boa aula ou não de, seja um bom professor, não seja, depois ele faz aquelas dez perguntinhas dele lá, se o aluno não responder em um, o aluno pede, a culpa é do aluno. [...], aí cumprindo a quarentena no maior sufoco. [...] Então, acho que tinha que ser por aí, por isso que não é formativa, nem sumativa, é avaliação e processo pedagógico. Avaliação é o mecanismo que você tem de gerenciar o ensino e aprendizagem. Não é pra você dizer se o cara é bom ou se o cara é ruim. [...] Um resultado, uma nota, e você publica a nota e acabou ali. Não pode ser acabou ali. A avaliação é uma etapa do processo do aprender e, inclusive, uma das teorias da Psicologia mais consistente sobre a aprendizagem que é a piagetiana, ela tem base a compreensão do erro. [...]. Então, esse erro que o aluno cometeu, ele é material de trabalho, ele não é classificatório, é a partir daquele erro que ele cometeu que você vai compreender onde está o estágio de aprendizagem dele e ajudá-lo a superar. E você pode pegar pra algum pouquinho também de Vigotsky aquela história do desenvolvimento profissional. Você tem que ter um desenvolvimento desejável e um desenvolvimento real, e tem que perceber qual é a distância entre o real e o desejável, e de imediato fazer o aluno chegar no desejado. Se você não fizer avaliação você não consegue fazer isso. [...] eu acho que para além da competência digital, precisa desenvolver a competência pedagógica. (E04)*

Infere-se das falas dos entrevistados que o esforço em levar a sala de aula para o espaço digital, com seus sistemas de apoio, tem causado uma mudança de paradigma nos sistemas de educação formal. O ensino *online* de habilitação digital é democrático e pode ser acessível mesmo além das barreiras

geográficas. Ele se aproxima da sala de aula tradicional, especialmente em aspectos de facilitar oportunidades de aprendizagem em casa para os alunos em tempos de confinamento em todo o país. Agora está desempenhando um papel crucial na construção de habilidades fundamentais de vida e no fornecimento de experiências de aprendizagem.

A plataforma digital é algo novo tanto para professores quanto para alunos. Não houve intervenção de treinamento para capacitar professores com habilidades digitais antes ou imediatamente após o apressado fechamento das instituições de ensino por conta da pandemia. Assim, professores que tinham habilidades apenas no ensino na sala de aula presencial foram desafiados nesse processo de mudança digital em curso. Eles foram desafiados a aprender novas tecno-pedagogias para ensinar em aulas *online* e investindo mais tempo para se capacitar com o domínio digital necessário em salas de aula virtuais. Os professores usam a internet e diversos aplicativos para desenvolver habilidades digitais ao longo do curso *online*.

O novo sistema de ensino também exigiu dos professores uma mudança nas formas de avaliar os conhecimentos e experiências aprendidas dos alunos. Em vez de perguntas de múltipla escolha e de resposta curta, o foco pode ser direcionado a teorias e consultas baseadas em temas onde um aluno individual não tem opção a não ser expressar seus pensamentos criativos baseados em experiência e pensamento crítico em artigos de exame. Essas novas formas de avaliação têm deixado muitos professores satisfeitos, haja vista que ao invés de apenas dar uma nota, classificando o aluno, eles conseguem perceber o nível de aprendizagem, as dificuldades do aluno e dar um *feedback* mais rápido.

Considerando-se que o problema de pesquisa consistiu em saber em que medida tem sido utilizada a avaliação mediada por tecnologias digitais nos cursos superiores brasileiros durante a pandemia, verificou-se que esse tipo de avaliação tem sido utilizada com frequência e está sendo bem aceita pelos professores, haja vista que é crescente a percepção de que o processo de uso de tecnologias para criar *feedback* de avaliação pode ser uma alternativa eficiente e fácil de usar para comentários escritos ou discussões presenciais. O *feedback* de avaliação criado usando tecnologias pode permitir que os educadores forneçam recomendações detalhadas, impactantes e propositais aos alunos.

Assim, o objetivo de verificar a opinião dos pesquisados sobre a avaliação *online* integrada ao processo de aprendizagem e os desafios impostos pelo distanciamento social foi plenamente alcançado.

## 4 CONCLUSÃO

Iniciou-se este trabalho com o objetivo de analisar em que medida tem sido utilizada a avaliação mediada por tecnologias digitais nos cursos superiores brasileiros durante a pandemia.

Para tanto, buscou-se descrever o processo de aprendizagem no Ensino Superior Brasileiro em suas diversas modalidades, verificando-se que, embora o ensino superior no Brasil tenha iniciado após a República, a partir de disposições da Constituição de 1891, o modelo presencial de ensino predominou até os anos 1990, quando houve a expansão da EAD e o consequente reconhecimento das tecnologias como instrumento potencializador e facilitador da aprendizagem no ensino superior.

O EAD, além das avaliações presenciais (nos casos dos cursos semipresenciais) trouxe com ela novas formas de avaliação *online*, que ao contrário das provas realizadas como avaliação no ensino presencial, economizam tempo e recursos.

Essas novas formas de avaliação tornaram-se extremamente importantes no processo de ensino-aprendizado, especialmente a partir do momento em que as escolas foram obrigadas a mudar para o ensino remoto em virtude de uma pandemia que impôs o isolamento social.

Verificando-se a opinião dos entrevistados sobre a avaliação *online* integrada ao processo de aprendizagem e os desafios impostos pelo distanciamento social, constatou-se que apesar do desafio que foi para muitos professores ter que adaptar sua prática pedagógica ao ensino remoto, e aprender a fazer uso das novas tecnologias, boa parte desses profissionais reconhece que a pandemia deixou como legado a oportunidade de se mudar os métodos avaliativos por outros que explorem mais a criatividade e o senso crítico dos alunos, revelando o que de fato eles aprenderam e onde estão suas dificuldades, para que o professor possa lhes dar o suporte necessário.

Assim, tendo-se como problema de pesquisa: em que medida tem sido utilizada a avaliação mediada por tecnologias digitais nos cursos superiores brasileiros durante a pandemia? Responde-se que vem sendo utilizadas em grande escala e com diversos formatos, facilitando o processo de ensino-aprendizagem para professores e alunos, com uma forte tendência a

continuarem predominando, mesmo após a pandemia, quando tudo voltar à normalidade e o ensino presencial voltar a caracterizar as universidades brasileiras.

Como em um ambiente presencial, os professores do ensino superior remoto devem elaborar avaliações que não só permitam que os alunos demonstrem seus conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridas, mas também para planejar instruções futuras e melhorar o sucesso e retenção dos alunos. As avaliações, sejam elas formativas ou sumativas, de natureza, classificatórias ou não, devem ser sempre significativas e vinculadas aos objetivos de aprendizagem. O ambiente digital oferece muitas estratégias para isso, bastando, para tanto, se preparar para utilizá-las.

As propostas para estudos futuros podem analisar a avaliação online sob a perspectiva dos alunos. Os recursos digitais podem ser instrumentos que viabilizam a motivação e o próprio aprendizado, mas o acesso à tecnologia para os discentes transpareceu mais limitado por questões econômicas, como o acesso a uma rede de conexão estável e a um computador. O fechamento físico das instituições revelou, ainda mais, essa realidade brasileira.

Do mesmo modo, é importante que os estudos futuros abordem a necessidade de valorização dos professores do ponto de vista administrativo das universidades sem acumulação de turmas, gravação de aulas para comercialização recorrente e, conseqüentemente, a desmotivação dos docentes. A acumulação e comercialização de aulas gravadas desmotiva professores, alunos e toda a comunidade acadêmica.

Cabe mencionar que houveram limitações à esta pesquisa, que consistiram em: a limitada quantidade de entrevistados que permitiu analisar parcialmente as formas de avaliação nos diversos sistemas de ensino no Brasil e sua importância no processo de ensino-aprendizado; o isolamento social, que impôs a realização das entrevistas por videoconferência síncronas, nas quais houveram interferências por causas diversas, inclusive falhas técnicas.

No contexto geral, todas as limitações causadas pelo isolamento social foram superadas pelo uso da tecnologia que viabilizou a pesquisa com o suporte das ferramentas digitais.

## REFERÊNCIAS

Almeida, M. E., & Valente, J. A. (2011). *Tecnologias e Currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?* Paulus.

Almeida, L. M., Melo, K. S. (2021). *Ensino remoto e educação a distância: novos desafios na gestão do trabalho docente no Brasil diante da pandemia covid-19*. Consciência, março 20-26, 2021 (pp.01-06).  
[https://www.bing.com/search?q=ENSINO+REMOTO+E+EDUCA%C3%87%C3%83O+A++DIST%C3%82NCIA%3A+NOVOS+DESAFIOS+NA++GEST%C3%83O+DO+TRABALHO+DOCENTE+NO++BRASIL+DIANTE+DA+PANDEMIA+COVID19&form=ANNTH1&refig=c68e56fcd84c4891896f6911012aa002#:~:text=https%3A//eventos.textolivres.org/moodle/pluginfile.php/34567/mod\\_%E2%80%A6%C2%A0%C2%B7](https://www.bing.com/search?q=ENSINO+REMOTO+E+EDUCA%C3%87%C3%83O+A++DIST%C3%82NCIA%3A+NOVOS+DESAFIOS+NA++GEST%C3%83O+DO+TRABALHO+DOCENTE+NO++BRASIL+DIANTE+DA+PANDEMIA+COVID19&form=ANNTH1&refig=c68e56fcd84c4891896f6911012aa002#:~:text=https%3A//eventos.textolivres.org/moodle/pluginfile.php/34567/mod_%E2%80%A6%C2%A0%C2%B7).

Alves, L. L., Bornat, M. A. & Martins, M. C. F. (2020). *Do ensino presencial para o remoto: os novos desafios dos professores e das instituições de ensino superior*. VII Congresso Nacional de Educação, outubro 15-17, 2020 (pp. 1-12).  
[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_M D1\\_SA19\\_ID7287\\_30092020174813.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_M D1_SA19_ID7287_30092020174813.pdf)

Anderson, T. (2011). *Theory and practice of online learning*. 2. Ed. Canadá: AU Press.  
[http://biblioteca.ucv.cl/site/colecciones/manuales\\_u/99Z\\_Anderson\\_2008-Theory\\_and\\_Practice\\_of\\_Online\\_Learning.pdf](http://biblioteca.ucv.cl/site/colecciones/manuales_u/99Z_Anderson_2008-Theory_and_Practice_of_Online_Learning.pdf)

Araújo, E. V. F. & Vilaça, M. L. C. (2016). *Sociedade conectada: tecnologia, Cidadania e infoinclusão*. In Vilaça, M. L. C. & Araújo, E. V. F. (Orgs.), *Tecnologia, sociedade e educação na era digital* (pp. 17-40). UNIGRANRIO.

Araújo Júnior, M. S. (2010). *Avaliação diagnóstica, formativa e somativa*.  
<https://www.webartigos.com/artigos/avaliacao-diagnostica-formativa-e-somativa/40842/>

Barbosa, E. R. N., Miranda, C. E. S. (2019). *A Construção do Sistema de Avaliação das Instituições Educacionais Nacionais*. In Léfeld, N. A. S. et al. *Autoavaliação Institucional: fundamentos e ferramentas* (13-27). CRV.

Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Basilaia, G. & Kvavadze, D. (2020). *Transição para educação online nas escolas durante uma Pandemia de Coronavírus SARS-CoV-2 (COVID-19) na Geórgia*. Pesquisa Pedagógica, 50, Artigo nº. em0060.  
<https://doi.org/10.29333/pr/7937>

Béar, P. A. (2020). *O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância*.  
<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>.

Beluce, A. C. & Oliveira, K. L. (2015). *Students' Motivation for Learning in Virtual Learning Environments*. Paidéia (Ribeirão Preto), 25(60), 105-113.  
<https://doi.org/10.1590/1982-43272560201513>

- Boruchovitch, E. & Santos, A. A. A. (2015). *Psychometric Studies of the Learning Strategies Scale for University Students*. Paidéia (Ribeirão Preto), 25(60), 19-27. <https://doi.org/10.1590/1982-43272560201504>
- Cerqueira, A. L. S.; Santos, D. A. R.; Silva, D. A. M. (2018). *Manual de Metodologia Científica: desmistificando o método*. Salvador: Press Color.
- Chaplin, C. S. (Diretor). (1940). *The Great Dictator* [Filme Cinematográfico].
- Costa, F. (2011). *Digital e Currículo no Século XXI. Em I. P. Osório, Aprendizagem (In)Formal na Web Social* (p. 119;142). Universidade do Minho.
- Costa, V. M. F., Schaurich, A., Stefanan, A., Sales, E. & Richter, A. (2014, agosto, 5-8). *Educação a Distância X Educação Presencial: como os alunos percebem as diferentes características*. XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância <http://www.esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/126878.pdf>
- CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*; tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: ARTMED, 296 páginas, 2010.
- Dâmaris, M. (2021). *Competências digitais – alicerce de minhas formações*. <https://marceladamaris.com/competenciasdigitais/>
- Dau, G. (2021). *O que é Ensino Remoto e o seu papel fundamental em 2021*. <https://www.jornalcontabil.com.br/o-que-e-ensino-remoto-e-o-seu-papel-fundamental-em-2021/>.
- Diniz, Y. (2020). *Veja quais são objetivos da avaliação escolar e como alcançá-los*. <https://educacao.imagineie.com.br/objetivos-da-avaliacao-escolar/>
- Diniz, Y. (2020a). *Conheça a avaliação formativa e somativa e entenda suas características*. <https://educacao.imagineie.com.br/avaliacao-formativa-e-somativa/>.
- Dorotea, N. M. T. C. (2018). *Trail: transforming assessment into learning conceptualização de plataforma digital adaptativa para avaliação formativa* [Tese de doutoramento]. Universidade de Lisboa.
- Duran, M. R. (2018). *Tecnologia para a educação do século 21: valorizar o ser humano*. Correio Braziliense, 07 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/escolhaaescola/papel-da-tecnologia-escolha-a-escola/>. Acesso em: 19 nov. 2021.
- Fabian, K., Topping, K. J., & Barron, I. G. (2018). *Using mobile technologies for mathematics: effects on student attitudes and achievement*. Educational Technology Research and Development, 66(5), 1119–1139. <https://doi.org/10.1007/s11423-018-9580-3>
- Faz Educação & Tecnologia (2017). *Qual é a diferença entre avaliação diagnóstica, formativa e somativa?*

<https://www.fazeducacao.com.br/post/diferenca-entre-avaliacao-diagnostics-formativa-e-somativa>.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das Aprendizagens: Reflectir, Agir e Transformar*. In Futuro Congressos e Eventos (Ed.), Livro do 3.º Congresso Internacional Sobre Avaliação na Educação, pp. 65-78. Futuro Eventos.

Fernandes, D. (2008). *Avaliação formativa: Avaliar, comunicar e aprender*. Revista Aprendizagem: A Revista da Prática Pedagógica, Ano 2, n.º 9, pp. 56-57.

Ferreira, M. (2011). *Ensino e aprendizagem no ensino superior*. Revista Ciências da Educação, 12, 121-14.

Figueiredo, C. D. (1913). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: casa editora Tavares Cardoso & Irmão, Sr. Avelino Tavares Cardoso.

Figueiredo, F. J. C. (2016). *Como ajudar os alunos a estudar e a pensar?* Autorregulação da aprendizagem. Millenium, (34), 233-258.

Franco, A. P. (2008). *Ensino Superior no Brasil: cenário, avanços e contradições*. Jornal de Políticas Educacionais, 04, 53–63.

Freire, P. (1975). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.

Garcia, A. (1994). *L. educación a distancia hoy*. UNED.

Gil, A. C. (2009). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.

Gomes, M. J. (2009, maio, 14-15). *Problemáticas da avaliação em educação online*. VI Conferência Internacional de TIC na Educação, Portugal.

Gomes, M. J., Amante, L. & Oliveira, I. (2012). *Avaliação digital no ensino superior em Portugal: Projeto @ssess.he*. Revista Linhas, Florianópolis, 13(02), 10-28. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/21224>

Kiliç-Çakmak, E. (2010). *Learning strategies and motivational factors predicting information literacy self-efficacy of e-learners*. Australasian Journal of Educational Technology, 26(2), 192-208.

Lázaro, A. C., Sato, M. A. V. & Tezani, T. C. R. (2018, junho-julho, 26-13). *Metodologias ativas no ensino superior: o papel do docente no ensino presencial*. Congresso Internacional de Educação e Tecnologias. Unicamp. <https://www.ea2.unicamp.br/mdocs-posts/metodologias-ativas-no-ensino-superior-o-papel-do-docente-no-ensino-presencial/>

Léfeld, N. A. S., Miranda, C. E. S., Caritá, E. C., Barbosa, E. R. N. & Gabarra, M. H. C. (2021, novembro 24-25). *Análise do processo ensino-aprendizagem e avaliativo durante a pandemia de COVID-19 por uma comissão própria de avaliação: a percepção de coordenadores de curso*. XX Colóquio Internacional de Gestão Universitária. Repositório UFSC.

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/230285/210122.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Livingstone, S. (2011). *Internet literacy: A negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line*. *MATRIZES*, 4(2), 11-42.

Lorencini, P. B. M. (2013). *Avaliação diagnóstica: um instrumento norteador para o trabalho docente no ensino da matemática para os alunos do 8º ano*. [Monografia de Especialização, Universidade Tecnológica Federal do Paraná]. Repositório da Universidade Tecnológica federal do Paraná. [https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20978/2/MD\\_EDUMTE\\_2014\\_2\\_73.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20978/2/MD_EDUMTE_2014_2_73.pdf)

Luckesi, C. C. (2014). *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. Cortez Editora.

Luckesi, C. C. (2015). *Avaliação de aprendizagem: componente do ato pedagógico*. Cortez Editora.

Marinho-Araújo, C. M. & Rabelo, M. L. (2015). *Avaliação educacional: a abordagem por competências*. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, 20(02), 443-466. <https://www.scielo.br/j/aval/a/gz8crLXnbW33bgZN5P4zjMp/>

Makulova, A. T., Alimzhanova, G. M., Bekturganova, Z. M., Umirzakova, Z. A., Makulova, L. T. & Karymbayeva, K. M. (2015). *Theory and Practice of Competency-Based Approach in Education*. *International Education Studies*, 08(08), 183-192. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1070819.pdf>

McConnel, F. B. (2000). *Paper for presentation at AMA conference: 'Learning Lessons: Approaching Indigenous Health Through Education'*; 22-24 novembro 2000, Darwin NT.

Michaelis (2021). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Professor. Melhoramentos*. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/professor>

Michaelis (2021a). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Aprendizagem. Melhoramentos*. <https://michaelis.uol.com.br/palavra/vQd7/aprendizagem/>

Michaelis (2021b). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Aprendizagem. Melhoramentos*. <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=criatividade>

Michaelis (2021c). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Conexão. Melhoramentos*. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/conexao>

Michaelis (2021d). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Currículo. Melhoramentos*. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/curr%C3%ADculo/>

- Moro, F. (2020). *A avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental durante a pandemia da COVID -19*. [Monografia de Licenciatura em Pedagogia, Universidade de Caxias do Sul]. Repositório UCS. <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8919>
- Nascimento, C. A. X., Urdan, A. T. & Mendonça, P. S. M. (2020). *Da Interação à Lealdade do Universitário ao Ensino a Distância e ao Ensino Presencial: Uma Análise Multigrupos*. XLIV Encontro da ANPAD – EnANPAD, outubro 14-16, 2020, Evento Online (pp. 01-16). [http://www.anpad.org.br/abrir\\_pdf.php?e=Mjg1ODg=](http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=Mjg1ODg=)
- Neves, C. E. B. & Martins, C. B. (2018). *Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente*. In Martins, C. B. & Vieira, M. M. *Educação Superior e os Desafios no Novo Século: contextos e diálogos Brasil-Portugal* (pp. 95-124). UNB Editora.
- Oliveira, K. L., Boruchovitch, E., & Santos, A. A. A. (2011). *Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental: Análise por gênero, série escolar e idade*. *Psico*, 42(1), 98-105.
- Palangana, I. C. (2015). *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância do social* (6ª ed.). Summus.
- Palloff, R. M.; Pratt, K. (2002). *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço*. Artmed.
- Pena, Áxel Costas (2021). *Avaliação sumativa*. <https://qastack.com.br/graphicdesign/110498/how-to-guide-an-employee-to-improve-his-graphic-design-ablities>
- Perassinoto, M. G. M., Boruchovitch, E., & Bzuneck, J. A. (2013). *Estratégias de aprendizagem e motivação para aprender de alunos do Ensino Fundamental*. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 351-359.
- Pim, L. V. (2018). *Implementação do podcast como ferramenta de ensino e orientação aos profissionais da área Odontológica*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade Ilapeo. <https://www.ilapeo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Lucas-Vieira-Pim-.pdf>
- Pinto, A. C. C. & Matos, M. A. S. (2017). *O Ensino Superior no Brasil: Uma Digressão Histórica*. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 01, 387-402.
- Pozo, J. I. (2004). *A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento*. *Pátio: Revista Pedagógica*, (31), 8-11.
- Ries, E. F., Rocha, V. M. P. & Silva, C. G. L. (2020). *Avaliação do ensino remoto de Epidemiologia em uma universidade pública do Sul do Brasil durante pandemia de COVID-19*. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1152>.

- Salomão, T. & Nascimento, M. C. M. (2015, outubro, 16-30). *A avaliação da aprendizagem na perspectiva formativa e na classificatória*. [Simpósio]. XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação "Desafios atuais para a Educação". Universidade Estadual de Londrina.  
<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/A%20AVALIACAO%20DA%20APRENDIZAGEM%20NA%20PERSPECTIVA%20FORMATIVA%20E%20NA%20CLASSIFICATORIA.pdf>
- Sampaio, H. (2000). *O ensino superior no Brasil: o setor privado*. São Paulo: Hucitec, Fapesp.
- Santos, J. R. O. C. (2018). *Contributo das tecnologias digitais na transparência da avaliação digital no contexto de educação superior a distância*. [Tese de doutorado, Universidade Aberta].  
[https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7467/1/TD\\_RicardOliveira.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7467/1/TD_RicardOliveira.pdf).
- Scallon, G. (2017). *Avaliação da aprendizagem numa abordagem por competências*. PUCPress.
- Seixas, R. (1973). *Metamorfose Ambulante* [Gravado por R. Seixas]. Brasil.
- Silva, L. Q., Jung, H. S. & Fossati, P. (2021). *Recursos para a avaliação da aprendizagem no ensino superior: possibilidades digitais*. Roteiro, Joaçaba, 46, 1-22. <https://unoesc.emnuvens.com.br/roteiro/article/view/24926>
- Silva, M. (2010). *Educar na cibercultura: Desafios à formação de professores para docência em cursos on-line*. Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, 3, 39-51.
- Silva, K. K. A., Béar, P. A. (2019). *Competências digitais na educação: uma discussão acerca do conceito*. Educação em Revista, 35, 1-32.  
<https://www.scielo.br/j/edur/a/wPS3NwLTxtKgZBmpQyNfdVg/?format=pdf&lang=pt>
- Tsai, M. J. (2009). *The Model of Strategic e-Learning: Understanding and evaluating student e-learning from metacognitive perspectives*. Educational Technology & Society, 12(1), 34-48.
- Tsai, M. J., Liang, J. C., Hou, H. T., & Tsai, C. C. (2012). *University students' on-line information searching strategies in different search contexts*. Australasian Journal of Educational Technology, 28(5), 881-895.
- TV PUC-SP (1995). *Um Encontro Inesquecível entre Paulo Freire e Seymour Papert*. Retirado de <https://youtu.be/FnVCyL9BwS8>.
- Veiga Simão, A. M. (2004). *Integrar os princípios da aprendizagem estratégica no processo formativo dos professores*. In A. Lopes da Silva, A. M. Duarte, I. Sá, & A. M. Veiga Simão (Orgs.), *Aprendizagem autorregulada pelo estudante: Perspectivas psicológicas e educacionais* (pp. 95- 106). Porto Editora.

Veiga Simão, A. M., & Frison, L. M. B. (2013). *Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos*. Cadernos de Educação, (45), 02-20.

Vellar, C. M. (2021). *Ensino remoto na pandemia: dificuldades e aprendizados*. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, 1, 01-14.  
[https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2021/601\\_ensino\\_remoto\\_na\\_pandemia\\_dificuldades\\_e\\_aprendizados.pdf](https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2021/601_ensino_remoto_na_pandemia_dificuldades_e_aprendizados.pdf).

Walker, R. *Open learning and the media: transformation of education in times of change*. In Evans, T.; Nation, D. (1997). *Reforming open and distance education* (pp. 15-35). Koogan.

## APÊNDICE A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Dimensões	Questões orientadoras	Domínio de trabalho específico
Currículo	- Indagar amplamente sobre sua trajetória profissional e atuação como docente.	- Profissional
Contextualização social no ensino superior durante pandemia e possíveis impactos na utilização das tecnologias digitais nas avaliações discentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Especificidades sobre a transição do ensino presencial ao ensino remoto emergencial em março de 2020.</li> <li>- Qual a sua forma de avaliar, sumativa ou formativa, você considera mais integrada ao processo de aprendizagem? Existem diferenças nessa avaliação nas distintas modalidades, presencial e remota, de ensino?</li> <li>- Qual a importância do feedback após a avaliação? Costuma utilizá-lo?</li> <li>- Após mais de um ano nesse contexto de pandemia e distanciamento social, foram necessárias inovações e ações criativas nas suas formas de avaliação? Se sim, você pode descrevê-las?</li> <li>- Ainda sobre o assunto e em um futuro pós pandemia, você imagina o retorno completo ao modelo anterior?</li> <li>- Quais orientações foram necessárias nessa transição do ensino presencial ao ensino remoto emergencial?</li> <li>- Após um ano nesse contexto, quais as formas de avaliação têm sido aplicadas?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Profissional</li> <li>- Avaliação</li> <li>- Fundamentos Legais</li> </ul>
Competências docentes necessárias para aplicar a avaliação mediada por tecnologias digitais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pensando na formação dos professores, considera que devem ser desenvolvidas outras competências docentes? Por exemplo, quais competências digitais devem ser desenvolvidas na formação inicial e ou contínua para aproveitamento de ferramentas digitais no ensino?</li> <li>- Durante sua vida acadêmica você teve contato com conteúdo de ferramentas e competências digitais? Se sim, quando foi esse contato, pode descrevê-las e como se auto avalia quanto a esses conhecimentos e competências?</li> <li>- Poderá justificar a necessidade daquelas competências?</li> </ul>	- Competências
	- Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.	

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 001

Plataforma: StreamYard

Sexo: Masculino

Área: Direito

Data: 14 de Julho de 2021

Duração: 1H13M

Entrevistador: Maria Fernanda

MF: Então, eu vou me apresentar. Sou estudante, né. Sou mestranda em Educação e Tecnologias Digitais. Já sou pós-graduada em Docência do Ensino Superior e advogada e facilitadora de círculos na construção de paz. É um prazer tê-lo aqui comigo nessa entrevista para coletar dados, coletar histórias, da sua experiência vivida com relação ao meu tema. O título do meu trabalho é “A avaliação mediada por tecnologias digitais no ensino superior brasileiro”. Eu fiz um corte, um corte temporal, para focar na pandemia, a partir do ano de 2020 até o momento.

001: Perfeito.

MF: Destacando essas vivências. Inicialmente eu gostaria de te perguntar alguns metadados, como idade, nível de educação. Qual sua idade, professor?

001: Eu tenho 31 anos.

MF: O senhor é mestre?

001: Mestre, isso. Tenho mestrado em Ciência, tecnologia e educação, pela Faculdade do Vale do Cricaré, em São Mateus.

MF: Maravilha. Ocupação atual?

001: Hoje eu sou professor enquanto primeira ocupação, e continuo advogado, e também tenho ,hoje, minha profissão em standby, mas também profissão, mediador judicial.

MF: Estado relacional? Casado, solteiro?

001: Solteiro.

MF: Possui filhos?

001: Não.

MF: Onde reside? Em Salvador?

001: Hoje resido em Teixeira de Freitas, extremo sul da Bahia.

MF: Então agradeço muito pela sua disponibilidade e pelo seu tempo. Podemos começar?

001: Claro.

MF: Então, a primeira pergunta é uma pergunta bem aberta, para que você possa me contar um resuminho da sua trajetória e sua atuação como docente.

001: Bacana. Bom, eu digo que minha presença e minha atuação no magistério ela caminha muito por uma influência da minha mãe, que também é formada em direito, tem

formação em pedagogia, então sempre a vi no meio da educação, e me formei na faculdade onde ela lecionava, leciona até hoje. Lecionamos juntos. Também em Direito, inicialmente com atuação na advocacia. Só que nunca abandonei o magistério, então isso caminhava comigo em monitoria na faculdade, depois virei professor assistente de um colega do nosso colegiado, com disciplinas de dependência e também ajudando, auxiliando ele em sala de aula. Até que há uns 3 anos mais ou menos, eu fui contratado pela faculdade onde eu leciono, onde eu me formei, a Faculdade do Sul da Bahia, a FASB, e aí acabei de certa forma, abandonando não, mas deixando um pouco a advocacia de lado para só de fato investir e desfrutar, não necessariamente trabalhar, mas desfrutar, do magistério, que hoje é minha função primeira, então como eu falei, a partir desse período, de 2018 para cá. Eu me formei em 2012, trabalhei só com advocacia, mas também estando no magistério durante 6 anos e a partir de 2018 eu passei a me dedicar ao magistério. Então a partir daí fiz especialização em docência superior, tenho especialização em direito processual pela PUC e posteriormente também fiz o mestrado em Ciência, tecnologia e educação, mestrado profissional, para atender essa necessidade do magistério. E hoje eu tô com 4 disciplinas na faculdade. Eu leciono Direito penal II, III e IV, e prática forense II, que é prática criminal, por assim dizer. Então eu tô com essas disciplinas e oriento, faço parte do grupo de estudo da faculdade, e me dedico hoje quase que exclusivamente ao magistério.

MF: Então, a segunda pergunta, tem a ver mais com esse corte temporal né. Quais foram os principais desafios nessa transição do ensino presencial ao ensino remoto, de forma emergencial, em março de 2020, causado pela COVID-19?

001: Sim. Bom, os principais desafios talvez sejam um pouco complexos de elencar e tentar fazer um rol taxativo desses desafios. Foram muitos, evidentemente. Por ser uma instituição privada, ela na semana seguinte ao decreto que suspendeu as aulas presenciais, a gente não esquece a data, no dia 16 de março do ano passado, imediatamente já houve uma transposição para a modalidade remota. No princípio, foi bem complexo, porque até então a faculdade ela não estabelecia um plano único, digamos assim, deixando a critério dos professores de maneira inicial como seria a continuidade das aulas. Então num primeiro momento a gente se dividiu, parte do colegiado, na utilização das plataformas, então, alguns começaram a usar o Zoom, como plataforma principal para as aulas expositivas, outros, como eu, utilizamos o Google Meets e Google Sala de Aula, como plataforma para dialogar com os alunos na questão dos trabalhos, das atividades, posteriormente até a própria avaliação e também como aula expositiva no Google Meets. Até que com um mês, mais ou menos, a faculdade contratou, até então ela não tinha, contratou um serviço da Microsoft, o Teams, unificando, por assim dizer, a questão do tratamento das aulas expositivas nessa plataforma. Então a partir daí a gente passou a só utilizar o Microsoft Teams, como plataforma principal, não só para as aulas expositivas, mas também para as atividades, interação com os alunos, então a gente tentou adaptar o modelo novo de ensino remoto, mas assim, querendo ou não, teve influência no ensino a distância no que diz respeito a esse tratamento desse contexto fora da sala de aula, né? Fora das aulas positiva então eu entendo que o maior desafio primeiro e aí do ponto de vista específico da nossa instituição foi esse momento de transição, né? A incerteza de não saber como nós atuaríamos, né? No primeiro momento criou-se aquela aquela expectativa de que seria apenas transpor as aulas positivas presenciais pra um ambiente virtual, quando a partir daí a gente percebeu alguns desafios que de fato essa transposição nos imporia a questão da dificuldade de interação dos alunos, quer dizer, não houve nenhum tipo de estipulação pra que os alunos, né, mantivessem as câmeras abertas, então em muitos momentos a gente não sabia se tava falando pra alguém aparecia lá os nomes dos alunos a gente não sabia pra quem a gente de fato tava falando então você tem que ficar ali perguntando “e aí pessoal, cês tão aí?” e tal então esse talvez tenha sido o primeiro desafio que é a questão da adaptação né? Da aula expositiva. Ainda falando sobre aula expositiva, a questão do tempo também foi algo que nos afetou bastante

tanto é que nós tivemos alterações relacionadas a carga horária no que diz respeito ao tempo de aula e a questão da variação das aulas na semana por entender que a gente tava tendo uma dificuldade de alguns pra essa transição, né? Então nossa faculdade ela tem dois horários durante o período noturno só trabalha a noite, só atuamos no período noturno, então os alunos geralmente eles têm uma disciplina de setenta e duas horas no primeiro horário, uma disciplina de setenta e duas horas no segundo horário e aí a faculdade nesse semestre resolveu né? As nossas disciplinas em setenta e duas horas com dois encontros semanais reunimos num dia só o que a título de experiência pelo menos pra mim se mostrou um pouco complexo tendo em vista que cê fica com o aluno das sete às dez. Então, é impossível você trazer conteúdos de disciplina de setenta e duas horas, então seriam dois encontros por noite e esgotar esse conteúdo em três horas de aulas positivas a gente teve essa dificuldade primeira com relação a questão do horário também, né? E era nítido assim que os alunos realmente eles tinham esse desgaste quando a gente anteriormente tinha esses dois essas duas disciplinas né a noite diferentes a gente já via um desgaste do aluno sair da aula do primeiro horário e não aparecer no segundo horário né ou eventualmente usar uma justificativa então a gente tinha esse primeiro desafio. O segundo desafio, talvez, acho que também muito interessante, muito importante é a questão do acesso, né? A faculdade ela não trabalhou - e aqui a gente já discutiu isso várias vezes internamente-, ela não trabalhou a questão do cuidado com relação aos discentes que eventualmente tivessem dificuldade de acesso. Então, a gente teve alunos que né? Moravam na zona rural, alunos que em razão de vários contextos, tinham dificuldade de uma internet wifi, então a gente sabe que a própria transmissão de aulas que reúnem muitas câmeras abertas, demandam a quantidade de dados grandes, esses alunos às vezes eles não conseguiam acompanhar as aulas. Então, esse era um desafio porque os alunos, né, reportavam isso pra gente e de certa forma a faculdade ela não teve um cuidado especial, não atuou diretamente nessa situação de certa maneira deixando os alunos assim, né? A própria sorte com relação ao acompanhamento o que gerou pra própria faculdade, né? O compromisso de que não existiria, por exemplo, um rigor excessivo com relação a presença. Então, a Microsoft Teams permite que as aulas também fiquem gravadas, de certa forma, os alunos, eles tinham acesso depois. Então, a gente teve essa complicação com relação a questão do acompanhamento das aulas. Outro ponto de desafio é adaptação do material, né? Eu, particularmente, por uma vivência em cobre eu me preocupo muito em produzir materiais que as os alunos consigam acompanhar durante a aula, né? Então assim, ali eu falo pela experiência com outros com outros colegas que não tinham esse hábito, isso ficou muito perceptível pra eles também como os alunos eles demandavam a necessidade de um de um de um apoio, né? De um material de apoio pra que pudesse acompanhar a aula, né? E isso não houve uma padronização por assim dizer. Então tinha professores que falavam “ó consultem um livro tal que tá na biblioteca virtual que a gente tem na faculdade e eu vou tá trabalhando isso hoje”. O eu que disponibilizava o PDF em ordem, a nossa aula vai ser essa, antes da aula eu já adiantava pra eles. Então essa questão do material também foi algo pontuado e por fim acho que talvez o maior desafio é a questão da avaliação de fato é o que a gente bate cabeça até hoje porque não há como você dentro e eu e eu assim já comecei isso outras vezes com outros colegas eu sou da turma que que acredita que a avaliação formal da Fórmula da maneira como ela é é prevista hoje regulamentando pelo menos a nossa instituição ela é completamente defasada né? E assim não serve pra de fato atingir aquilo que a gente é espera com relação a avaliação que é compreender se né? O aluno conseguiu aprender todo o conteúdo, se ele eventualmente teve dificuldade ou constatar dificuldades que né? Caso ele próprio não consiga visualizar a gente consiga através da avaliação. Então eu sou eu sou partidário de que a avaliação formal das dos moldes em que ela está estruturada hoje, principalmente na nossa instituição ela não serve pra nada e na panelinha ela talvez isso ficou mais claro ainda né porque nossa instituição ela tem um regime de avaliação em duas unidades no semestre, no primeiro, né? Um valor total de dez pontos, no segundo de dez pontos em que desses dez ponto das duas unidades

em cada unidade cê tem uma avaliação individual de sete pontos e avaliação em grupo de então a dificuldade que a gente encontrou foi você já tinha avaliação formal em sala de aula, seja através de perguntas abertas, fechadas que seja, mas isso adaptar isso num contexto à distância, né? E remotamente, num fazia muito sentido, porque os alunos eles se comunicam entre eles. Então o primeiro modelo de avaliação que a gente trouxe foi de fato uma adaptação da avaliação formal pra o modelo, né? A distância, então pela criação de formulários, primeiro com o Google, o formulário, depois com o próprio aplicativo da Microsoft. Então a gente conseguiu desenvolver tanto pra questões abertas quanto pra questões fechadas, os formulários de avaliação e aí tentando, né? Adaptar com perguntas aleatórias, colocar também aleatoriedade nas alternativas o que depois das avaliações e com resultado a gente via que não dava muito certo. Quando você percebia, né? O alto índice de acertos em determinadas questões e tal e assim a gente tentava adaptar pras questões abertas também. Mas aí, por exemplo, turmas com quarenta, cinquenta alunos, você colocar duas questões abertas é uma enormidade de correção pra gente fazer. Então, a questão da avaliação ficou muito clara, né? E é a é um ponto que até hoje a gente também discute enquanto modelo que a gente, né? Num sei quando a gente volta, tentar buscar pra essa adaptação. Eu acho que talvez esses tenham sido os grandes desafios que agora na cabeça me vem pra tá trazendo pra você...

MF: Só uma dúvida que que eu fiquei na sua fala diante dos formulários eles poderiam responder mais de uma vez?

001: Não, o formulário na Microsoft Teens, ele tem uma ele tem uma opção, né? Uma funcionalidade de que cê só permitisse a resposta por membros da instituição, então a partir do momento que a gente migrou para o a instituição ela produziu e-mails institucionais que não existia antes pra todos os alunos, então todos eles hoje têm um e-mail institucional e com esse e-mail eles tem acesso às funcionalidades da Microsoft nos moldes em que tá lá tanto pra a Teens quanto pros outros aplicativos né? E aí no Microsoft Forms você tinha lá uma funcionalidade que cada login podia dar uma resposta e no próprio formulário você colocava um horário determinado, né? Então o formulário ele abre e fecha no horário específico. Consulta, permitindo consulta, porque de fato a gente não tinha como né fazer essa fiscalização. Então, infelizmente, é de novo né? É um ponto que a gente discutia muito porque assim obviamente eles se comunicam durante a prova e obviamente eles fazem também, né? Então era um ponto que a gente falava, olha esse modelo da forma como a gente transportou da aula em que você tá ali na sala, em que você tá ali passando pelos alunos e você consegue fiscalizar, ele é adaptado pra o remoto ele não faz sentido nenhum, né?

MF: Hm-huh.

001: Eu não consigo avaliar o aluno, num há sentido, né? Nesse tipo de avaliação, entendeu? Essa transposição pura e simples.

MF: Então, a minha próxima pergunta tem a ver exatamente quanto a avaliação. Dentre umas três formas teóricas que temos de avaliação, né, que é a diagnóstica que você vê onde o aluno está, né, a sumativa que tem o intuito de classificar o aluno que é aquela mais tradicional e a formativa que ela tá comprometida em um acompanhamento com e não tão comprometida com a classificação. Então, diagnóstica sumativa e formativa. Qual dessas você considera mais integrada a um processo de aprendizagem, compreendendo que a avaliação é ou não é integrado ao processo de aprendizagem ou todas elas são importantes ao processo de aprendizagem?

001: Eu, assim, eu acho que elas são importantes do ponto de vista de que a avaliação, ela não pode ir percebendo a avaliação ela não se resumindo a um momento final por assim dizer eu acho que elas seriam de fato possível você utilizar todas essas avaliações, se o processo de avaliação ele fosse contínuo né? Durante o semestre por exemplo então que eu conseguisse avaliar o aluno do ponto de vista de ele chega

mesmo ainda não tendo conteúdo, então eventualmente uma avaliação de diagnóstico, né? Que você consiga verificar até por uma questão de avaliação geral da turma por assim dizer e aí pensar um nivelamento, algo nesse sentido a formativa pra mim ela é essencial enquanto avaliação contínua, então perceber na própria questão da transposição do conteúdo e do compartilhamento do conteúdo o quão esse aluno ele consegue interagir e de que forma ele tá atento a isso, então durante por exemplo o semestre que eu trabalhei agora eu deixei claro pros alunos que eu verificava muito a questão da participação, então era um modelo de avaliação que eu queria, né, adaptar e tentar analisar durante esse momento, a forma como eles se dispuseram pra participar das aulas. Então, eu acho que eu acredito que a avaliação talvez mais pra mim, pra docente, seria a última a forma ativa, obviamente, mas eu não desprezaria as demais, mesmo que que do ponto de vista da avaliação enquanto componente que deveria ser visto de maneira contínua ela teria muito mais ela geraria muito mais frutos que você encerrar a avaliação do sal do ponto de vista classificatório e excluindo eventualmente aqueles que não conseguissem atingir a média, né? Então eu acredito que essa variação contínua em que você consiga trabalhar, esses três avaliações que você colocou, talvez fosse o modelo ideal, mais pendente a última assim, ser um modelo mais produtor, pelo menos na minha na minha ótica.

MF: Uhum. E com relação ao após a avaliação. Você costuma utilizar individualmente ou de forma coletiva?

001: É, a gente eu geralmente trato de comentar as questões na aula seguinte, eu gosto de corrigir as questões mas não gosto também de fazer isso de maneira muito fechada né? No sentido de que que de acreditar que corrigir a questão por corrigir e dizer qual que tá certo ou que tá errado também não faz muito sentido, porque o aluno ele pode até compreender onde ele errou mas ele entender que é tentar alcançar questões fora necessariamente do conteúdo, acho que pra mim é um ponto importante com relação a essa questão do então tentar compreender a avaliação também no sentido geral da turma, né? De avaliá-los enquanto turma, enquanto dificuldades, né de questões que eventualmente você tenha debatido de maneira mais frequente e que num resultado geral você percebeu que os alunos talvez não tiveram uma compreensão ou não sei, né? Ou não se esforçaram durante a realização da prova então assim eu costumo ter esse feedback de maneira individual quando o aluno, ele procura, e aí ele fala “olha essa questão não entendi porque que ela era assim” ou porque você deixando claro também que a gente abre o formulário depois da avaliação pra que eles consultem, então eles tem acesso também às correções e verificação das alternativas corretas e o que o professor pontuou né? Permitindo até os comentários nas questões eventualmente abertas pra que a gente colocasse lá pros alunos. Então eu costumo fazer de um de uma forma mais ampla mas quando necessário também de maneira mais individual, mais específica, quando o aluno ele tem esse questionamento. Assim, talvez você compartilhe dessa mentalidade que eu, o direito ele tem uma dificuldade, né? A gente tem uma dificuldade muito grande de conseguir tentar avaliar de maneira concreta que eu costumo dizer pros alunos assim, a gente, o direito não é pra mim enquanto concepção do ensino do Direito, eu não tô aqui pra falar, pra só ler artigo de lei pra vocês e dizer o que que a doutrina pensa sobre isso, mas despertar a curiosidade né? Despertar o interesse pra que ele aluno, ele saia desse local de comodismo né, de só ouvir o que eu tô falando e buscar saber o porquê que aquilo é daquela forma ou o porquê que a legislação ela foi criada naquele sentido. Então, eu tento, eu tento verificar um pouco mais esse feedback de avaliação também nessa linha, né porque o direito ele tem essa dificuldade também né? A gente acaba vendo muito isso de resumir a concurso, a prova de concurso, avaliações e questões de concurso no direito e de OAB que eu também não vejo muito sentido quando você um certa maneira padroniza, né? O pensamento e o aluno ele fica ali só pensando onde nos artigos ou que a jurisprudência fala sobre aquilo, né?

MF: Direito tem esses detalhes, né? Essas tendências também de seguir determinada linha.

001: É.

MF: É então, a próxima questão é com relação as ações de ações criativas, inovações. Um dos meus objetivos são as formas de avaliação, precisaram ser aplicadas com ações criativas, inovações que você nunca tinha feito antes? Se sim, pode descrever?

001: Olha, deixa eu puxar aqui porque eu tive experiências por assim dizer inovadoras nesse próprio modelo de avaliação com a utilização de formulário, né? Porque, por exemplo, tinha alternativas e tinha viabilidade de você montar as questões com, por exemplo, múltiplas alternativas e que o aluno ele teria que fazer um esforço maior de compreender a razão daquilo que eu tô pedindo na questão, né? Pra indicar. Ah, além disso acho que talvez a questão desse modelo de aula invertida que isso não era muito comum no regime presencial em que a gente adianta o material da aula, então disponibiliza algum texto, algum capítulo de livro, algum artigo e tratar com eles em sala de aula via discussão, né? Via diálogo, via debate eventualmente. Então, acho que talvez esse modelo de desenvolver a criticidade baseado na discussão, no diálogo no momento que talvez tenha sido bem interessante favorável porque quebrou um pouco essa dinâmica da aula expositiva formal, né? Apenas da transmissão do conteúdo. Então eu percebi isso, né? Que é talvez, né? Algo que já é batido, a gente já sabe, a gente já tem essa noção de que o diálogo, a discussão, os grupos de conversas, os grupos de debate, eles tem essa digamos eles conseguem cumprir essa função, né? De desenvolver a criticidade e também com em consequência disso, a própria curiosidade, mas isso ficou um pouco mais latente quando a gente percebia que principalmente no direito questões contemporâneas, questões do dia a dia elas traziam os alunos um pouco mais pra o contexto da sala. Então eu procurei por exemplo em algumas turmas abrir os dez, quinze primeiro minuto de aula pra gente comentar sobre alguma questão que aconteceu né? Relacionada ao tema da aula no país. Então, por exemplo, direito penal quatro, eu tenho crimes, né, em espécie, a gente tratou em determinado momento de um seminário em que eu busquei discutir a questão dos crimes praticados, né, no contexto de pandemia. Foram muitos, né que até então a gente não tinha habitualidade de tá discutindo, infração de medida sanitária, epidemia, charlatanismo e por aí vai. Então os alunos eles se atentavam um pouco mais nessa discussão no início da aula e eu conseguia trazer né? Pra se ambientar na discussão do dia, né? Essa turma de prática por exemplo eu brincava, eu falei “olha toda semana a gente vai ter um tema novo e diferente pra discutir porque o Brasil ele produz isso pra gente semanalmente né?” Então questões que envolvia questões que envolviam impeachment de governador, questões que envolviam né? Devido processo legal, punitivismo do Estado, situações de autoritarismo, então isso tudo dava pra eu discutir num primeiro momento. Então talvez enquanto experiência que eu não tinha antes e que foi adaptada pra esse momento que eu percebi de maneira frutífera foi de fato esse primeiro momento de diálogo, né? Às vezes, enquanto proposta, né? Inicial, eu disponibilizava um texto anteriormente e eles vinham pra discussão e ou às vezes, de fato, trazendo questões fora do nosso conteúdo, mas que de alguma maneira poderiam contribuir aí com o nosso aprendizado ali dentro. A gente até tentou adaptar algumas ferramentas, né, por exemplo tem uma um aplicativo que chama, eu acho, que traz mapas mentais e tal, mas a gente percebia que, pelo menos eu percebi, que determinadas ferramentas quando elas exigiam um pouco mais de complexidade eu percebia que a adesão era menor. Então lá você precisa abrir, fazer um login, fazer não sei o que, depois né? Enviar ou tem pra celular? Aí não tem pra celular, tem que ser no notebook aí já é mais complicado pra mim, então a gente tentava adaptar pra metodologias que fossem acessíveis e que fossem, né? Mais disponíveis, principalmente por conta dessa questão do acesso, como eu coloquei pra você. Então, a discussão, né, então esse método de que não necessita de ferramentas de ela pra mim foi um modelo invertido quanto nesses diálogos iniciais

no primeiro momento da aula, talvez foi algo que eu não fazia antes e que trouxe, né? Pelo menos pra mim teve um retorno bem bacana assim.

MF: E com relação ao futuro pós-pandemia você imagina um retorno completo ao modelo anterior?

001: Não, negativo. Na verdade, assim, eu tenho certeza absoluta que a gente num não volta, né? Pra o que era pelo menos assim, pra mim, né? O que eu vejo a minha atuação porque eu por exemplo não vou conseguir mais dispensar ferramentas que eu descobri, que eu tive acesso nesse período de pandemia, né? O próprio Microsoft Teams, a gente brinca lá na faculdade, fala ó a faculdade não pode, né? Descontinuar essa contratação, esse serviço porque pra gente que entende que a atuação do professor ela não se resume a sala de aula, você ter essas ferramentas que a pandemia né? Trouxe enquanto janelas de oportunidade pra trabalhar a disciplinas é bem bacana. Então, por exemplo, no eu consigo disponibilizar vídeos pra eles, então o aluno não precisa ir no link do não, ali mesmo na plataforma ele já abre o vídeo, já consegue acessar. Então, os próprios formulários né? A questão dos quadros interativos, a questão da gravação das aulas querendo ou não. Então, por exemplo, questões que a gente não conseguia encerrar em sala de aula, eu tenho certeza que agora com a possibilidade de você gravar as aulas ou abrir aulas né? Em outros horários, isso vai permitir que você tenha essa maior aproximação com o aluno fora do contextual de aula. Então, acho que no do ponto de vista desse trabalho extraclasse talvez a gente não consiga mais se manter digamos assim distante deles, né? Talvez isso se intensifique cada vez mais no sentido dessa aproximação né? Dessa coisa de não encerrar o contexto da disciplina na sala de aula no momento da aula expositiva, mas também com essas ferramentas. E aí eu faço, né? Já é um trabalho da nossa faculdade, mas é importante destacar também que é uma tendência natural a utilização das metodologias ativas, né? Então não só a sala de aula invertida, mas a gente teve acesso e já conseguiu presencialmente desenvolver o que é aquela que é aquela modalidade, né? De instrução pelos pares, então você consegue tentar desenvolver entre eles, né? O auxílio pra resolução de questão, o próprio como é que é? Ai meu Deus, TBL, né? E o PBL, o e outros metodologias que agora eu não me recordo não me lembro de todas, mas eu sei que algumas delas a gente já conseguiu utilizar e que foram de fato muito frutífera então eu não vejo dissociado né? A questão desse novo modelo, desse novo momento é a necessidade da utilização das metodologias ativas né? Até enquanto o ponto de desenvolvimento e autonomia dos alunos.

MF: Perfeito. Perfeito. obrigada, professor. É então estamos quase no final. quanto aos processos de avaliação. Agora a gente vai falar de uma coisa mais uma coisa mais legal, né? Com relação aos decretos, tem um histórico de decretos que regulamentam a educação a distância foi o que eu procurei de analogia, né? Pra poder nós aplicarmos ao ensino remoto assim emergencial da pandemia. No ensino a distância desde noventa e oito eles exigem a prova presencial para diplomação e o último decreto de dois mil e dezessete ele lista sim atividades presenciais como tutoriais, avaliações, estágios, práticas, profissionais, laboratório, defesa de trabalhos, projeto muitas coisas que devem ser realizadas na sede da instituição de ensino nos polos de educação a distância ou em ambiente profissional. Tudo bem, esse é uma regulamentação em dois mil e dezessete, mas trazendo pra dois mil e vinte e dois mil e vinte e um estamos todos, né online no ensino remoto a distância e eu sei que é diferente mas talvez a gente possa aproveitar essa norma pra discutir. Em breve né? Você identifica que a instituição de ensino superior que trabalha ela flexibilizou essas exigências de provas presenciais, de avaliações presenciais?

001: No nosso caso ela flexibilizou por completo porque a instituição, ela abriu de fato ao professor forma de avaliação. Então, assim, desde que você cumpra o modelo da avaliação dos moldes da pontuação, então, você define os sete pontos da avaliação especificamente pra essa avaliação individual, cê fazer ela da forma que você quiser.

Então a faculdade fala, olha, eu tive colegas no colegiado que mandavam um arquivo em ódio e o aluno mandava de volta com as respostas desse tipo até esse tipo de avaliação através do formulário, né? Ou eventualmente com a produção de texto, né? Artigos científicos, resumo expandido e por aí vai. Então acho que assim, no nosso caso não houve né? Qualquer obrigatoriedade de cumprimento de alguma obrigação mesmo presencial nenhuma, inclusive TCC, né? Todas as bancas que a gente tem feito do meio do ano pra cá, no meio do ano passado pra cá, todas foram virtuais, sem nenhuma exceção. Então assim, isso de certa forma mostra que a faculdade eu não sei, acredito, né? A nossa faculdade especificamente ela é presencial, então ela não tem autorização pra atuação um regime híbrido ou né? A distância ou semipresencial, obviamente que acho que isso será regulamentado pelo Governo do Estado com relação as faculdades presenciais, né? Essa possibilidade desse regime semipresencial ou híbrido mas eu acredito que a faculdade ela também não exigirá de maneira rígida presença quando o aluno eventualmente ele consiga justificar ou ele tem ali argumentos pra falar “olha, não vou na faculdade” então o que a gente tem visto hoje pelo menos na nossa instituição é a tentativa de adaptação do contexto local, físico, do espaço da instituição pra essas aulas híbridas que a gente tentaria, né? Dar as aulas positivas pra aqueles que estivessem presencialmente, né? E também isso seja transmitido por uma plataforma que a gente já tem que é do Microsoft agora as dificuldades técnicas dessa adaptação a gente sabe que são muitos né? E até que ponto a gente pode ter sucesso ou não a gente não sabe ainda mas acredito que a faculdade ela vai manter isso enquanto houver autorização dos órgãos, né? Que tão regulando aí tantos Governo do Estado né? O Governo Federal no que diz respeito às questões relacionadas ao ensino superior então eu acho que enquanto houver essa autorização excepcional a faculdade vai continuar permitindo o aluno não precisa ir né presencialmente estar lá na faculdade.

MF: Uhum. Então agora a gente mudando de assunto um pouquinho com relação a formação dos professores, mas também a gente não se distanciando muito assim da questão do preparo para as avaliações. Por exemplo, quais competências digitais você considera que devem ser desenvolvidas uma formação inicial ou contínua para aproveitamento das ferramentas digitais. Pode ser tanto para, né, o processo de ensino de uma forma, o processo de aprendizado de uma forma completa para o processo de avaliação.

001: Então esse ponto ele tem que ser visto pelo menos assim na nossa instituição a gente tem esse cuidado de avaliar a questão da utilização das ferramentas entendendo e compreendendo que o nosso público é um público de um perfil mais heterogêneo, por assim dizer, do que por exemplo as universidades públicas, né? Então nas universidades públicas geralmente cê tem o perfil do aluno, né? Que é egresso no médio, que tá ali saindo e que vai se colocar, né? No ensino público naquele momento. No nosso caso, por ser um uma faculdade né? Da cidade, então nós nós temos assim, a nossa faculdade já é uma referência do ponto de vista presencial e de autonomia porque ela digamos ela foi a primeira faculdade de direito da cidade então ela sempre atraiu né? Em perfis diversos. No nosso caso eu tenho hoje, né? Ainda tenho né? Hoje menos, mas antigamente mais a gente tem né? Por exemplo alunos com mais de cinquenta anos de idade, eu já tive alunos com sessenta e cinco anos de idade. Então, por exemplo, eu tinha uma aluna no início do ano passado, a dona Devani e assim eu falava, “olha, tem que fazer o formulário, tem que fazer login, tem que fazer marcar e depois cê clica em enviar e aí você vê se é o navegador tá aberta”, ela fala “professorzinho, eu num sei pra onde vai com isso”. Então assim eu percebia que pro perfil da ala jovem, as competências elas já estão pra eles muito bem alinhadas pra esse momento, né? Então por exemplo alguns ainda colocavam dificuldade mas acredito que era né? Com uma forma de tentar “comé” que se diz relativizar ou tentar né? Não realizar atividades, mas assim, a maioria deles sempre que eu propus utilização de alguma ferramenta principalmente pra acesso do material, a maioria eles conseguiram, né? Acessar. Muitos problemas a gente teve essencialmente por conta da plataforma,

então era login de aluno que não conseguia abrir a aba tarefas da nossa equipe A gente tinha lá, cada professor tem a sua equipe, com a sua disciplina, em que ele tem lá o de rolagem de postagens, então cê faz a postagem da aula do dia, coloca o material, apresenta o conteúdo e abre a transmissão da reunião naquele momento. Aí a tarefa eu abria, tem uma funcionalidade dentro da equipe, aba tarefas em que você colocava, né? O título da tarefa, qual que era a proposta, quanto que valia, qual que era a data de entrega e aí eu conseguia que os alunos enviassem isso pelo próprio eu não precisava baixar por email nem nada, abria independentemente do formato, PDF e eu conseguia corrigir dentro da própria plataforma já devolvendo a nota pra ele. Então, assim, esse tipo de dinâmica, a maioria deles já consegue fazer porque é inerente talvez a própria geração, né? Então é muito fácil, é muito rápido, é muito simples preenchimento de formulário, é muito simples, é muito intuitivo pra eles, né? Nesse perfil desses alunos mais jovens. Agora obviamente, por exemplo, eu tinha alunos que só conseguiam me mandar atividade por email. “Ó, professor, não sei onde é que eu abro aqui, eu tô tentando, tô tentando enviar, não consigo”. Aí eu falei, “não, então pode me mandar por email que eu corrijo e te devolvo por email mesmo”, com sua nota e depois lanço no sistema. Além do que, eu esqueci de destacar isso também, a gente tem uma outra plataforma que é a plataforma das notas e do registro do conteúdo, que é uma plataforma anterior, mas né? A plataforma mais administrativa como né? Nas universidades tem lá o auxiliar algumas outras né? Tem o CEI no nosso caso é o CEI especificamente. Então, assim, eu percebia que nessa plataforma a gente tinha mais dificuldade pra tratar das questões extraclasse e de conteúdo nessa plataforma que ela dá, essa opção também. Então a gente ficava tudo voltado pro Microsoft Teams. Mas assim, de certa forma acho que as competências elas já são competências inerentes à vida social deles, né? Sim. No caso da utilização da tecnologia, o que eu acho que seria primordial, como eu já contei pra seria adaptação da metodologia ativa a esse módulo, a esse modelo. Só que isso óbvio, passaria por uma, digamos assim, uma revisitação, uma reavaliação daquilo que eu já discuti com você da própria autonomia do aluno, né? Então, eu não vejo hoje esse modelo de ensino híbrido, semipresencial, remoto, sem que o aluno tenha consciência de que ele é quem vai chegar né? A compreensão do conteúdo por conta própria, principalmente no curso de Direito, né? Você muito bem sabe disso, que o aluno pode reclamar o que for, pode falar o que for, do professor, se ele quiser ele faz o curso cem por cento do curso ele faz sozinho sentado em casa, sem precisar assistir uma aula sequer do professor. Então, eu não consigo enxergar mais enquanto professor, né, e facilitador, né, a gente costuma falar isso, facilitador do conteúdo, não consigo mais enxergar a nossa função enquanto da dor de aula, né só o conteúdo, olha isso e bom, o aluno se ele quiser levar ali na doutrina, OK? Pra mim, é o grande desafio é tentar despertar neles essa curiosidade, falar assim, “não, vou ali ler por conta própria, vou ali buscar o julgado por conta própria porque esse tema me interessa, esse modelo me interessa, essa discussão me interessa” e tentar de maneira intuitiva que eles tenham essa autonomia sendo desenvolvida durante o curso, né? Acho que isso é o mais importante e eu acho que e eu acho que talvez seja pra esse novo momento, talvez a principal competência seja essa de autonomia de estudo, né? Ele que é a base, que é a base do EAD, né? Que é a responsabilidade com relação aos trabalhos, né? E as atividades como um todo e com relação aos professores, né? Você como professor e como colega, né? De outros professores. Uma questão, uma opinião pessoal sua você considera que todos buscam essas competências digitais, você buscou, como se autoavalia, como a desculpa, como se autoavalia, como dessa forma e como pensa que poderia ser melhor, também do ponto de vista corporativo dos, eu particularmente falo por mim, eu busquei porque né? Já era algo que eu via ainda mesmo antes da pandemia via enquanto oportunidade, né? Pra esse trabalho que a gente tá que eu tô comentando com você de desenvolver a autonomia. Então acho que assim, quanto mais fácil e quanto mais digamos, disponível e prático pro aluno ter acesso ao conteúdo acho que facilita, né? Eu formei com o professor falando “a apostila do livro, tá lá na Xerox, desce dessa página e assim”, né? Então, cês vão lá em busca.

Hoje num dá mais pra você falar isso, né? Hoje num dá mais cê virar “Paulão vai lá na biblioteca digital” e vamos pensar assim, né? Adaptando pros modelos de hoje, né? A gente tem a minha biblioteca que é a plataforma que você tem acesso que é incrível, você tem obras recém lançadas, já tá lá disponível, né? Digital. Então, eu não posso falar, “ó, cês vão estudar a matéria de hoje, é da página dez, a página trinta do livro digital”. Não, que aí vai ter aluno que vai virar pra mim e falar, “ah, não consigo acessar”, ou “meu computador não consegue” ou “não abre”, ou “não tem um complemento certo” ou “não, o Adobe pra isso” e por aí vai, né? Aí eles vão inventar um monte de coisa. Então eu já deixo o material muito assim prático pra eles. Já disponibilizo tudo. Então assim, “olha, tá tudo em PDF aqui vocês”. Então eu tenho aqui o material que são os slides que eu vou usar na aula de hoje, eu tenho esse material de apoio que ele vai trazer temas que eu talvez não consiga abordar em sala, eu tenho esse artigo científico que vai tratar dessa temática mais, né? Pra um problema específico e aí tentar desenvolver também essa questão mais de pesquisa e extensão que principalmente na nossa faculdade eu sinto que é carente e aí a gente costuma brincar no colegiado, isso é do direito né a pesquisa e extensão não é a feita ao curso de direito, né? O curso de Direito ele é um curso construído pra formar advogado, juiz, delegado, promotor que seja e aí talvez um dos pontos que eu mais bato cabeça, minha dissertação inclusive foi trazendo um pouco dessa crítica, né? Quando eu escrevi minha dissertação eu falei sobre a prática do estágio, né? A questão da utilização das ferramentas tecnológicas de manejo do processo no estágio, de que forma isso auxiliava a compreensão do conteúdo por entender que hoje como a gente tá discutindo num contexto digital eu não posso mais preparar esse aluno sem que ele consiga utilizar as plataformas né? De análise de processos, PJS e por aí vai. Então assim, eu via que era necessário, né? Pensar alternativas pra essa adaptação do ensino direito. Então tudo que eu que eu de alguma maneira tentei adaptar era muito caminhando também nesse sentido de falar olha eu tentar descobrir formas novas, né? Pra principalmente pra essa geração. Então, eu venho, minha trajetória foi um pouco disso, esse professor que eu trabalhei com ele enquanto professor assistente. É um promotor de sessenta e cinco anos de idade, quase setenta, mas já vai atingir os setenta anos de idade, que nunca fez slide e aí brigava comigo e falava “ó por que que cê tá trazendo esse negócio de slide? Esses alunos agora só quer saber que material mastigado”, fala, mas a gente não vai brigar, né? Por exemplo, aí é o professor que senta na mesa, abre o livro e fica ali falando, falando, falando, falando. Ele falou assim, ah, mas fala que não tem didática ou fala que não é dinâmica. Bom, a cabeça deles é diferente, né? Na cabeça de quem já tava adaptado com isso, né? Eu pela minha idade, eu tô ali no meio termo, né? Então, eu tive na faculdade essa experiência, né? Do ensino que não era tão com tecnologia ao presente, mas ao mesmo tempo eu já, né? Já tô inserido nisso até pela atuação profissional enquanto advogado na época, então acessar processo eletrônico, né? Plataformas, né? De controle de processo, então isso gera também muito muito fácil pra mim. Então, na medida em que a gente começou a ter essa pedida da faculdade pra adaptação de metodologia ativa eu comecei a verificar essas oportunidades. Então, por exemplo, você tem lá a ferramenta do seu, não sei se cê já ouviu falar, que é onde você consegue criar as questões e você consegue acompanhar em tempo real quanto o aluno acertou, errou e por uma avaliação geral do aluno, né? Daquele contexto, naquele momento, você refaz a questão. Então, por exemplo, eu falava, “olha, acessem aí o link, é esse”, abria no celular, na sala de aula presencialmente, “a questão é essa”, eu deixava a questão do quadro, respondo, aí eles iam lá e respondiam, aí eu fechava, falei “dois minutos”, respondeu acabou, abre de novo a questão fala “olha, sessenta por cento de vocês erraram a alternativa. Então agora vocês vão conversar com o coleguinha do lado e vão procurar saber qual foi a alternativa dele, o porquê que ele marcou aquilo e vamos de novo refazer a avaliação.” Eu tô aqui reproduzindo a forma como eu aprendi a fazer a metodologia, e aí eles conversaram entre eles, depois refazia isso. Então a gente buscou, né? Essas alternativas, eu buscava essas alternativas antes do modelo, né? Da pandemia e eu via que a gente tinha um retorno bom porque era também uma forma de

quebrar um pouco, né? Aqueles que eles relatam esse cansaço, né? Essencialmente o curso de direito é excessivamente como eu disse, então retrazer esses momentos que você consegue quebrar um pouco era ideal pra eles, agora do ponto de vista também dos colegas, eu preciso que muitos não se adaptaram, muitos inclusive, né? Falaram, “não, não vou, vou mandar o material e eles que me mandam de volta”, por exemplo, que a avaliação era o aluno gravar um áudio explicando o a pergunta que ele mandou e aí mandava o áudio de volta ou como eu falei mandava o arquivo de Word e mandava de volta pro, teve uns que eu particularmente eu acho não vou ficar avaliando né? Atuação de outra mas por exemplo tem professor fala que tinha um trabalho anteriormente no modelo presencial que era o aluno escrever trinta laudas a mão de uma atividade qualquer e aí ele adaptou pra esse contexto. Ele falou, cês vão escrever, tem que tá lá usar a mão e vai mandar pra mim digitalizado as fotos. Eu falei, né? Num faz sentido isso, assim, qual que é o objetivo metodológico dessa, não tem porque e aí eu percebia muito isso, mas necessariamente porque não houve e aqui eu falo, por conta da instituição não houve uma clareza de como os professores se adaptariam. Nós ficamos de certa maneira com autonomia pra decidir. Então os colegas e aí acho que não só uma questão de idade, mas por uma questão de aí é aquilo que a gente briga aí você sabe de fato no direito quem é que tá ali pelo magistério e quem é que tá ali como a segunda profissão é o meu passatempo, né? Que acontece muito, né? É o juiz, é o promotor, é o delegado que eu pago pra dar aula, falei então não dá aula, vai outra coisa, né? Meu tempo aqui eu tô pagando pra dar aula. Aí salas de aula vira aquela coisa meio que assim, vou ali pra sala de aula comé que eu sou bom ou que que eu faço, o que que eu deixo de fazer, o que que eu acho do STF e tal. Então assim no nosso curso eu percebi isso muito claro, né? Como parte dos colegas eles realmente desprezam o compromisso com a docência entendendo que pra eles a ideia do direito é só realmente passar ali aquele conteúdo. Então esses colegas eles não buscaram, não buscaram. Nem mexeram da cadeira. Agora mesmo colegas com mais experiência de vida, com mais idade, tiveram alguns que aí é quando cê percebe quem é de fato apaixonado por docência. Eu tinha colega no colegiado, né? colegas assim, professora com com idade, né? E ela falava, “me ensina a fazer isso aqui”, aí eu falei, “ó aqui cê vai nessa abazinha aqui, clica aqui que ele vai fazer” então eu fiz um pra ela pra essa colega um vídeo explicativo de como faz um formulário no Microsoft Forms. A faculdade não fez isso. Então assim, é aquela coisa, olha se cê não tiver uma atuação, né? É de cunho pedagógico de fato, da faculdade compreender que ela precisa também dar o suporte pro professor nesse sentido, a gente vai viver, né? Com o aluno falando, “ah, professor tá dando pra entender” por causa disso? O outro não tá dando pra entender por causa disso e a faculdade meio que abrir mão é se virem aí comé que cada um vai fazer. Então isso não é padronizado, o que eu acho que talvez seja um problema, talvez um grande problema, né? Porque assim, não oportuniza que a gente troque essas experiências e desenvolve o modelo padrão e a gente fica disputando dentro do colegiado que aí tem colega por exemplo que eu num tive acesso, num sei comé que funciona, mas tem aquela outra metodologia da gamificação aí vai lá e utiliza o game não sei o que mas assim não cria um modelo fala olha vai ser assim né? Cria um manual então você fazer essa metodologia cê vai fazer assim, isso não era feito, então era um colega ajudando o outro, fala “comé que cê fez isso? Comé que cê fez aquilo? Ah, me ensina? Ah, quando é que vai?” Então, eu vejo um pouco disso, né? Então, foi a hora que a gente de fato descobriu quem é professor de verdade, que tá ali pra dar aula e quem num tá pra dar aula, eu ando apaixonado pela educação, eu tô quase no caminho contrário, eu fiz Direito, aí depois eu fiz uma pós em Direito, depois uma pós em educação, o mestrado da educação, agora eu quero fazer Pedagogia. Então eu sempre acompanhando a ciência nesse sentido, eu falo pra minha mãe “que que cê acha de fazer pedagogia?” Ela olha e fala “Pra que que cê vai fazer pedagogia? Vai fazer outro curso”, mas eu falo, “gente, por que não”, né? Qual que é o problema de fazer a pedagogia? É importante.

MF: É tão importante a função do professor, né?

001: A gente percebe a importância do entender que a nossa a nossa função ela não é aquela coisa de né? Segundo trabalho ou segunda ou profissão acessória que exige muito mais do que nossas, né? Vinte horas semanais, que às vezes a faculdade também não pensa nisso, né? Quer dizer, você tem um material adequado, você tá com notebook, você tem fone, comê que tá? Então era coisa meio que jogada assim, toca pra lá que a própria instituição ela de certa maneira também não enxerga isso, né? De que há uma necessidade da formação do professor, eu tenho um colega, a Maria Fernanda, eu não tenho problema de relatar isso, mas eu tenho colega que me atualiza lá desde dois mil e dezesseis. Então assim, colega que é juiz, sabe? Então qual que é a lógica de eu ter só uma autoridade ali pra falar que é uma autoridade que tá dando aula na minha de não pensar nos outros pontos. Aí vem visita do MEC, vem avaliação de Enade, você vê que de fato o que você tá fazendo não tá dando certo. E pra gente é uma dificuldade maior ainda, você sabe disso, nas faculdades particulares a gente recebe alunos que não tem, né? Digamos uma formação mínima suficiente pra tá entrando no ensino superior que é a loucura que a gente vive batendo cabeça também no colegiado, a gente fala assim, olha o aluno que se fala na instituição privada ele vai alguns alunos das instituições públicas de ensino básico e médio ele vai pra Universidade Federal bancado pelo MEC de certa maneira né, bancada pela União e o MEC, é esse mesmo o Mec que nos manda os outros alunos das instituições públicas com o Prouni, com FIES, que tenham a dificuldade inerente dos do básico da formação eles vêm pra faculdade particular, ou seja, é algo que a gente recebe do poder público e aí é o próprio MEC que vem a Valéria falando, olha, esse aluno seu aqui ele não tá entendendo a compreensão do texto, eu falo bom, mas a formação não foi só no ensino superior Informação foi antes. Então assim, existe esse descompasso, é a gente que recebe, aí o MEC vai avaliar com nota de ENAJ, quer dizer, os alunos lá a gente tá agora num trabalho de reestruturação pra ENADE Inclusive com né? Com acordo com aluno, com barganha com aluno pra aluno não sacanear nada e aí vira isso porque assim aí sabe as coisas que que não é seriam óbvias né? Quer dizer que que eu preciso agora ficar negociando com esse aluno pra ele fazer o ENADE seriamente? Por que que eu não consigo né? Incutir na cabeça desse cidadão que se ele não fizer seriamente ele vai tá carregando essa responsabilidade pro resto da vida, é uma instituição que pode eventualmente ser mal avaliada e por aí vai. Então, assim, eu vejo um pouco disso, né? De que a o os problemas eles às vezes parecem que tal, né? Se resumem a sala de aula e alguns contextos de aula, mas eles tem uma proporção muito maior do ponto de vista institucional, do ponto de vista dos objetivos da instituição e por aí vai. Então assim é pra gente lá tem sido um desafio de fato e eu cada vez mais quando eu conheci o professor Silvério, assim, ano meio do ano passado a gente teve o seminário do DMMDC e aí minha mãe virou pra mim que ela já tava num grupo de estudo lá em Salvador “ó, tem esse seminário aqui, por que que você, num sei, que mexe nas tecnologias? Por que que você não apresenta aqui?” É uma mesa específica e submeti a prova, era o professor Silvério que tava. Aí inclusive eu brinco com ele e falo “professor, eu tô com vergonha porque a gente tem projetos em curso pra tentar apresentar alguma coisa e eu não dou conta”. Porque assim, aí eu tenho, né? As questões da faculdade, atividade a mais e aí você tem que correr pra poder entregar aluno que quer te mandar artigo pra você ler. Então assim, essa coisa de se entregar tanto que eu as vezes me comprometo com algumas coisas, né? Próprias, eu tenho uma pós-pendente de direito penal, de constitucional, que tá parada e que eu não consigo terminar, mas assim, tentando caminhar.

MF: Então, última pergunta é uma pergunta bem livre. Eu gostaria de saber se você tem algo a acrescentar, se tem alguma pergunta que eu não fiz que você gostaria de deixar registrada pra contribuir a minha pesquisa.

001: Bom, eu assim, você percebeu durante a nossa conversa que as questões que envolvem a educação, pra mim, elas são muito muito caras principalmente por conta do

que eu vivi na experiência no direito então eu advoguei seis anos pra onde financeira, vi na prática que a gente, né, tem um sistema de justiça completamente divergente daquilo que nos é apresentado em sala de aula. Então, isso pra mim me chateava, né, porque são coisas dos meandros da justiça que você só vai ter noção quando você tá na prática ali. Então eu percebi e aí sempre foi isso a minha o meu chamamento de educação sempre veio dessa questão da inquietação. Então, assim, de certa forma, eu acho que é importante que tenha-se esse destaque, de que a gente aí sempre falando quanto esse lugar de professor do direito especificamente mas assim de que eu só consigo enxergar, né? A gente conseguindo mudar determinadas questões com gente que se inquiete com a educação, que eu acho que é isso também que você sente, né? E que motiva a sua pesquisa. Então, por exemplo, eu vejo situações dentro da faculdade agora nesse momento me deixam realmente inquieto, né? Essa questão do acesso que a gente tá conversando e de não ter noção, de não ter noção, se você não sabe porque se o aluno não fala, você não sabe né? Quer dizer, ele vai entrar no celular dele, ele vai acessar lá a aula na no dia, mas você não vê a cara, você não conversa com ele, ele não te procura, ele não te responde no chat e ele faz a prova no dia, ele passa que eventualmente ele tá no grupo dos colegas, acerta tudo e você não sabe, não sabe. Tem aluno que eu encontro na rua, eu falo, me cumprimenta, eu falo, quem que é? Sei ah da sua turma que cê começou a dar aula de cinema, fala “ah e aí, tudo bom?” E tal, mas nunca falou nessa aula. Então, assim, eu acho que que a gente tem que parar um pouco de de assim de só reproduzir esse modelo formal, né? Que a gente vive pra o que existir, eu acho que esse momento é um momento que oportuniza isso e que eu só vejo assim é perspectiva de mudança de fato e acho que esse momento ele tem que ser utilizado pra isso quando a gente compreender essa nova estrutura de educação, né que ela tá que ela tem que ser completamente desvinculada dessa desse modelo, né? Digamos assim, historicamente engessado, né? De uma coisa meio que de hierarquiamento superior, né? Quer dizer, a educação enquanto modelo único, exclusivo de docelização das pessoas, né? Não enquanto movimento de criação e de curiosidade. Então, acho que que o mais importante é isso, eu vejo que a educação ela tem que ser enxergada dessa forma e ela tem que ser movida por essas inquietações. Acho que é isso e dentro da minha atuação ela é permeia um pouco disso, né? Acho que a gente só consegue atingir é novos moldes e novas propostas e a gente se inquieta né? E eu me inquieto por exemplo eu sou um professor que dou direito penal mas que vivo criticando ele fala olha o direito penal a gente vai estudar é pra criticar mesmo porque tem que entender que a estrutura do sistema criminal de justiça no Brasil ela é feita pra punir pessoas específicas, pra prender pessoas específicas, pra não é justiça, isso não é justiça que se faz né? O que se faz no Brasil é a completa docelização também desses corpos, né? Pra objetivos muito claros, né? Então acho que não há como desvincular tudo isso que a gente debate de ensino, né? A distância, ensino remoto, valorização da educação sem tá diretamente ligado as questões relacionadas a justiça social, né? A busca pela redução das desigualdades, a busca pelo pela emancipação dessas pessoas é de fato né? Entender a educação enquanto é movimento de emancipação, né? Das pessoas. É isso, é um pouco disso.

MF: Perfeito, perfeito, muito obrigada, muito obrigada pelo seu tempo, pela sua disponibilidade. Então eu vou encerrar a transmissão, ok?

001: Pronto.

MF: Até mais, bom dia, tchau tchau.

001: Tchau.

Entrevista 002

Plataforma: StreamYard

Sexo: Feminino

Área: História

Data: 16 de Julho de 2021

Duração: 47M11S

Entrevistador: Maria Fernanda

MF: Gravando. Então, é inicialmente eu gostaria de agradecer a disponibilidade da senhora, o tempo, né? Para a contribuição, a minha singela pesquisa sobre avaliação mediada por tecnologias digitais no ensino superior brasileiro. Para o meu tema ficar um pouco mais direcionado, eu fiz um corte temporal mais focado no período da pandemia, sendo de março de dois mil e vinte até os dias atuais. Então minhas perguntas serão direcionadas dentro desse corte temporal mesmo. Inicialmente eu gostaria de perguntar à senhora alguns metadados só, como idade, o último nível de educação, ocupação atual, essas coisas. Ah, os dados serão altamente sigilosos, eu só estou gravando para facilitar a minha transcrição, meu estudo, minha análise de dados. Depois que eu terminar a dissertação, todas as entrevistas serão destruídas, serão deletadas por questão de privacidade mesmo dos entrevistados. É qual a idade da senhora?

002: É sessenta e dois, sessenta e dois anos.

MF: Ótimo. Último nível de educação.

002: é superior ah doutorado, né? Eu fiz doutorado na Universidade do Porto em Portugal. Fiz um pós-doutorado mas pós-doutorado não é título. É, fiz o é um projeto que foi financiado pelo CNPQ, ahm onde eu fiz uma pesquisa, né? Dentro de um grande projeto eu fiz o Kew Gardens, em Londres ahm e fiz no jardim de plantas no departamento de Botânica em Paris. Então foi um projeto dentro da área da botânica, não é? Onde eu fiz o recorte desse projeto voltado para três naturalistas que vieram ao Brasil no século Dezenove e vinte, século vinte, e então eu fiz a parte mas é da documentação pessoal desses ahm né? Desses naturalistas, né? Então trabalhei uma documentação histórica, uma documentação iconográfica, né? Porque minha área é história da arte, né? Então ainda que ahm eu atuo, né? Num doutorado multi institucional e multidisciplinar...

MF: Hm-huh.

002: Mas eu tenho não é? Uma formação em cultura e arte.

MF: Nossa, que lindo, é uma honra pra mim. É a ocupação atual professora, né?

002: Eu sou professora plena é é um nível, não é? O último nível da Universidade do Estado da Bahia, não é? Uma universidade estadual e atuo num curso é do do departamento de ciências humanas.

MF: Hm-huh. É a minha ficha tem também coisas um pouco pessoais. Que é estado relacional e se possui filhos e onde reside a cidade apenas.

002: Salvador, Salvador, Bahia. Eu sou divorciada é e eu tenho uma filha e uma neta.

MF: A minha primeira pergunta ela é uma pergunta um pouco mais ampla. Com relação a trajetória da senhora e atuação como docente, nesse período é desse período só não, uma história de como, um breve histórico de como escolheu a profissão de docente é até os dias atuais. É uma pergunta mais aberta.

002: Tá bom.

MF: É só um minutinho professora, o meu filho quer falar alguma coisa. Eu já entendi, viu? Desculpa.

002: Bom, ahm então, eu fiz a graduação em artes plásticas, né? O bacharelado. E já no né? Na graduação eu iniciei é a monitoria é em história da arte. E a partir daí é houve um interesse, né? Em pesquisa ahm e assim que eu concluí, não é? O meu, a minha graduação, eu fui para São Paulo e iniciei, né? Ahm como aluna especial na Escola de Comunicações e Artes e da USP, né? Da Universidade de São Paulo e em seguida eu consegui ingressar no mestrado, né? E já tinha mais ou menos um tema específico, que era a questão da caricatura no Brasil e lá no ahm em São Paulo, eu tive ótimos contatos, o pessoal muito acolhedor e então eu escolhi meu tema que foi Nair de Tefê, a primeira mulher caricaturista no Brasil. Ah assim que terminei o ahm, já estava no final não é? Do mestrado naquela época ah era possível fazer em cinco anos. Então eu é já vinha buscando é concursos, não é? E foi então quando é eu me inscrevi no concurso para história da arte na Universidade Estadual de Feira de Santana, que é uma cidade maior, município da Bahia, a cento e oito quilômetros daqui de Salvador e então eu é eu né? Fiz o concurso e passei. E então eu iniciei a carreira, né? É de docência na universidade, né? Fiquei lá por volta de vinte e cinco anos, né? No curso de história, como professora do curso de história ahm em dois e ahm entrei no ano de mil novecentos e oitenta e seis na universidade, fiquei até dois mil e treze, quando eu pedi a remoção para a Universidade do Estado da Bahia aqui no campus um, Salvador. Então é isso.

MF: Ah muito obrigada viu? Muito obrigada. A segunda pergunta é mais relacionada a ao meu tema. Quais foram os principais desafios dessa transição do ensino do ensino presencial para o ensino remoto em dois mil e vinte.

002: É, veja bem, ahm eu tenho uma formação, né? Interdisciplinar desde a universidade estadual de Feira de Santana, por conta de ah depois de, digamos, que eu iniciei ah eu ingressei num projeto ahm que era de um projeto interdisciplinar ahm sobre é meio ambiente, não é? E depois eu ahm iniciei ahm eu coordenei um núcleo de pesquisa de pesquisas socioeconômicas. Então de qualquer modo É eu fui alargando, não é? Essa interdisciplinariedade . Ah nesse interim entre ahm a minha estadia na UFS né? A Universidade Estadual de Feira de Santana e na Universidade do Estado da Bahia eu passei uns cinco anos é com uma carga horária na UNEB e essa carga horária foi é voltada para um curso de mestrado, né? Um curso de pós-graduação estrito senso e é ao lado disso eu iniciei como vai fazer algumas disciplinas em cursos de especialização em educação a distância, né? Então isso por volta de dois mil e onze, dois mil e doze eu já ingressei, né? O ensino é na modalidade à distância. Então esse contato, não é? Com as tecnologias, né? Com o ensino mediado por tecnologia, né? é digital, enfim, isso eu já tenho há mais ou menos uns dez anos, né? Então é porque parte desse grupo né? Que estava à frente desse mestrado, né? Ahm também desenvolvia atividades nesses cursos, né? De educação a distância. É é um é um programa da ahm federal que é o PNAP - Programa Nacional de Aperfeiçoamento, não é? De pessoal da área de administração, então a gente trabalhava em três cursos, que eram cursos voltado para gestores, né?

MF: Hm-huh.

002: É então era o é a especialização em gestão pública municipal, gestão pública e gestão pública e gestão em saúde, né? Então, eram três cursos voltados para gestores com um uma formação bem interdisciplinar. Bom, então, além disso, esse curso de mestrado ele também é era um curso voltado para gestão do conhecimento ahm onde as tecnologias de informação e comunicação, né? É é um era um fator importante de certo modo dentro de um contexto que nós, né? É inseríamos os conteúdos que era a sociedade do conhecimento. Então de certo modo, né? Isso foi digamos assim, trazendo, né, uma formação específica, né, para a minha produção acadêmica é em que ahm as tecnologias de formação e comunicação é começa a ter um papel fundamental,

né? No século vinte e um, na ciência e também na educação. Então é a vinda não é? Quer dizer esse contexto da pandemia eu ahm eu já estava inserida na educação a distância, em dois mil e catorze, né? Quer dizer, eu continuei com essas atividades, né? Nos cursos da Universidade Aberta Brasileira, que é a OAB e em dois mil e quatorze eu fui convidada a participar, não é? Exatamente desse núcleo institucional, que é o que era o UNEAD , unidade acadêmica, né? De educação a distância, onde eu fiquei praticamente até dois mil e dezenove, né? Ah com uma assessoria da coordenação desses cursos de especialização. Então eu é passei é dessa atividade de professor formador, de coordenador pedagógico, eu passei a lidar com a parte de gestão, né? Então é de certo modo é eu fui me envolvendo mais ainda com a educação a distância, né?

MF: Hm-huh. É compreendi, foi bem natural pra senhora, né?

002: Sim.

MF: É a terceira muito obrigada. A terceira pergunta tem a ver com a forma que a senhora prefere avaliar o aluno. É seja envolvendo assim umas formas mais teóricas, diagnósticas, sumativa, formativa, é ou um misto de todas elas integradas ao processo de aprendizagem. Qual seria a que senhora acha mais integrada a aprendizagem do aluno.

002: Bom, é eu entendo, não é? Que o aluno ele precisa da teoria, mas ele precisa também desenvolver a capacidade, né? Da pesquisa é da construção de conhecimento e do contato com a realidade, né? É no qual a universidade se envolve, não é? Mas também com uma realidade ahm específica dele, territorial, não é? hã e então normalmente as minhas ah as minhas disciplinas, eu desenvolvo tendo a primeira unidade é uma unidade voltada muito para o aspecto teórico para os conceitos, né? Para a reflexão, para a leitura, né? De textos e depois, na segunda unidade e a terceira unidade eu sempre trago, né, atividades em que ele possa desenvolver exatamente essa pesquisa, né, a coleta de dados, a pesquisa quer seja individual ou em grupo, no sentido de que ele possa identificar, não é? Exemplos e casos, não é? E estudos de caso, onde é alargue o seu conhecimento teórico de forma que ele possa perceber na realidade, no fenômeno social, na prática, não é? Esses conceitos aplicados, não é? E na terceira unidade, eu sempre coloco como atividade, não é? A produção de resumos expandidos, não é? Onde ele pode construir um novo conhecimento a partir, né? Da vivência e da experiência é na primeira unidade, né? Dos conceitos. E na segunda unidade, do conhecimento da realidade, não é? Dos exemplos práticos e que na terceira unidade eles ele vai trabalhar, né? No sentido da construção, né? De um texto acadêmico onde ele vai construir a partir de referencial teórico, né? E de pesquisa.

MF: Perfeito, brigada. É e com relação ao a um feedback após essas avaliações é a senhora acha importante, costuma utilizá-lo?

002: Sim, sim. É eu considero que ahm o aprendizado ele é formativo, né? Ou seja, é temos que ter um estratégias de que o aluno é ele esteja motivado, né? Para que durante todo o curso, não é? Ele demonstre o interesse, demonstre motivação e demonstre a pressão de conhecimento né? Então não é só é nas avaliações, não é? Que se dá é esse aprendizado, né? Então, eu eu me preocupo com o nível de interação em sala de aula, né?

MF: Hm-huh.

002: Tento, tento colocar sempre é ah estratégias, não é? É é de motivação e de uma um melhor é forma do aprendizado do aluno. E não eu tento ser, tento colocar dinâmicas, num é? ahm com PowerPoint, com documentários, né? Com diálogo, a respeito, a partir de textos e de leituras e aprofundando pra que ele chegue até a realidade dele, né? Então, eu me preocupo com o processo de aprendizagem e ahm ao final também, é sempre um momento, né, de, digamos assim, coroamento, não é, dessa

desse processo e acho assim que eu não, nunca tive maiores problemas, não é? Em sala de aula com os alunos, porque há da minha parte sempre uma preocupação é nesse aprendizado, né? Não é uma postura minha “Olha, eu sou autoridade, vou, né? Trazer o que o que compete e os alunos que se virem, né?” Eu acho que não é por aí. Acho que a gente tem que chegar até o aluno, né? É e cada aluno tem a sua individualidade, né? Então, ainda mais numa universidade pública, né? A UNEB e a UFS também são universidades públicas com cotas. Então, há uma diversidade, né? Cultural, enfim, educacional, dos alunos que a gente precisa, né? Ter essa preocupação.

MF: Hm-huh.

002: Se eu não responder você pode perguntar, viu? É. Tô tentando.

MF: Está ótimo, está ótimo, tá. Com relação a as exigências legais assim, existe um decreto que exige prova presencial para diplomação e fazendo analogia a pandemia né? Que aconteceu em dois mil e vinte, eu acredito que houve, na maioria das instituições de ensino superior sejam elas públicas ou privadas, uma flexibilização dessa exigência por conta, né? Do distanciamento social. É houve essa exigência por parte da instituição de ter uma prova presencial ou não foi aplicado mesmo, adaptado ao distanciamento social.

002: É bom, veja bem, você tá falando do nesse caso do ensino presencial, não é? Porque.

MF: Isso.

002: É, isso, por quê? Não. No ensino à distância, não é? Ou seja, educação à distância, ele já tem um formato onde você tem os as atividades síncronas e assíncronas então eu não vou tratar de educação a distância, eu vou tá, você, pelo que eu entendo você está tratando da questão da do ensino presencial, né? Que com a pandemia teve que ser adaptado, não é? As tecnologias educacionais, não é? De mediação tecnológica e que nisso aí alguns aspectos, né? Desse contato direto com o aluno, não é?

MF: Bom, é. Não é do ensino presencial, desculpa não, é um decreto que ele complementou o artigo oitenta da lei de diretrizes e bases da educação, que é justamente sobre a educação à distância que eu quis fazer uma analogia ao estado atual. Nesse decreto, que é o nove mil e cinquenta e sete de dois mil e dezessete, ele fala “as atividades presenciais como tutorias, avaliações”, que é o meu foco, né? “Estágios, práticas de laboratório e defesa de trabalhos, serão realizadas na sede da instituição, nos polos de educação a distância.”

002: Sim, sim. Houve. Houve flexibilização, né? é ahm é o aluno na ahm digamos as disciplinas, né? É tem tinham né? Tinha esse é essa atividade do início do componente, né? Onde o aluno é deveria ir ao polo, tá? Para enfim, contato com os colegas, o contato com o programa, não é? Da do componente, né? Enfim, e ele deveria ir em dois momentos, no início da disciplina e na segunda unidade ele deveria é realizar a atividade avaliativa, presencial, que era a prova não é? Que era a prova ou uma atividade presencial avaliativa, né?

MF: Hm-huh.

002: Isso a gente é viu que os alunos nem sempre aprova, né? É é era o a melhor opção né? É então essa atividade avaliativa presencial em algumas, em algumas disciplinas, foi possível uma atividade é digamos assim mais interativa dentro do polo, né? Mas tinha que ser presencial. Bom, com a pandemia é essa obrigatoriedade, não é? De ir ao polo, não foi possível, né? Isso foi inclusive é é decreto de Governador, dizendo que não podia se deslocar, não é? Como também o próprio ministério estabeleceu, né? Essa questão. Bom e aí nós tínhamos exatamente a possibilidade, né? De fazer é atividades síncronas, né? Webconferência, né? Ahm então o que de certo modo criou, não é, esse esse contato virtual entre professor e aluno, não é? Ahm é uma outra situação também que

a gente tinha que era a defesa de TCC, né? No nos cursos de não só da graduação como da especialização e que é era presencial e que passou a ser, né? Mediada por tecnologia, num é? Então, teve que ser adaptado, não tinha como, num é? Pesquisas mesmo foram prejudicadas, num é? Pesquisas de campo foram prejudicadas por conta, né? Desse isolamento social ahm e inclusive instituições educacionais que havia que era é locus da pesquisa e que não tinha e que não tinha ninguém, né? Não tinha aluno, não tinha professor, então não tinha como fazer a pesquisa de campo, tá? É então ahm no caso da da UNEB, né? Que eu estou né? Aqui desde dois mil e treze, a UNEB é ela tem uma ferramenta, não é? Uma plataforma que é a Microsoft Teams que é uma é o contrato, né? Então não é é aleatório, realmente ela passa a ser uma plataforma institucional onde é possível gravar, né? A aula, onde é possível você ter é lista de frequência, né? Você baixa uma lista de frequência Ahm também há uma sala, não é? Há uma equipe onde você é tem uma é uma gestão, né? Em arquivos e que o aluno, né? Consulta, também com atividades onde o aluno posta, né? Então, essa plataforma ela é adaptada, ela é uma plataforma, digamos, voltada inicialmente para empresas, né, a gestão, né? De empresas, do segundo setor, mas depois ela foi se adaptando a um ambiente educacional, né? Então essa ferramenta, essa plataforma, desculpe essa plataforma, proporcionou, né? Um digamos assim, diante dessa dificuldade, proporcionou um pouco mais de recurso, né? E não deixou os professores e os alunos tão é perdidos, né?

MF: Hm-huh. Perfeito.

002: Mas nós passamos um período, né? De dois mil e vinte com muita dificuldade, nós só fomos o primeiro semestre de dois mil e vinte, nós não conseguimos desenvolver atividades com os alunos, ahm o semestre foi digamos assim, postergado, não foi cancelado, foi postergado, nós só conseguimos iniciar atividades no dois mil e vinte ponto dois, no segundo semestre de dois mil e vinte.

MF: Entendi, entendi. E pensando nesse contexto, né? A senhora imagina um retorno completo ao modelo anterior à pandemia? Seja ele apenas pro presencial.

002: Eu acho que vai haver, não é? Um retorno. Aliás, já está tendo um retorno, né? A as escolas particulares do ensino básico, não é? A minha neta já está indo pra escola já.

MF: Não, mas não é um retorno presencial, mas um retorno com a mesma consciência de antes ou com a uma consciência mais...

002: Veja bem, veja bem...

MF: Com relação ao ensino a distância, uma uma consciência que alcance as duas modalidades de ensino.

002: Bom, é obrigatório, não é? Essa presença no polo é obrigatória, não é? Isso tá na, isso está na na própria legislação de educação a distância, não é?

MF: Hm-huh.

002: Então vai ter que retornar, o aluno vai ter que ir, né? E eu acredito, eu não estou muito digamos assim a par de como que está sendo a graduação, não é? Porque eu continuo atuando na educação à distância, mas eu não estou atuando nem na graduação e nem na pós-graduação e agora eu estou atuando no núcleo de pesquisa e extensão, né? Que é uma, enfim, um desenvolvimento, num é? Das outras áreas, num é? Da universidade, né? Que é pesquisa e extensão. Mas eu penso que é na graduação o aluno ele já está tendo obrigatoriedade de ir para né? É de estar vinculado ao polo né?

MF: Hm-huh.

002: É porque eu eu sei como eu participo de reuniões, né? Do colegiado é eu sempre

vejo ahm alguns pedidos de alunos que se matricularam que fizeram a inscrição em um determinado polo e depois ele quer mudar de polo e ele não consegue, não é? E inclusive é eu tenho um exemplo específico de um aluno que estava fazendo a reoferta, ele passou na no curso de matemática, né? Na graduação em EAD e é ele teria que ir é ahm quinzenalmente ao polo para fazer atividade presencial e ele disse “professora é eu” e ele me pediu o apoio né? Em alguma atividade ele disse, “professora eu vou é cancelar a minha matrícula porque eu trabalho em Salvador, eu trabalho numa escola e eu não tenho condições de me ausentar para ir ao polo”, então ele cancelou a matrícula dele porque ele tinha obrigatoriedade de ir ao polo. Então mesmo com essa pandemia...

MF: Uhum, compreendi. É então a próxima pergunta é tem a ver com a formação dos docentes. A senhora acha necessário uma formação contínua mais engajada com as ferramentas digitais de ensino?

002: Sim. É inevitável, né? É inevitável, porque a gente percebe que com esse isolamento social é nós é tivemos que nos adaptar, né? Às tecnologias, né? E tivemos que ter treinamento, vários treinamentos, não só no que diz respeito à própria atividade, não é? Pedagógica, mas é reuniões estavam sendo feito pelo Teens, defesas de tese também, né? Ainda estão sendo feitas pelo né? O Meet ou que é como é a UFBA, né? O doutorado que participa eles usam muito o Meet, mas a UNEB é o Teens, agora mesmo tivemos um processo seletivo do doutorado, foi feito todas as entrevistas, foi feito né? Pelo Teens e é além disso, né? Ahm nós agora temos o Governo do Estado tem sistemas de informação né? E de gerenciamento da vida de todos os professores e técnicos. Então é processos, né? Administrativos, processos de solicitação é de promoção, de progressão, processos é de projetos acadêmicos, né? Qualquer solicitação hoje à nível acadêmico e a nível administrativa e a nível funcional é feito por um sistema é digamos de informação do Governo do Estado que é o CEI. Então nós não fazemos mais nada, mesmo voltando ao presencial não temos mais é aquela prática de chegar no balcão do departamento Preencher formulários e entregar pra ser encaminhado físico. Não existe mais isso. Então é esse ano mesmo eu já tinha tomado já tinha feito um treinamento sobre o CEI muito rápido e eu fiz o outro treinamento pelo CEI e realmente ahm nós temos é que ter esse treinamento porque até é encaminhamento por exemplo com a questão no é nós lidamos com ahm editais de bolsa de extensão, projetos de professores com né? Que solicitam que vão ser contemplados com bolsas, com monitorias. Toda a documentação tem que ser encaminhada via CEI, né? Independente de estarmos, né? Nessa, nesse isolamento social, se estivéssemos presencial tem que ser encaminhado tudo pelo CEI.

MF: Perfeito, perfeito. Muito obrigada. Então é nossa entrevista tá chegando ao final é eu a minha última pergunta tem a ver assim, se a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não tenha perguntado a minha pesquisa com relação a avaliação com relação ao algum tema relacionado a educação.

002: Certo, eu vou eu vou é trazer uma experiência, né? Porque que tem a ver com essa questão do próprio processo formativo e avaliativo não é? No nessa mediado por tecnologia. Então é desde o ano passado a gente é eu ministro, né? Disciplinas do no doutorado, né? No curso de pós-graduação e como é um doutorado multi institucional, geralmente a gente né? São três instituições, a gente dá aula com três docentes. E no início no dois mil e vinte a gente deu e foi bem difícil, né? É mediado por tecnologia. Ah eu acho que o impacto, né? A participação, né? Do dos alunos e aí é esse ano a gente tentou melhorar um pouco essa, essa dinâmica, né? Mas é complicado, não é? Ahm você ter a participação é do aluno é nesse nessa modalidade, num é? É mediada por tecnologia, não é? Ensino remoto e aí a gente discutiu muito esse, né? Nessa última disciplina do doutorado como melhorar essa relação não só do processo de ensino e aprendizagem mas também nas avaliações, num é? E aí porque se deixar o aluno, né? Cê sabe que ele tá conectado, é só uma coisa que só diz que você sabe que ele tá conectado agora a participação dele, né? É complicada eu ministrei uma disciplina da

graduação que se matricularam cinquenta e quatro alunos onde eu praticamente duas horas, não é? De aula, eu falava intermitente, tá? Então foi muito cansativo pra mim. Então é preciso criar estratégias, né? Em que esse conteúdo é ele esteja sendo dialogado, né? É Conhecimento do aluno, né? Então é nós fizemos aulas invertidas, né? Ou seja, é disponibilizávamos o próprio ahm conteúdo, nós disponibilizávamos o conteúdo é da aula seguinte para que ele tivesse que ler e a primeira atividade que a gente fazia era exatamente olha e aí? Né? O que que vocês é entenderam que que vocês acharam? Não é sobre esse conteúdo. Então a gente buscava que o aluno, né? Já falasse um pouco sobre aquela leitura, sobre aquele texto. E depois tentávamos também na aula expositiva, né, o que a gente dividia cada aula um professor ministrava, né? E depois a gente abria, né? Pra dar um tempo para que o aluno pudesse se colocar, são os alunos do doutorado e nem sempre, né? A gente tinha a participação de todos, certo? E ahm e também da avaliação nós é dividimos em um seminário, ou seja, aluno de doutorado. Eles tinham que preparar um seminário, então era algo que dizia a respeito aí é dávamos uma bibliografia referencial, mas ele tinha que fazer a pesquisa dele, montar o seminário, não é? E apresentar e depois a discussão para o grupo e tiveram algumas equipes que fizeram é seminários é bastante interativos, né? Com a participação de todos, né? buscando respondendo, não é? Quer dizer, aplicativos que eles usavam e que o aluno, né? O doutorando, eles tinham que responder algumas ações, num é? Que estava ali dentro do seminário, né? Então tiveram alguns é alguns alunos mais familiarizados com as tecnologias que fizeram seminários onde utilizaram de ferramentas, né? Mais interativas e outros fizeram só aquele PowerPoint, né? E ahm a apresentação e também é faziam algumas questões mais provocativas, né? Para que o ahm os colegas participassem. Então, nós conseguimos fazer essa disciplina com muito melhor resultado, né, dessa realidade digamos mediada, né? Por tecnologia, na medida em que é buscamos as dificuldades e as fragilidades dessa situação e enfrentar essas dificuldades de forma que pudéssemos, não é? Ter uma alternativa, uma opção de superar o distanciamento, né? Ahm que é digamos assim ahm o dificultador da tecnologia, mas na verdade é é preciso ter a o a compreensão de que é o ensino, não é? Ele precisa de estratégias, né? De desenvolvimento desse processo educativo E a tecnologia é uma ferramenta, né? Então tem que se utilizar é na sua capacidade, né? É essa realidade que estamos vivendo e é lidar com esse, né? Enfim, com esses problemas, com essas dificuldades e eu acho que nós avançamos. Então é isso, é trazer um pouco dessa é dessa experiência que eu acho né? Que já foi no doutorado, num é? Ahm e que foi uma experiência onde tivemos o resultados, né? É melhores, né? No sentido de como lidar com esse ensino remoto, né? Com as tecnologias pra alcançar o nosso objetivo, não é? De aprendizado, de formação e no final os alunos é ficaram é a nós fizemos avaliação e todos eles ficaram encantados com a aula, né? Sentiram realmente que, olha, aprendi, realmente, tem tudo a ver esse tema com a minha pesquisa, né? Aquela coisa, né? Do aluno que finalmente caia, né? E digamos assim, é cai a ficha como a gente chama aqui no Brasil, cai a ficha, né? Se toma consciência, né? De que aquele tema, né? Que é a da aula é fundamental, é essencial pra pesquisa dele mas isso precisa realmente criar estratégias para aquele, né? Perceba. Então, eu acho que estamos a avançando nisso aí.

MF: Ah, perfeito, perfeito. Olha, muito obrigada pelo depoimento, pela coleta de dados, pela coleta de histórias, né? Desse período que nós vivenciamos em dois mil e vinte, dois mil e vinte e um, né? Ainda não acabou.

002: É.

MF: E todo aprendizado somado, né até hoje.

002: Sim sim. É o aprendizado é.

MF: É eu só tenho a agradecer pela contribuição, a minha pesquisa é cada vez eu vou levar o meu trabalho e a defesa será pública e mais tarde eu vou eu vou divulgar pra

todo mundo, todos os interessados.

002: OK.

MF: Muito obrigada.

002: Eu agradeço também, né? E é poder colaborar aí na sua pesquisa essa investigação como dizem os portugueses. Pronto. Então tá, eu estou à disposição, tá? Viu?

MF: Eu também, viu? Um abraço. Tchau.

002: Tchau.

Entrevista 003

Plataforma: StreamYard

Sexo: Masculino

Área: Psicologia

Data: 12 de Julho de 2021

Duração: 1H13M

Entrevistador: Maria Fernanda

MF: Pronto, gravação iniciada. Bom dia. Então, gostaria de te agradecer a sua disponibilidade.

003: Eu que agradeço a oportunidade de colaborar com a sua pesquisa.

MF: Hm-huh. Qual a sua idade?

003: Quarenta e dois.

MF: Nível de educação doutorado?

003: Doutorado incompleto, completa esse ano.

MF: Ocupação atual.

003: Professor.

MF: Casado?

003: Uhum.

MF: Onde reside?

003: Resende, Rio de Janeiro.

MF: Então, o objetivo da pesquisa é analisar de que forma é você como professor avaliou os alunos durante a pandemia utilizando de que forma utilizou as tecnologias digitais.

003: Hm-huh.

MF: Inicialmente, eu queria fazer uma pergunta bem aberta, sobre sua trajetória como docente, por que você escolheu ser professor, quais foram os cursos que você fez pra se preparar e em quais disciplinas você lecionou em dois mil e vinte e tem lecionado em dois mil e vinte e um?

003: Tá, então, eu sou professor da Academia Militar das Agulhas Negras, né? Então, é a única escola no Brasil que forma oficial combatente do exército né? E o curso aqui é ele forma o bacharel em ciências militares e especialista em uma um chama das armas né? Que compõe o sistema de defesa exército é a minha caminhada pra chegar aqui eu primeiro passei pela formação da AMAN, né? Então eu sou formado em Ciências Militares, bacharel em Ciências Militares é trabalhei por um tempo, um bom tempo, né? Na área é militar, bélica, né? Como tenente, como capitão, servir OMS passando pelos cargos e pelas funções e no meio no meio dessa minha trajetória eu decidi que ia começar a me preparar pra ser professor né? E a disciplina que eu escolhi pra lecionar foi psicologia. Então minha preparação ela foi um foi bastante longa, né? Então eu comecei primeiro fazendo a graduação, eu comecei a em dois mil e nove né? É fiz dois anos, quatro semestres é quando servia em Uberlândia, né? Em Minas Gerais, aí a gente tem no meio do caminho da carreira militar de ter uma especialização e ciências militares né? Então eu parei, tranquei a universidade, a graduação, né? Fiz essa

especialização e voltei e terminei a graduação em psicologia. Aí a especialização, né? Eu fui fazer uma especialização em psicopedagogia, que tem um foco mais institucional, né? Já pensando também em direção a essa área do ensino, é e quando terminou essa pós-graduação eu vim pra AMAN e na AMAN eu inicialmente eu não seria nem logo professor, seria primeiro o psicopedagogo da AMAN, que a gente trabalha aqui com a (...) foi área de ensino, né? Pros alunos, pros professores pra pros demais profissionais da educação, né? É mas chegando aqui ainda tava completo porque as pessoas que estariam que queriam ir embora continuaram, não foram embora E aí me perguntaram se eu queria já ser professor. Sabiam que meu interesse era ser professor me preparando pra isso. Então eu fui ser professor é com essa formação, né? Com a formação na área militar que eu tinha feito essa graduação e a pós-graduação em em ciências militares e a graduação em psicologia, pós em psicopedagogia. E aí comecei a lecionar em dois mil e dezessete, dois mil e dezesseis foi com ano que eu cheguei na academia e dezessete comecei a selecionar, né? Na disciplina de psicologia. Então aqui a gente não tem diversas disciplinas de psicologia, né? A gente tem uma disciplina que a gente chama de psicologia e nela a gente tem unidades didáticas que seriam como fosse minidisciplinas né? E a gente trabalha com seis unidades didáticas, tem então só a psicologia, né? Aquilo que seria uma disciplina no curso de psicologia, a gente condensa ali aquele mais importante ali pro tempo de hora que a gente tem disponível, aí tem a parte do correio da educação Psicologia diferencial, é psicologia é organizacional e do trabalho, psicologia social e a última que é a liderança. Então assim o foco principal da disciplina é o quê? É apresentar e transmitir aquela aquele conhecimento da área da psicologia que vai ajudar aquele aluno que é o Cadete, que vai ser um futuro oficial da sua atuação profissional, né? Que é ser um um comandante, né? E aí a última disciplina de liderança porque a gente entende hoje em dia que liderança ela é diferente de comandar, comandar é um cargo, todo mundo que termina o curso nas Forças Armadas ou nas Forças Auxiliares, eles vão receber um cargo e vão comandar uma fração, né? Seja o oficial ou uma praça, né, mas a liderança vai é são qualidades que aquela pessoa tem que leva ela a ter aquele, aquele comando, né? Um desempenho melhor do que os demais, né? Então um desempenho com eficiência, com eficácia, é com sucesso no trabalho, sucesso nas relações, né? Então o nosso foco é bem Rejeição de pessoas, né? Gerente aquele conhecimento, né? Que vai favorecer é esse oficial futuro a ser um bom gestor, um bom líder, um bom gestor de pessoas, né? Nessas com essas diversas áreas e aí eu comecei a lecionar em dois mil e dezessete e fui aprendendo a lecionar porque eu não tinha experiência anterior, lecionando como professor, eu tinha experiência como instrutor e é assim, é bem diferente ser instrutor, ser professor, né? Porque o instrutor é um ensino muito mais técnico né? Então ele é mais é é mais simples pra você montar uma aula de instrução do que porque montar uma aula de um de um de uma matéria a nível universitário né? A gente vai trabalhar com muitos temas abstratos, nível de complexidade alto, tem que pensar bem esse caminho pra levar até o aluno, pra ele conseguir chegar nesse conhecimento e a partir daí caminhar sozinho. Porque hoje em dia eles também tem esse foco, né? Com essa é era do conhecimento da informação, o número de conhecimentos diversas áreas é muito superior a qualquer professor, qualquer disciplina consegue ensinar. Então nosso foco também assim é dar o ponta pé inicial, né? Pra usar esse termo, né? É introduzir o aluno naquela área de conhecimento, naqueles conhecimentos que vão permitir que ele entenda a área né? Entenda que eles a relevância, a ligação com sua com sua área profissional, então a gente tem nosso ensino aqui na AMAN desde dois mil e doze se eu não me engano agora fugiu a data o ano é exato ele migrou pro ensino por competência então ele já trabalha com ensino por competência aqui que é o ensino é voltado pra essa prática né? Com resolução de situações de problemas é com luz e metodologias ativas, né? Então o aluno ele participa muito dessa construção do teu conhecimento, antes do nosso objetivo é desse ponta pé inicial, mas que ele consiga continuar aprofundar. Então a gente sempre tem uma bibliografia básica que é o ponto complementar que ele pode ali, deixa disponível pra que ele possa aprofundar, né? E

nesse caminho aí eu como professor, então dois mil e dezessete eu comecei fazendo uma turma ouvinte no primeiro semestre mestrado aí comecei o mestrado em psicologia, né? Aí segundo semestre de dois mil e dezessete, dois mil e dezoito, no em fevereiro de dois mil e dezenove eu defendi mestrado e em março comecei o doutorado. Então eu tava defendendo o mestrado ao mesmo tempo que eu tava fazendo concurso no doutorado, né? Foi uma continuidade da mesma pesquisa que eu tava fazendo, deu continuidade no doutorado e aí eu tô desde março de dois mil e dezenove até agora, doutorado. Segundo semestre já qualificado semestre eu vou atender. E nesse caminho eu também fiz algumas pós-graduação que eu senti demanda, necessidade, né? Então fiz uma pós é em psicologia positiva e coaching que aqui na AMAN tem esse foco, né? De uma psicologia que e é traga uma qualidade de vida pro (...) Oi.

MF: Pronto, travou um pouquinho.

003: Oi, fala qual foi a parte que caiu, aí eu continuo.

MF: A parte foi “a pós-graduação em psicologia positiva e coaching.”

003: Tá, beleza. Então, assim, ao mesmo tempo tá fazendo um mestrado e doutorado, eu fiz essa pós de psicologia e coaching, anteriormente eu fiz uma pós é especialização em psicologia junguiana que é a minha área de pesquisa principal, minha área é dentro da psicologia que eu que eu mais é estudo, mais pesquiso, né? Então fiz especialização pra me aprofundar agora eu tô fazendo também uma em filosofia, a parte de epistemologia científica, né? Que assim que pra que é pra ser pesquisador, um professor, eu considero que nessa minha caminhada com o professor desde dois mil e dezessete eu tô entrei em vinte e um, né? E também com estudo eu me sinto é plenamente assim capacitado assim ó, me sinto capacitado a vontade agora esse ano é o ano que eu faço pra caramba, agora eu tô me sentindo à vontade, né? Eu acho que sempre tem espaço pra gente aprender, pra gente melhorar, nosso desempenho profissional, na área dos conhecimentos, né? né? Mas assim, comparativamente, né? A quando eu comecei em dois mil e dezessete e eu me sinto bem a vontade com relação a a docência. Então assim, falei um pouquinho da minha dessa meada aí até até o dia os dias atuais.

MF: Que bom. Um grande currículo. Parabéns. Agora quais foram as disciplinas que você lecionou em dois mil e vinte e dois mil e vinte e um? São as mesmas? Caiu? Pronto?

003: Eu vou abrir aqui o computador. Vou entrar pelo computador, meu celular tá caindo toda hora. Ó, certo?

MF: Tá bom.

003: Não, a gente faz aqui, só entrar aqui rapidinho. Certo. Tudo bem. Computador que aí a gente continua. A gente vai conversando aqui quando você vai abrir o computador. Pronto, então normal, não é isso?

MF: Continua. São as mesmas disciplinas que que você selecionou em dois mil e vinte e tá lecionando dois mil e vinte e um.

003: É. Certo. São as mesmas. Desde dois mil e dezessete até dois mil e vinte são as mesmas.

MF: Então do ano passado pra esse ano não são nenhuma disciplinas as seis unidades didáticas de psicologia que você citou?

003: Isso, isso.

MF: Certo. Com relação a dois mil e vinte em março de dois mil e vinte quando começou a pandemia quais foram a especificidades? Quais foram desafios e as orientações que você recebeu como professor nessa transição para a pandemia.

003: Voltei. (problemas técnicos)

MF: Então, eu fiz já uma pergunta é com relação ao momento que iniciou a pandemia quais foram os desafios e as orientações necessárias que você recebeu? Você passou algum alguma turma ou algumas turmas do ensino presencial para o ensino a distância ou remoto?

003: A gente passou mas por um momento muito breve. Então logo no início da pandemia é foi suspensa as aulas presenciais, né? Então a gente ficou ali em torno de um mês sem ter aquela aula presencial, a gente passou a ter aula online, a gente não teve muita dificuldade em fazer isso porque a gente trabalha já no regime semipresencial. Então assim, a gente tem as aulas presenciais, mas a gente tem o que a gente chama de ambiente virtual de aprendizagem. Então, cada um da sala tem também um espaço, né? Nesse mundo com todo o conteúdo. Então, lá temos slides, tem vídeos sobre o conteúdo, tem livros, apostilas, que é aquela questão que a gente fala, quem tem bibliografia básica e é complementar. Então, tudo isso que a gente usa na aula disponível lá pro aluno. Então assim, o que que a gente fez nesse período? Eu peguei ali esse material, a gente fez uma sala de aula virtual, então o que seria aquele conteúdo que a gente trabalha em sala de aula que não é só ler o material, né? E tá disponível pro aluno, mas tenha tem que ter aquele trabalho de direcionar essa aprendizagem pra aqueles conteúdos que o a partir dali o aluno vai conseguir prosseguir sozinho, né? Então a gente montou uma sala de aula virtual pra que essa aula funcionasse dessa forma, né? Então, tinha ali um uma organização na sala de aula virtual, que era como se fosse uma aula presencial, mas virtual, não era por vídeo chamada, né? Então, assim, é que eu também já fiz, eu não falei, não citei né? Mas eu fiz curso de tutoria online de formação de montar curso pra formação on-line pela ENAP né? Então eu já tenho um pouco de experiência de mexer com o mundo e montar essa estrutura de aula, né? Então, montei essa aula online funcionou assim por um duas, três semanas, que foi logo aquele início da pandemia. Aí depois que passou essas três semanas, o o a direção de ensino é voltar a aula presencial com os cuidados necessários. Então, pegou salas mais amplas né? É ventiladas os alunos ficavam afastados, todo mundo de máscara, né? É com o uso de álcool em gel e a aula ficou voltou a ser normalmente Então se a gente ficou ali realmente ali é afetado é da dinâmica que a gente tinha por umas três semanas. Aí depois a gente voltou a dinâmica normal até porque depois dessas três semanas eles tiveram um recesso escolar né? Antecipou o recesso escolar que o que é normalmente aqui na AMAN acontece em julho, antecipou pra que a gente levasse duas semanas pra se reorganizar, né? E aí conseguir voltar pra ver qual é nesse momento ele não saberia, não tinha decidido, se ia voltar presencial, manter online, né? Então, foi assim, ficou três semanas online, tive o recesso de duas semanas, aí se decidiu que ia voltar presencial, né aí organizaram a sala de aulas, aonde ia ser as aulas, quais atividades iam ser suspensas, né? Quais iam ser adiadas e depois essa reorganização a gente voltou, mas voltou presencial, né? Em sala de aula mais ampla, mais espaçadas, né? E deu certo, a gente passou o ano todo ali com poucos casos de covid. Tanto dos alunos quanto dos professores, né? É e terminou o ano é tranquilamente com essa dinâmica, né? Tranquilamente na medida do possível, né? Com pandemia, mas foi possível terminar.

MF: Que bom. E posso passar pra próxima pergunta?

003: Pode sim.

MF: Essa é mais direcionada a minha temática de pesquisa.

003: Uhum.

MF: Então, qual a sua forma de avaliar os alunos você prefere um métodos sumativo, formativo, integra os dois. Só lembrando assim alguns breves conceitos.

003: Hm-huh.

MF: É a avaliação com propósitos sumativos ela faz um juízo global com classificação certificação com nota do método tradicional e a avaliação formativa ela tem uma dimensão mais reflexiva.

003: Hm-huh.

MF: Ela permite feedbacks ela é um pouco mais personalizada as dificuldades de cada aluno.

003: Hm-huh.

MF: Então qual a sua forma de avaliar. Qual você considera mais integrada ao seu processo que você organiza para o processo de aprendizagem?

003: Então, eu vou explicar como é que a gente monta que esse processo de avaliação, né? Então, como eu falei né? A nossa disciplina que é psicologia a gente divide em seis unidades didáticas né? Cada um com a com a temática principal. E a gente trabalha com metodologia ativa, né? Então o que que a gente faz? É a gente avalia, faz uma avaliação de acompanhamento em cada unidade didática. Cada unidade didática ao término da didática o aluno faz uma avaliação e a gente adotou a partir do ano passado e continua adotando esse ano a avaliação online. Então assim, foi até uma boa coincidência que a gente já tinha pensado em fazer online antes da pandemia, quando a pandemia chegou já estava pronto o nosso sistema de avaliação que é pelo Moodle, né? Então assim, a gente não foi pego de surpresa com pandemia . Por quê? Porque cada unidade didática quando termina o aluno na aula seguinte, né? É ano passado eu tive vou falar como a gente fez ano passado como tá fazendo esse ano, ano passado como a gente fazia, quando terminava a aula da didática a gente abria uma janela de uma semana né? De segunda a segunda e que o aluno tinha duas tentativas pra fazer a avaliação, né? Então ele podia ficar tentar duas vezes a avaliação e o objetivo nosso era ver comé que ele teve a compreensão da disciplina a gente trabalha com aquele com aquele aquela ideia de competência daqueles quatro conteúdos, né? Que a o conteúdo é conceitual, o atitudinal, tem o conteúdo procedimental e tem o conteúdo formal, né, que é aquele que é mais com relação a dados, né, que é que é mais memorização. Então, a gente trabalha com esses quatro níveis de conteúdo. A gente trabalha muito mais o conceitual e o procedimental. Trabalha muito a atitude em aula. Por quê? Porque apesar da gente ter essa avaliação no final de cada unidade, a gente chama de avaliação de acompanhamento, é uma somativa, mas uma somativa que ela tem um peso menor, o peso dela é um e aí tem uma avaliação no final, que a gente tem uma avaliação é corrente, né? um peso de dois e ela cobra todo o conteúdo da disciplina das seis na didáticas e aí a gente diferencia por quê? Essa avaliação que a gente faz de cada unidade didática quem faz uma avaliação mais voltada pra conceitual pra ver se o aluno conseguiu compreender os conceitos daquela unidade didática e essa avaliação final, né? A gente faz ela procedimental, então ela é uma avaliação com consulta, pode consultar qualquer livro, internet, Google, o que o aluno quiser e pode consultar Por quê? Porque ela é um é um procedimento. Ele vai ter que aplicar o conhecimento. Não tem nada de memorização. Então ele pode consultar o que ele quiser se ele não souber o assunto ele não consegue responder a questão. Porque realmente ele tem que aplicar aquilo que aprendeu. Então são questões voltadas pra aplicação de conhecimento, que a gente chama do procedimental. Né? Então a gente trabalha com isso e a formativa nossa é em cada aula, OK? Como eu trabalho em metodologia ativa, a gente divide essa aula em dois momentos, primeiro momento, é um momento de mais de palestra procura fazer palestras curtas e no máximo trinta minutos que a gente vai fazer essa é essa introdução, fazer a ligação com conhecimento anterior, ligação com outras disciplinas, é apresentar diversas possibilidades de é conceituais daquele conhecimento que a gente tá de quem tá apresentando e o segundo momento da disciplina, da aula, é trabalho em grupo, né? Então a gente bota a gente fazendo trabalho em grupo, diversos tipos de trabalho diferente ele é avaliativo avaliado, mas é

avaliado formativamente. Então, a gente sempre pede que no final o grupo entregue um produto, né? Pode ser um slide duma apresentação que eles tiveram, se o objetivo for uma apresentação, pode ser um trabalho manuscrito do que eles debateram com a resposta possa que o grupo chegou a conclusão, né? Então dependendo da metodologia que a gente tá utilizando naquele momento a gente tem um produto no final que eles entregam e a gente vai dar a leitura desse material, mas não dá nota, né? A gente vai a leitura e vê por ter da compreensão adequada teve ele tem que resgatar tal conteúdo que não ficou legal na próxima aula, né? Então toda semana a gente trabalha com essa dinâmica, a gente recolhe esse material, os professores da nós trabalhamos são cinco professores que trabalham com quatorze turmas né? Então a gente pega essa aí, vê o que que ficou ali defasado, pô, isso aqui não ficou muito bom, vamos dar uma reforçada nesse assunto aqui, antes de começar o próximo, né? Então a formativa nossa é dessa forma, né? Cada aula tem um trabalho em grupo, esse trabalho a gente tem uma devolutiva que a gente verifique como é que está o o né? O processo da didática, aí tem essa avaliação que a gente chama de avaliação de acompanhamento, que é pra acompanhar ao longo da disciplina, né? Ela vale dez, tem peso um. No final, são seis avaliações de e uma dessas avaliações formam uma nota, né? Que tem peso um, então essa aí vai formar toda uma nota, uma nota única que tem peso um e depois ele faz avaliação final que é essa a C né? E aí essa tem peso dois e aí vai formar a média do aluno com relação a aquela disciplina. Então a gente avalia em vários momentos, né? De acho que máximo da forma ativa que você trouxe o conceito aí é essa que a gente faz a cada aula. A cada aula a gente tem um trabalho que a gente faz esse acompanhamento.

MF: E pelo que eu entendi a evolutiva é individual, né? Como um feedback.

003: Não. Não, a devolutiva é geral, a gente não tem devolutivo é individual porque tem quatrocentos e vinte alunos pra cinco professores. Então assim a gente tenta ali adequar da melhor forma. Então assim a devolutiva individual comé que a gente faz? Na avaliação somativa que eles fazem a prova eles fazem no Moodle. Então eu te monto a questão com aquela que depois que eles respondem ela dá o feedback né? Então dá o feedback pra eles é ou tá errada, reveja o material, veja tal página, veja tal coisa, né? Então o a própria a própria avaliação dá o feedback pra eles, né? O moodle ele permite isso, né? Pode ser um individual pra cada questão e um geral, né? E a gente deixa um fórum pra cada unidade didática que é o fórum pro aluno tirar dúvida. Então aquele que ficou com alguma dúvida ali com relação a algum, alguma questão, ele pode ir no fórum perguntar, mas assim o individualmente não a gente não consegue fornecer não, a gente vai realmente ali em grupo, quando tem alguma pergunta que a gente percebe que pode ser uma dúvida de outra, a gente fala em sala de aula direciona pra fazer um acompanhamento individual não. A gente não se sente capacitado pra atender com a cento e vinte não.

MF: Então, eu acho que minha próxima pergunta você já respondeu. Que é com relação é nesse contexto da pandemia, se houveram ações criativas nas formas de avaliação, mas pelo que eu compreendi já estava planejado né? Essa avaliação pelo moodle, todas evolutivas e trabalhos em grupo. Houve alguma modificação, não né?

003: Não, a gente a gente teve uma modificação sim, porque assim a gente já estava tudo planejado só que na UB É a gente a gente a gente não tinha passado de fazer só uma avaliação de acompanhamento, né? A gente não precisava fazer as vezes duas, às vezes três, né? Por causa da pra poder ter um acompanhamento na OD também. Desse acompanhamento só no final da OD Né? Porque eu tô falando sobre psicologia de educação. Só que eu eu tô falando de temas diferentes, vou falar de Piaget, eu vou falar de Vigotsky, que eu vou falar de Gestalt, então a gente queria ao termo de cada um desses assuntos, ter uma avaliação de acompanhamento. Só que o que aconteceu, como as aulas foram comprimidas, né? Como eu falei anterior ano passado, é teve essa esse recesso e aí algumas aulas, algumas atividades foram retiradas, algumas foram

adiadas e as que foram mantidas preencheram esse tempo que ficou vago, né? Esses tempos que ficaram vago por causa das atividades que não poderiam acontecer por causa da pandemia foram preenchidas com nossas atividades. Então assim uma aula que eu teria que ministrar em agosto foi puxada dois meses pra trás. Então acho que começou a ter que ministrar muito mais aulas no intervalo de tempo muito menor e a gente começou a ver que não tá não tá não tá tendo condições de avaliar porque assim a gente tá na mesma semana ensinando três assuntos não tinha como você na mesma mas não tá fazendo três reavaliações. Então a gente fala o seguinte “olha vamos suspender essa avaliações vamos juntar todas elas” que o moodle permite isso também né? “Vamos juntar elas numa única no final” então a gente realmente teve que adaptar o que a gente planejou né? O que a gente planejou era uma coisa que a gente queria fazer um acompanhamento dessa aula, mas também ao final de cada um grande assunto, uma avaliação é formativa dessas de acompanhamento e uma maior no final. A gente pegou suprimiu elas e a gente terminou gostando, a gente viu que valeu a pena a gente fazer só no final né? Que deu mais tempo pro aluno estudar e o ciclo de aprendizagem ficou interessante que a gente faz uma pesquisa também no final. Assim todo final de ano, de disciplina a gente aplica uma pesquisa pelo online também né? Pelo Google formulário ou pelo Moodle e que a gente pede pro o aluno dá um pra gente com relação a metodologia e com relação a disciplina como um todo ao desempenho dele né? A autoavaliação com relação ao estudo e com relação as avaliações. E aí, a partir dessa avaliação do aluno, a gente vê fecha aquele ciclo, né, vê, pô, o que que ficou bom, o que que a gente pode melhorar e a gente viu que essa questão de a gente ter feito só uma avaliação final, os alunos gostaram muito. E a gente viu que o desempenho deles foi superior na avaliação final. Por quê? Porque ao invés de estudar, o aluno é muito sincero, né? Eles falam que só estudam de véspera de prova. Como eles tinham que estudar a cada unidade didática pra fazer uma prova, no final ficou mais fácil deles estudarem tudo de novo. E aí o desempenho deles comparativamente aos anos os anos anteriores né? Que a gente também faz a comparação do desempenho global, né? Da turma com os anos anteriores. Então em média eles ficaram melhores do que os anos anteriores. Valeu a pena, esse ano a gente repetiu esse modelo, então tá fazendo só o final de cada uma avaliação e vamos fazer essa final. E a gente tá tendo um bom desempenho esse ano. Então a gente viu que realmente aquela que a gente fez ano passado, que a gente planejou É ele prova mas...

MF: Travou um pouquinho.

003: Opa, tô voltando. Tá me ouvindo, Fernanda?

MF: Tô, agora tô. Então minhas próximas perguntas eu acho que a gente conversando acabou...

003: ...acabei falando sobre elas né?

MF: Acabou suprimindo as respostas que eu precisava porque eram mais específicas sobre os processos avaliativos.

003: Hm-huh.

MF: É e tem uma pergunta muito técnica, muito específica que é com relação a ao decreto dois mil quatrocentos e noventa e quatro de noventa e oito que exige a prova presencial para diplomação. É neste contexto da AMAN, como é que funciona a regulamentação desses processos avaliativos na AMAN? É independente desse decreto federal ou segue uma regulamentação interna?

003: Ô, Fernanda, eu não consigo lembrar do decreto agora né? Eu teria que depois dar uma olhada com mais calma. Agora assim, a AMAN ela na lei de ensino, né? É tem uma, tem um artigo que fala que o ensino o ensino militar, né? Ele é vai ser regido por por regulamento próprio. Isso. Né? Aí tem uma regulamentação do ensino militar, tanto o ensino médio quanto o ensino superior. O ensino médio que é aplicado pelos colégios

militares, né? Espalhado pelo Brasil, tanto no Exército quanto na Marinha e Aeronáutica. E as escolas de ensino superior das Forças Armadas são diversas, né? É e as escolas elas têm diversos regulamentos, né? Então tem no Exército, tem um departamento de educação e cultura que ele olha todo o ensino do exército em todos os níveis, tem o departamento de aí subordinado a UBS tem a dez mil que é a diretoria de educação superior militar, ela cuida de todas as escolas de nível superior, né? E aí tem normas pra tudo, tem assim, tem as normas com relação ao ensino, tem a que é como é que vai montar o currículo, né? O perfil, comé que faz pra montar um perfil (...), mapa funcional do curso, pra poder atingir a finalidade, tem o regulamento das avaliações, né? Então como as avaliações tem que ser feitas, que pode ser que não pode fazer, tem um regulamento pra avaliação atitudinal porque a atitudinal ela é avaliada inclusive o aluno vale ponto pra ele pra ser aprovado ou reprovado, né? Então assim é uma coisa que não é muito comum a gente ver na no ensino superior, mas aqui a atitude, o atitudinal, né? Ele também é avaliado, então dos quatro conteúdos que prevê o ensino por competência, os quatro aqui são avaliados, né? E aí a gente tem prova, a gente tem provas tanto online quanto presencial, né? E assim, eu não sei se essa presencial a gente tem previsto ter presencial se é por causa desse decreto, assim eu não saberia te dizer, né? Se esse decreto que influencia esse fato da gente ter, né? O nosso curso ele é reconhecido pelo MEC, apesar de não precisar, mas ele é reconhecido pelo MEC, né? Como um curso superior e que forma bastante Ciências Militares assim como outras escolas que formam diversas especialidades também são reconhecidas, algumas não têm reconhecimento, né? Mas como eu falei a gente não precisaria porque nosso ensino ele é regulado a parte da lei de ensino, né? Então, tem lá o artigo que prevê que a regulação tem que ser a parte, então a gente na verdade a gente responde ao Ministério da Defesa no Ministério da Educação, que o ensino é Ministério da Educação, Ministério da Educação que ele regula ensino superior e dá diretrizes com ensino médio e se no ensino básico, né? e o nosso é a parte, o Ministério da Defesa, que regula o ensino da Marinha, Exército e Aeronáutica. Mas a gente tem, a gente tem muitas similaridades, porque assim, a gente tem que dialogar com todos os públicos. Então, assim, cada vez mais, a gente tá se aproximando cada vez mais até digo assim que o que eu vejo já tinha caminhado das Forças Armadas como um todo e da do Ministério da Defesa essa se aproximar e se alinhar com o que é feito pelo MEC o que é feito também internacionalmente, porque o MEC também se alinha muito, né? No ensino superior com o que é feito fora alinhamento tem acontecido em diversos níveis. Eu vejo aqui na na área de ensino, na área da pesquisa, né? A gente se alinhando bastante, a gente começa a participar de grupos e cadastrar no CNPQ, né? Pra poder ter essa visibilidade, pra ter essas parcerias com toda a universidade. Então, assim, a gente tá se aproximando muito do que é previsto pelo MEC, pelo CNPQ, pelo MEC com relação a formação do superior, a formação do pesquisador e CNPQ o que o fazer a pesquisa, né? Mas assim eu não sei dizer se esse fato a gente tem é avaliações presenciais não online, né? É por causa desse decreto, né? Realmente eu não sei dizer se é por causa disso, eu teria que estudar essa questão com mais calma.

MF: Tudo bem. É agora outra temática.

003: Uhum.

MF: Com relação a formação dos professores, na sua opinião, né?

003: Uhum.

MF: Como Professor e como colega também, você considera que devem ser desenvolvidas outras competências com relação as competências digitais na formação inicial ou contínua para aproveitamento maior das ferramentas digitais que nós temos?

003: Ah, com certeza. Eu percebo que esse cyber-espço, né? E essas TICs, né? É lançaram a gente uma outra dimensão, né? É de interação social que isso precisa

também chegar ao ensino. É e eu percebo que quem não corre atrás, né? Quem não busca isso por iniciativa própria termina ficando defasado é eu vejo é que a instituição se esforçando pra isso, né? Porque se eu fiz uma graduação em psicologia, né? A graduação não tem foco em formar o professor, tem foco formar o psicólogo, né? Aí eu fui fazer o mestrado e doutorado, né? Lá é tanto o mestrado estágio de docência quanto no doutorado não trabalha com mídia digital. Não sabe eles passam. Então aquela formação tradicional. Giz, quadro e giz. É o quadro branco e piloto. Né? Então assim quem quando você vai trazer levar pra gente você montar uma aula usando mídias né? Que é o um slide, pra usar as mídias... Então, perceba assim, quando cê vai usar qualquer coisa que vai além do que tá nesse formativo é porque a iniciativa pessoal, né? Então eu fiz um curso da ENAP pra ser tutor online, fiz um curso pra aprender a montar curso fiz outros cursos online de gestão por exemplo, né? Fazer gestão educacional, pra entender o processo, pra poder tentar me colocar melhor, mas não tá não faz parte da formação do professor nível superior, então pra mim assim é uma defasagem muito grande né? A gente no nível superior acho que a formação ela deixa muito muitos muitas lacunas né? Que aí vai de cada professor buscar sua iniciativa. Aqui na AMAN, nos últimos dois, nos últimos três anos, né? Eu vejo aí uma preocupação muito grande com relação a isso, né? Então assim, teve um ano que tiveram um foco muito grande em melhorar o conteúdo das palestras, pra não ficar aquela palestra expositiva muito longa né? Que não atinge o objetivo da competência, né? Então a gente começou a fazer aquelas palestras, aprender a fazer parte de um estilo TED, né? Aquele TED, aquela palestra de quinze minutos, no máximo vinte, bem condensado, né? A gente viu que vinte, trinta pra uma aula aqui não encaixou bem. É porque é diferente você pegar um pessoas que conhecem o assunto e tá vindo uma palestra, pessoas que não conhecem o assunto, a gente viu que tinha que ser um pouco mais longa, mas no máximo meia hora, né? Já já encurtou, aquela aula que era toda de palestra, já mudou começaram a apresentar algumas algumas ferramentas, né? Então, foram apresentadas pra gente várias ferramentas, como é que usa, mas assim, foram tipo oficinas, né? Tinham oficinas, cê passava a manhã várias oficinas que apresentaram essas ferramentas como é que utilizava, né? Mas até você conseguir pegar o seu conteúdo e criar, adaptar ele pra usar essas ferramentas, já é um salto, já é um salto diferente, que evite também é não é só conhecer a ferramenta. Então assim eu vi que foi uma iniciativa interessante mas eu percebo que é muitos tiveram dificuldade em fazer esse salto e também tem a questão do da estrutura né? Então assim uma coisa a gente é ter as ferramentas, né? Tanto a a esses equipamentos os quanto a o software, né? Outra coisa é você aquela estrutura tá funcionando plenamente, aqui a gente perceber que a gente montava uma aula por exemplo, é usando uma tecnologia dessa Se tivesse alguma situação de internet naquele dia, né? A gente perdia aquela preparação toda e tinha que voltar pro quadro, né? Então assim, a gente também tá com essa dificuldade, enfim, tem que ter uma constância da disponibilidade do serviço, né? Tanto de material quanto de software, não pode ter interrupção, porque cê não pode montar uma aula contando com aquele recurso e na hora que vai usar ele faltar, né? Aí cê já tem que fazer montar uma aula, cê tem que montar duas uma pro pra usar o recurso, uma se faltou recurso, aí ia ficar muito trabalho, né? A gente não tem tempo nem pra montar uma aula, imagina pra montar duas, né? E começa a esbarrar no próprio tempo, né? Tempo pra, pra, pro processo educativo, né? Aqui a gente tem a uma questão que a gente tem não só o nosso tempo empenhado no processo de ensino e aprendizagem, mas também tem muita demanda administrativa, então a gente faz sindicância, processo administrativo, participa de comissões, né? Então são muitas demandas administrativas que concorre com o tempo do ensino, então, assim, no final eu sempre falo assim, o nosso limite também é um tempo, né? Tempo que a gente tem pra conseguir pegar tudo, tudo, tudo isso, fazer esses cursos, conhecer, pegar tudo isso e parar pra preparar uma aula, né? Uma aula que eu preparo hoje em dia eu gosto todo ano preparando aula que eu já tenho pronta, eu gosto de pegar ela, ler tudo de novo, ver se precisa melhorar alguma coisa. Hoje em dia eu levo em torno de uma aula aqui

são duas horas, eu levo duas a quatro horas pra preparar uma aula né? E aí eu vou ministrar essa aula durante uma semana pra várias turmas diferentes, né? Se eu for fazer uma aula usando nova tecnologia eu vou ter que gastar dez horas, né?

MF: Entendi.

003: Assim, eu vejo assim que é então assim, até esse questão eu tenho esse tempo a semana tenho, então vou fazer, não tenho tempo, mantenha o que eu tenho né?

MF: Entendi.

003: Então assim, melhora mas melhora o eu sei que eu poderia melhorar mais, colocar outras tecnologias, bota as vezes uma pesquisa na internet. Pessoal, vamos pesquisar tal tema, na aula, pesquisem sobre tal assunto já pesquisei antes, já vi o que que eles acham normalmente, quando ele procurou nos buscadores, né? Peça pra pegar tal artigo, pega tal, tal notícia, tal artigo, vamos debater isso, né? Então passa essa interação, mas eu sei que eu poderia fazer de outras formas, assim fazer um quiz por exemplo, né? Ele fosse respondendo a partir da resposta que a gente tem essas ferramentas, né? Pô o pessoal tá tá errando, errando muito isso aqui, vamos parar pra conversar sobre esse assunto. Então assim, tem muita ferramenta que a gente pode usar, mas eu acho que o grande limite que a gente tem é tempo e preparação o tempo pra você conseguir pegar tudo isso e conseguir encaixar na sua aula, né? Que de forma que fique produtivo, né? E aí pensando nessa questão administrativa que termina sendo um empecilho, né? O administrativo no sentido de tempo, no sentido do conteúdo é da estrutura, né? Física, estrutura digital, ela não te deixa na mão. Então, assim, pra mim, a grande limitação é essa, né? Uma coisa que a gente a gente faz, a gente faz, vamos dar um passo negativo, conversa muito com os professores, né? Vamos dar um passo de cada vez, né? Esse ano a gente melhora um conteúdo, no outro ano a gente melhora outro, né? A gente já tá começando esse ano a tentar trabalhar com vídeo interativo já tem uns vídeos lá, nossa ideia é colocar sempre o final agora, colocar um vídeo interativo e no durante o vídeo a pessoa vai responder um quiz, né? Mas a gente vê por quê? Porque o vídeo interativo ele não vai ser o quiz vai usar na aula daquele ensino do complementar, que o aluno vai lá, assiste o vídeo e aí se se naquele dia não tiver disponível, não tem problema na ficha do dia. Mas na aula a gente tem que tem que ser cem por cento, porque assim, aquele momento que a gente tem praquele aquela interação. Então, a gente fica sempre nesse o que que é que a gente pode colocar na aula, com quem que tem de tecnologia, o que não vai deixar a gente ir na mão e o que que a gente pode colocar depois pra ele ver quando ele quiser, quem tiver uma necessidade maior, vai ver os vídeos com quis, com e aí se naquele dia não tiver disponível, caiu por algum motivo, leva outro dia, mas não atrapalha a aula, entendeu?

MF: Entendi.

003: Tá um pouco assim, equilibrar essa demanda nossa aí. Mas é essa questão da estrutura física por exemplo se você quiser fazer um ao vivo pelo por exemplo.

MF: Hm-huh. Eles podem acessar ao celular próprio durante a aula?

003: Podem. Aqui permite aqui. Pode. Aqui assim o uso do celular, tablet e notebook autorizado, né? O único momento que a gente pede pra que eles não acessem é no momento que a gente tá dando a palestra, naquele momento inicial da aula, porque ele não tem porque eles pesquisarem nada, até porque depois a gente vai dar um tempo maior do que o de palestra pra eles pesquisarem.

MF: Hm-huh.

003: Né? Então aquele tempo inicial até deixo pelo menos eu particularmente eu deixo o pessoal abrir o notebook deixar ligado, não proibir ninguém que tá acessando mas eu peço que olha esse momento agora não é de acessar a Internet ainda, né? Vou interagir, eu faço pergunta, né? Sempre que eu vejo que é um aluno, é eu não gosto de... tem

como cada professor conduz, né? Eu não gosto de proibir o pessoal de tá com material na mão. Eu prefiro durante a aula aquele que eu vejo que se distraiu, eu chamar ele pra aula, fazer uma pergunta, né? Brinco e aí o camarada ele volta pra aula, né? E eu deixo eles à vontade. É depois quando termina esse momento que já pra atividade em grupo, aí eles acessam a vontade.

MF: Entendi.

003: Né? Deixa lá e acessa, o pessoal vai fazer pesquisa, né? Aí tem o lado ruim disso, né? Que às vezes tem aqueles alunos que tão aproveitando pra pesquisar, pra estudar e tem aqueles que tão olhando o Mercado Livre, outras coisas, conversando no WhatsApp, mas quem perde é o aluno, né? A gente tem que, não pode, eu não posso prejudicar a maioria por causa de um ou outro que não tá ali as vezes é acessando, mas aqui é assim é tem essa auto tem essa autorização de usar e a orientação da direção de ensino é que o professor que vai regular, se vai permitir, se não vai permitir, né? Qual o momento vai permitir, né? Aí a gente lá se permite, né? Na psicologia que tem essa sempre conversa pra poder não fazer diferente, né? Se tentar fazer ali uma forma que que fique todo mundo é seja todos os alunos sejam atendidos da mesma forma, plenamente, da mesma forma, não tenha nenhum que fique prejudicado ou um grupo fique prejudicado em relação ao outro. Então a gente combina entre os professores comé que a gente vai é proceder e o nosso procedimento com relação a tecnologia é deixar livre né? Eles podem acessar celular, tablet, notebook né? Internet é O que a gente tem de conversa muito é assim, como a gente a nossa internet aqui ela tá passando por dificuldades e já acho que talvez esse ano resolva que vai vim a vão colocar fibra ótica, né? Então a gente procura também não fazer muitas atividades on-line e quanto na sala de aula porque sala de aula, cada sala de aula tem um tem um Wi-Fi, mas às vezes aquele Wi-Fi não tá funcionando, por isso que eu te falei na questão de a gente eles não não tá com aquele recurso disponível, então se não tiver funcionando o aluno vai ter que usar o celular dele com o plano de dados dele e a gente evita fazer o aluno usar o que é pessoal dele né, em relação a aula que a gente entende que a gente que tem que oferecer enquanto instituição. Então a internet, o material por exemplo, tem celular, tem tablet tem e tem notebook. A AMAN fez uma pesquisa pra saber se eles é queriam usar o deles ou se preferia que a AMAN fornecesse é por cautela, né? E aí eles preferiram usar o deles e a AMAN comprou uma quantidade pra aqueles que não tinham, fica disponível. Então quem quiser vai lá e cautela. Né? Até isso foi pensado que assim o que que a gente tem que oferecer pra que o aluno ele tenha acesso e aquele que às vezes não tem condição de ter um notebook não tem condição de ter um tablet ou um celular ou celular de capacidade, ele pode ir lá e cautelar esse material. Então, tem uma quantidade disponível, né? Assim, até hoje assim eu tive um título de poucos cabeças que que buscaram cautelar esse material, né? Mas tem disponível uma quantidade de tablet lá pra isso né? Então assim é em relação a estrutura a questão um estrutura a gente vê que tem tipo assim a gente faz prova online na sala de aula por exemplo aí na hora que tá começando a aula o aluno todo mundo tá ligando né? Ela falou assim, olha a prova foi avisada com antecedência, a gente avisou com antecedência que a prova a gente avisa sempre uma semana antes, né? Tem um aqui um ano a gente já vive ao começo do ano, a gente tem um quadro de quando vai ser a semana que vai ter avaliação, né? A gente avisou com antecedência, né? Tem material pra você cautelar. Né? Então assim é seu planejamento. A gente não pode agora não fazer avaliação. Então você vai ficar sem fazer e vai fazer a segunda chamada. Né? A segunda chamada eles não querem fazer na verdade porque é manustrito, não fez não fez no computador na hora aí é um trabalho que tem que fazer entregar pra ser avaliado aí ele sabe que dá mais pra ele vai dar mais trabalho né? E talvez ele não vá tão bem quanto fazer o online né? Aí todo mundo quer, não mas eu vou dar um jeito aqui eu pego aqui emprestado pega um sabão emprestado, pega um tablet e resolve. Mas com relação a estrutura a gente considera que o aluno ele é responsável, né? Cada um com seu pelo seu material. Mas tem dificuldade também, né? A gente entende que tem isso,

mas assim a gente evita também usar muito pra se na avaliação se tem problema, imagine se fosse só na aula, durante o dia das aulas, né? A pessoa na hora não tá funcionando, não consigo acessar, não consigo participar, aí termina-se um fator de exclusão, né? aquela participação. Então, tem a questão da estrutura física do dos materiais, né, que essa questão aqui boa parte a maior parte é pessoal e tem a questão da nossa rede mesmo, a nossa rede interna que às vezes ela não tá não tá estável, ela cai e o aluno tem que usar a sua internet.

MF: Entendi.

003: Aí por isso que a gente a gente faz essa questão de preferir colocar o conteúdo digital pra ser não presencial E o presencial, ele ser aquele que a gente sabe que a gente pode confiar tanto o professor quanto o aluno, né? Então, é uma forma de equilibrar o que a gente tem de estrutura, de material, né? De condição, né? Com o que a gente pretende atingir de objetivo de ensino, né?

MF: Com viabilidade pedagógica, né?

003: É, viabilidade pedagógica. Então, a gente fica sempre nessa, buscar o ponto de equilíbrio, né? Quer que o ponto de equilíbrio, né? Eu acho que assim, pela minha perspectiva, acho que a gente tem espaço pra melhorar, né? E né? E a gente conversa muito sobre isso, né? É a gente vê que o aluno ele gosta muito dessa dessas atividades, né? Eles gostam é natural porque eles nasceram nisso aí, né? Nessa tecnologia. Então eles gostam muito né? E a gente fica assim olha a gente tem que tentar inserir o máximo disso sem perder essa atividade pedagógica né? Então o que que é esse eu acho muito legal essa ideia nossa do Ted né? O estilo Ted né? Não o Ted, porque a gente pega ali aquilo que que é mais importante, né? Que é que é aquela caminhada, né? Tirar o aluno do não conhecimento, a gente faz uma diagnóstica do começo do ano, avaliação diagnóstica ela vai falar com o nível de conhecimento da psicologia dos alunos. A gente vê que assim, realmente, o nível é muito baixo da psicologia, alguns que tem o conhecimento um pouquinho melhor porque tem iniciativa pessoal de ler algum livro sobre o assunto, né?

MF: Hm-huh.

003: Então a gente sabe que sempre quer pegar o aluno do lugar, do não conhecimento, né? Pra inserir alguma área de quem vai conhecer um pouco, mas só conhecer um pouco e que a partir dali possa caminhar sozinho. Então, eu tenho que ter essa palestra, né, a gente pensou, ah, não, pessoal fala muito mal, não, mas palestra tem que ter, a gente não tem como abrir mão, né, a gente não tá falando de um público que já conhece, um público que já é formado na área que eu vou fazer uma atividade que que não precisa de palestra porque eu posso usar outras técnicas pra poder levar aquela informação, né? Eu tenho que levar informação de uma forma que eu trago aquele aluno do meu conhecimento por conhecimento e que esse conhecimento seja suficiente pra ele conseguir caminhar sozinho na área, né? Fica nessa. Então, tem que fazer a palestra curta, mas tem que ter a palestra. E a pesquisa também é o quê? Direcionar pra que ele aprenda a pesquisar aquele assunto, né? Então, comé que ele vai pesquisar? Vai ser um trabalho em grupo, que ele vai ter que montar uma apresentação pra falar sobre tal coisa, né. E a gente vai direcionar pra que? Pra que essa pesquisa dele leve ele a aprofundar aquele conhecimento que a gente já trouxe ele inicialmente. Né? Então até um pouco o trabalho de grupo também é uma coisa pra um tá aprendendo com o outro, tá debatendo, né? Aí só não é E aí eu vou rodando nos grupos, né? Perguntando aí comé que tão aí, tão com alguma dúvida, aí tu pensou isso aqui por aqui, por causa disso, disse disso, aí participa um pouquinho do debate do grupo, vou pra outro grupo, né? E é legal, a gente vê que realmente esse negócio deles debaterem é bem é bem construtivo pra eles, né? Eu vejo até que às vezes uma coisa que eu estou explicando é uma coisa interessante do aluno né? A gente às vezes está num nível de domínio do assunto diferente a gente não consegue às vezes traduzir aquilo pra linguagem do aluno

né? Então às vezes como eu estou sentado eles sentem grupos na aula lá no centro de frente a gente bota formato são seis grupos eles são sempre um grupo em sala de aula né? Então a aula começa com todo mundo em grupo alguém tá com alguma dúvida alguma coisa a pessoa não entendi tal coisa, aí eu explico diferente. Pô, continua a não entender, aí vê o aluno. Professor, posso explicar? Eu falei, pode. Aí ele não é assim, assim, assim, ah, entendi agora. Por quê? Porque o aluno conseguiu explicar na linguagem que ele ia entender, né? Achei legal isso. Falei, pô, legal, obrigado. Então, vamos lá, vamos continuar. né? É. É coisa de um trabalho em grupo, né? Eles se sentem à vontade pra isso, né? De chegar, não, professor, deixa eu deixa eu explicar o colega aqui, aí explica, né? Mesmo no momento que ainda não é o momento de do trabalho de grupo, mas eles participam, né? Então, acho bem legal essa.

MF: É uma colaboração entre eles, né?

003: Entre eles. É legal. Muito legal.

MF: Então, é nossa entrevista tá chegando ao fim, é e eu queria te perguntar o seguinte, você tem algo a acrescentar, alguma informação que você gostaria que constasse nessa com relação a temática ou ao ensino de uma forma geral?

003: Então assim, o que eu penso que que essa pesquisa pode colaborar, né? Com o ensino, ensino superior é bem mostrar essa lacuna que a gente tem na formação, né? Eu acho assim que a formação deixa uma lacuna muito grande pro professor, assim as universidades elas não ensinam é as é os as pessoas a serem professores, né? Ser profissional, né? Então assim pelo menos a universidade particulares bastante, prepara bastante pro mercado de trabalho a pública, as vezes dá um foco grande é na parte de ensino e pesquisa, né? Mas deixa mais o foco na pesquisa porque eles a pesquisa termina feno uma fonte de recurso pra universidade e pros professores, né? Então o ensino ele tem uma preparação mas não é uma preparação realmente aprofundada. Então assim é eu percebo que profissionais eles chegam pra desempenhar a atividade de ensino não preparados. E as vezes leva anos pra conseguir chegar num nível, como eu te falei, eu hoje em dia me sinto num nível confortável com relação a prática docente, mas eu levei anos pra chegar nisso, né? E o adequado talvez se fosse eu chegar já nessa condição né? Então assim, tem uma lacuna muito grande, né? De todo mundo que chega a gente vê que a pessoa chega com muita dificuldade, né? E eu vejo isso aqui, compartilhando com os colegas aqui da AMAN, mas também com colegas de outros estabelecimentos dificuldade, né? Então assim é a gente não a gente não é treinado mas competência pra ser professor, a gente aprende outras competências, né? Nas graduações.

MF: E digitais também, né?

003: Acho que hoje em dia ser professor é já pressupõe que tem que ter competências digitais, né?

MF: Isso, hoje é.

003: Porque hoje em dia você pensar em lecionar, sentar nesse dominando essa questão da pra esse público que tá acostumado a interagir a partir dessa dessas tecnologias, né? Só usando o quadro de giz e quadro giz ou o quadro branco e piloto, porque você não consegue prender atenção. Você não consegue estimular, né? Então, assim, a gente precisa incorporar bastante coisa, né? Então, é um desafio, né? Um desafio que a gente da noite tem que buscar soluções criativas, porque assim, a formação de forma geral a minha percepção. Eu não percebo contemplando isso. Assim, eu fiz graduação, fiz pós-graduação, né? Fiz três pós-graduação, tô terminando um agora, fiz mestrado como doutorado e toda essa minha caminhada eu não me senti contemplado nisso né? Então eu consegui ser contemplado o que? Fazendo estudo por fora, então estudando é fazendo um curso da ENAP de de tutor online, fazendo um curso de formação on-line Buscando conhecimento na internet. Pô comé que faz? Comé

que faz pra montar uma aula no no YouTube pra botar pro aluno? Falei pô legal vou orientar meus alunos agora fazendo pequenas aulas deixando no YouTube aí comecei com esse projeto ainda não coloquei ainda disponível mas como é que eu faço pra então assim alcançar esse aluno de alguma forma né? A partir disso que ele está que a linguagem deles na atualidade. Então assim eu vejo que é cada um tem que fazer sua caminhada né? Buscar a sua caminhada não tem um pensamento institucional pra fornecer essa competência pros professores. É pelo menos a minha impressão, né? Do da minha experiência tanto aqui quanto colegas de outras instituições, né? Que eu percebo que é realmente uma grande defasagem que a gente tem na atualidade. As coisas mudaram muito rápido, né?

MF: Sim.

003: Então a nossa mudança era da informação do conhecimento é ela foi uma mudança muito rápida e não as pessoas não conseguiram ainda né? É somente as outras gerações né Então quarenta e dois anos e viveu essa transição, eu tenho facilidade com tecnologia, eu gosto, já fiz, trabalhei muito com a área de informática, então assim, não tenho dificuldade, mas percebo que é tem esse gap ainda, né? Então acho que é um pouco do que você tá buscando, né? Identificar esse né? Acho que isso aí é uma é uma colaboração que vai ser importante, né? Pra que a gente consiga pensar o que que a gente pode colocar nessa formação superior de forma geral pra que esse profissional saiu com essa competência, né? Dessa área que também não serve só pra pro ensino superior, acho que qualquer profissional que vai numa empresa que vai fazer uma apresentação, vai precisar usar também dessa linguagem, né?

MF: Hm-huh. Com certeza.

003: Termina que vai pra outras áreas também, não é uma competência que é exclusiva pro ensino superior. Acho que vai, só vai levar pra várias áreas de trabalho, né?

MF: É, com certeza. O engajamento digital tá sendo fundamental pra gente.

003: É. Com certeza. É uma coisa que eu percebo crescendo cada vez mais e não não vejo retornar, eu vejo só cada vez mais aumentar, né? A minha percepção é que vai cada vez aumentar, né?

MF: É, e com a pandemia demos um grande salto também, né?

003: É, a gente foi obrigado a fazer isso e terminou que como tudo na vida tem essas aspectos bons e ruins, né? Então a gente ficou com uma coisa muito boa que foi essa que era um paradigma, né? porque assim as pessoas achavam, eu via muito isso com quando o fiz do curso online da ENAP e até outros cursos também eu sempre gostei muito do curso online eu achava que aprendia mais no curso online do que o curso presencial né? E casava bem na minha na minha condição de vida, né? De horário. Então assim, eu estudo a hora que eu quero, eu vou lá, abro a aula, assisto a aula, faço as provas, leio o material, se tô com dúvida eu entro no fórum, faço a pergunta, professor responde, eu não entendi pergunto de novo. Então assim, eu ganhei liberdade, né? Dentro da minha vida pra estudar, fazer aquele curso que eu queria, aquele conhecimento que eu não poderia tirar um tempo pra ir prum local, pegar um transporte, me deslocar, sentar, ficar aula do uma hora, depois voltar de novo, mas não, tô em casa, chego ali, acesso ao material e estudo. Então, assim, pra mim o ensino online é fantástico. Eu acho que eu nas minhas características também eu aprendo muito mais, porque o ele obriga você a ser ativo, cê não pode ser passivo.

MF: Isso.

003: Né? Então assim, você tem que criar ativo, não tem algum passivo no ensino online que a pessoa vai, fica sentada lá, tá ali voando, tá prestando atenção em nada no momento se você não fizer, não tiver ativo, ele não conseguir atender, você não passa pro próximo módulo, você perde, né?

MF: Tem prazo?

003: Verdade, tem prazos. Tem prazo, tem que ter muita organização, responsabilidade. Então assim, tem que ser muito ativo. O aluno do da então assim é bem diferente, mas eu acho que o aluno do ensino online ele tem a tendência de aprender mais do que o presencial, na minha opinião, por essa por essa estrutura que é um ensino online, que obriga o aluno a ser ativo, não tem como cê ser passivo no ensino online, se for partido você nem passa de módulo né? Você já fica pelo caminho e no presencial cê consegue, vai empurrando, né? A pessoa consegue ir empurrando pela com a barriga, aí no final faz uma prova e depois faz recuperação, no online cê já fica pelo caminho né? Então assim, eu sempre tive uma boa uma boa impressão do ensino online, mas eu vi que a opinião geral não era essa, era que era como se fosse um ensino de menos valor, que a pessoa fosse aprender menos, eu acho que com a pandemia e com essa mudança que foi obrigatória as pessoas começaram a perceber o ensino online como ele realmente é E perceber que tem como aprender muito, né? Com o online tem que ser só alguém ali falando, cê pode aprender com material estruturado, né? Como protagonista um protagonista, aquela sala de aula virtual, né? Que quer falar de aula virtual? É um material estruturado pra que seja uma aula, mas é uma aula sem tá me guiando falando, você tá lendo, mas é uma aula, cê vai conduzir um raciocínio por etapas, né? Até que a pessoa consiga o que que a gente faz numa aula, né? A gente faz isso, a gente vai pela pela fala, né? Eu vou conduzindo o raciocínio dos alunos, né? Pra chegar num ponto que eu acho que é o ponto adequado pra eles caminharem. Então falando, eu tô fazendo isso por um materiais digitais né? Tô conduzindo ali as informações, né? Ele lendo e no final, ah, pode ter dúvida, pode. Pô, mas na aula presencial, algum tira dúvida na hora. Então, a desvantagem que a gente pode ver assim, ah, mas no online, a pessoa tem que fazer uma pergunta no fórum, por exemplo, né? Mas vai ser respondido.

MF: Por e-mail ao professor.

003: Ou por e-mail né? Mas vai ser respondido no fórum eu acho que tem a vantagem que ele faz uma pergunta é aquela pergunta de sala de aula né? Do fórum. Ele faz a pergunta o professor responde todo mundo vê a mesma resposta Da mesma pergunta resposta. Então assim, às vezes não tem aquele é tempo real desses tipos de estilo de ensino, porque também tem a aula por vídeo também né?

MF: Isso. Você chegou a fazer a palestra síncrona? Com trinta, quarenta alunos ao vivo assistindo? Online?

003: Eu já eu já assisti aula assim, eu não ministrei aula assim, já assisti muita aula assim que eu também acho muito interessante também né? O encontro síncrono né? É encontro síncrono assim é um pouco desconfortável eu percebo assim que somos professor né? Porque o tem uma coisa que o aluno faz que os professores ficam bem constrangido que é de deixar a câmera desligada. Eu vi todos os professores reclamando isso aí. Mas uma situação muito complicada, por quê? Porque ao mesmo tempo que a pandemia obrigou a gente a esse tipo de aula, eu tive aulas assim no doutorado né? Assistir aula ou ter encontro de reunião da equipe de pesquisa é ou por ou pelo Google Meet ou pelo esqueci o nome agora ZOOM né Cada um tem um tem recurso diferente. Eu acho bem interessante incomoda muito é o aluno deixa a câmera desligada mas também ao mesmo tempo o aluno está na casa dele. Às vezes o ambiente que ele está não está preparado pra isso . Né? Ele pra ele conseguir. Então às vezes ele está na casa o material, o recurso que ele tem não é o melhor, né? E aí tem que tem que ter essa compreensão também, né? Então assim, incomoda que a câmara estaria ligada e pede pra não abrir quando algum abre, cê vê que realmente o aluno não tá numa condição, às vezes tá até com vergonha porque a casa dele tá muito é uma casa é não tá não tem acabamento, tá muito bagunçada. Então assim, tem várias situações que essa esse tem uma flexibilidade, né? Porque o a pandemia obrigou as

peças, é diferente de uma pessoa já vai pra uma aula sabendo que vou entrar no curso que tem uma aula online, eu vou passar a assistir essa aula, eu tenho espaço pra isso, né? Eu mesmo falei assim, eu não tenho espaço, meu escritório improvisado aqui em casa, né? Quando eu assisti aula, né? É eu pegava o celular, ia pra algum canto, então assim tentava ir pro local que fosse ser menos interrompido, né? Que a gente foi interrompido, né? A esposa entrar pra pegar negócio, criança começa a tocar flauta, então são os desafios, né? A aula síncrona não tem essa questão dessa abordagem de você conseguir reunir as pessoas e o serviço ter esse deslocamento, tem todas essas questões, mas tem também outras questões que que atrapalham. O caso que atrapalha é isso, a estrutura da pessoa que tá vendo essa aula. Até quem está ministrando as redes a gente também tem a estrutura pra isso. Então é um é uma adaptação que a gente tem que ir fazendo ao longo do tempo. Cada um da sua condição. Se adaptar pra essa aula síncrona né? Por isso que eu evitei isso muito no ano passado é eu pensava muito isso, eu preciso gravar aula pro aluno assistir do que fazer aula síncrona, porque assim, intensa dificuldade do recurso, do local, né? Do naquele momento a pessoa tá disponível, eu posso marcar um horário que tá bom pra mim, mas a pessoa tá na casa dele não tem como. Tipo assim, a Marcou, o professor marcava aula, por exemplo, marcava aula dez da manhã da segunda-feira, né? Até amanhã na segunda-feira pra mim, né? É tando em casa, eu ia ser interrompido, tenho criança pequena. Então comé que eu vou fazer pro trabalho? É no trabalho tem também interrompido, né? Porque sempre tem vai ouvir na minha sala lá, quer conversar não sei o que, pô toma aula aqui, a pessoa já interrompeu. Você vê que essa intensa dificuldade, né? Quando você sai do seu local, cê tá ou sua casa de trabalho pra ir prum local presencial pra assistir, ninguém vai te interromper lá. Então assim, eu vejo vantagens e desvantagens nos dois, né? Agora eu preferi muito mais assistir online do que ter que pegar o carro, viajar duas horas pra assistir aula.

MF: É, com certeza.

003: Né? Então é duas horas que eu viajava todo dia pra ir depois pra voltar, poder assistir aula presencial. Então, assim, acho que vantagens e desvantagens tem tudo. A gente vai se adaptando, mas assim, o importante que é a aprendizagem né? Eu acho que ocorre, tanto numa situação como em outra. Importante é isso, dá pra ter aprendizagem pelo online, seja com uso de vídeo ou não, eu acho que dá.

MF: Hm-huh.

003: Eu acho que o formato de curso online, eu acho que obriga o aluno ser mais ativo do que o presencial, o presencial, ver colegas que conseguem terminar a disciplina às vezes sem ter um uma abordagem adequada da disciplina, quando cê tá no no online, cê não tem como fazer isso, cê é obrigado a ler, estudar às vezes a pessoa reclama por causa disso né muito chato por quê? Porque tem que ler eu falei mas que nem qualquer aula então você é estranho né? Vamos estar reclamando na verdade porque ele ele é obrigado a aprender não tem como não aprender né são coisas que são contraditórios, né? Espero que tenha contribuído pra você aí.

MF: Agradeço muito pelo seu tempo que é precioso, né? Nosso tempo hoje em dia.

003: É hoje em dia o negócio...

MF: Eu vou encerrar a gravação.

003: Tá certo.

MF: Vou encerrar a gravação.

Entrevista 004

Plataforma: StreamYard

Sexo: Masculino

Área: Educação

Data: 13 de Julho de 2021

Duração: 56M44S

Entrevistador: Maria Fernanda

MF: Gravando. Bom dia senhor 04, é um prazer ter o senhor aqui na minha coleta de dados, minha coleta de histórias. Eu sou mestranda pela Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, na área de tecnologias digitais.

004: Hm-huh.

MF: Então o meu trabalho de dissertação tem uma temática sobre avaliação on-line, avaliação com o recurso das TICS.

004: Certo.

MF: E principalmente focado neste período da pandemia. Porque nós vivemos uma transição né? Alguns professores viveram uma transição do ensino presencial pro ensino remoto ou que já estava à distância também tem muito a contribuir com informações para o meu estudo.

004: Hm-huh.

MF: É tem alguns metadados que eu gostaria de perguntar pro senhor, coisas simples assim tipo, idade o currículo, nível de de currículo, mestrado, doutorado. Qual a idade do senhor?

004: Eu tenho sessenta e cinco.

MF: Nível de educação?

004: Eu tenho doutorado e pós-doutorado.

MF: Ocupação atual?

004: Professor.

MF: Estado relacional?

004: Casado. Filhos são quatro.

MF: Reside em Salvador?

004: Salvador.

MF: Pronto, só isso, salvo. A primeira pergunta é uma breve um breve resumo assim da trajetória do senhor, da atuação como docente. Desde o momento que escolheu ser professor até hoje.

004: Tá, tá. Vou ter que ser rápido porque são muitos anos de história. Eu já tenho quarenta e quatro anos de educação.

MF: Hm-huh.

004: Minha primeira escolha eu resolvi ser instrutor de mecânica. Eu comecei dar aula com vinte e um anos, vinte e um anos, daí os quarenta e quatro, né? Porque eu tenho sessenta e cinco e eu era o professor de mecânica no Senai. Aí no SENAI eu fiquei, eu fiquei dezoito anos. Lá eu fiz uma carreira além de docente, uma carreira gerencial

também. Então, mas quando no SENAI eu saí de sala de aula eu comecei a ser chefe de divisão, diretor durante um tempo, acho que eu fiquei ali uns quinze anos na parte de gestão, mas eu continuava dando aula ou no SENAI mesmo em alguma escola pública ou particular em paralelo. Então não saí de sala de aula o tempo todo, trabalhei na educação pública, na educação básica, no ensino fundamental educação infantil também de informática, dei aula em ensino médio, curso magistério, depois dei aula de mecânica no ensino médio também e durante o intervalo que eu saí do Senai e fui pra universidade, eu trabalhei como professor na área de recursos humanos numa rede de sala de hospitais e trabalhei como pedagogo num instituto aqui, Instituto São Geraldo, que é uma ONG que é uma casa lar, que trabalha com menores sem referência familiar abrigados e ali eu trabalhei na gestão da educação, coordenava a parte pedagógica algumas aulas também em parte de mais de educação geral. Depois em dois mil entrei na universidade, a UNEB, na UNEB eu entrei pelo campus de Irecê trabalhei na formação de pedagogos durante uns cinco anos, aí depois mudei pelo campo de Santo Antônio de Jesus, onde eu trabalhei como professor de licenciaturas em geografia, letras e história, dava disciplina de didática e planejamento de ensino, lá também fui diretor do departamento, aí depois eu assumi a educação a distância da UNEB, levei uns dez anos gerenciando educação a distância, implantando curso e dando aula também e atualmente eu estou no departamento de Camaçari onde dou aula de disciplinas de educação científica então é monografia, projeto de pesquisa, metodologia de trabalho científico e também tem uma disciplina que é fundamento de educação profissional que eu trabalho com ela, optativa, e dou aula também no doutorado em difusão do conhecimento que foi o programa que eu me doutorei. Eu terminei o doutorado em dois mil e quinze, aí agora em dois mil e dezoito eu entrei depois do pós doutorado eu entrei como professor desse doutorado. Lá eu dou uma disciplina que é difusão do conhecimento na docência da educação superior, é um trabalho como optativa também onde eu e as pessoas que passam pelo doutorado, que são professores e que desejam ser, se matriculam na minha disciplina pra aprender a parte pedagógica do processo, né? Então aí nos últimos dois anos eu tenho trabalhado nesse doutorado e na minha disciplina na graduação com a educação científica, fundamento de educação profissional. Resumi bem, não foi? Dei um apanhadozinho.

MF: Maravilha. Maravilha. É eu posso passar pra segunda pergunta?

004: Pode.

MF: Quais foram os principais desafios de dois mil e vinte? O senhor viveu essa transição do ensino presencial pro ensino remoto? E quais foram nesse caso, né? Que se não tiver vivido ou quiser também complementar, quais foram as orientações necessárias do senhor, né? Como docente, como a frente de tudo para que os colegas também fizessem essa transição de forma mais tranquila, né? De forma mais, não digo nem tranquila, os principais desafios mesmo pra eles enfrentarem essa transição do ensino a distância pro ensino, do ensino presencial pro ensino remoto.

004: Ah eu vivi o processo todo né? Quando a pandemia determinou o afastamento social. Último dia que eu fui no meu departamento em Camaçari, foi o dia quatorze de março de dois mil e vinte, onde eu tive uma defesa de um TCC que eu orientei e foi a apresentação do trabalho final da menina, de Ruth, Ruth Viana, e dali em diante quando eu voltei pra casa de lá pra cá não coloquei mais os pés no departamento, né? Então no começo, na Universidade Pública, houve uma reação diferente do setor privado, né? O setor privado por uma questão de sobrevivência na semana seguinte, nas duas semanas seguintes já estavam fazendo ensino remoto em todos os níveis de educação, né? Porque eles precisavam manter os alunos, a matrícula e os professores e é uma questão de sobrevivência. Nós das Públicas passamos um tempo de amadurecimento, os alunos não aceitaram recomeçar, só que queriam recomeçar se todos tivessem acesso e nem todos tinham acesso. Muitos professores não trabalham com tecnologia também não quiseram recomeçar, porque todo mundo achava que a pandemia ia

passar rápido, né? Todo mundo achava que três meses, quatro meses ia voltar tudo mas quando chegou no mês de junho, julho, começo de agosto, que a gente se deu conta que tão cedo não voltaria, aí nós começamos o movimento de convencer os alunos. E a própria universidade fez um amplo debate com toda a comunidade científica pra discutir como é que seria a retomada com o ensino remoto. Nós do mesmo do departamento nos juntamos, nós que somos da área pedagógica um seminário online de adesão voluntária pra que os professores que não estavam habituados a lidar com a tecnologia e os alunos também que não acreditavam no ensino remoto pudessem experimentar, esse seminário durou duas semanas, foi uma série de eventos, né? Nós fizemos, nós tivemos uma participação expressiva, foi uma coisa assim que teve uma colhida muito boa pela universidade, a abertura foi feita pelo reitor convidamos uma colega que é pesquisadora da PUC nessa área de educação e tecnologias a Elizabeth Dankosin de Almeida, ela fez a palestra de abertura e tudo isso tá gravado, nós criamos um site, né? Então nós tivemos várias manifestações, vários professores que abraçaram, né? Outros que ficaram ainda com o pé atrás, mas aí quando terminou o seminário nós criamos uma continuidade com a criação de comunidade de aprendizagem online. Alguns professores aderiram e começaram a tocar os seus projetos de docência de pesquisa de extensão nessas comunidades e até hoje as comunidades existem pelo menos umas três comunidades existem, mas depois a universidade tomou a decisão de fazer um semestre remoto opcional em que os alunos se matriculariam se quisessem e os professores também dariam as aulas se tivessem disposição pra isso. Isso foi outubro, novembro e dezembro. Muita gente aderiu e aqueles alunos que conseguiram e os professores que ministraram os conteúdos e consideraram válidos, os alunos foram aprovados nos componentes. Aqueles alunos que perderam os componentes foram perdoados, né? Não foi pro currículo deles, a reprovação não foi considerada devido as condições adversas e os professores que não ofereceram também não tiveram nenhum problema porque eles tavam em processo, né? De adaptação. Mas isso tudo, esses dois eventos, nos preparou pra agora no primeiro semestre dois mil e vinte ponto um, nós ofertamos um semestre de fato valendo com matrícula, com avaliação, com componente que tá terminando essa semana e tudo funcionou, né? As aulas foram dadas, os alunos participaram, e tudo foi realizado, nós continuamos nosso trabalho de extensão e de pesquisa funcionando, nosso grupo de pesquisa até cresceu nesse período e continuamos com os editais da universidade, com publicações, nos eventos, seminários e cursos de extensão, atividade de extensão, trabalho de campo, tudo foi mantido e hoje nós podemos dizer que não existe assim nada próximo do normal, anterior a pandemia, mas as coisas estão funcionando. Então assim, os desafios pra mim não foram muito significativos pela minha história com educação e tecnologia, por vir da educação à distância por ser esse meu campo de pesquisa, né? Meu campo de trabalho, eu sempre desde o Senai eu sempre trabalhei com educação e tecnologias, então não foi muito difícil esse aspecto, outros aspectos foram é adaptação dos alunos, né? Acostumar com a aula remota, é toda parte de mais de adaptação dos alunos mesmo porque eu já trabalhava com educação a distância, então não foi difícil pra mim não foi difícil gravar vídeo, nunca foi difícil eu fazer usar aplicativos, é ambiente virtual, é drive é arquivos em nuvem e tudo que eu já fazia, né? Pesquisa em periódicos é online, usar gerenciador de referência, então tudo isso que eu já fazia eu continuei fazendo e passei a ter que ensinar os alunos, porque antes eu tinha uma prática, durante muito tempo eu fiz isso, pra cada turma presencial minha eu abria uma turma no ambiente virtual de aprendizagem e convidava os alunos que tivessem interesse em participar então eu fazia uma interação e fazia um mês já um híbrido e aí eu já tenho assim até dados disso, é interessante que eu nunca tive uma adesão maior do que vinte por cento, sempre ficava em torno de vinte por cento dos alunos que entravam no ambiente, porque eu deixava como optativa opcional, né. Então, os que a gente tava no ambiente interagiam comigo, mandavam arquivo, recebiam orientações, muitas vezes eles se viam até de ponte pra mim porque eu mandava os avisos por ali, eles passavam pros outros no presencial nas outras turmas que eles

tinham mas com a pandemia não pode mais ser opcional, né? Cem por cento tiveram que vir para o online e aí a gente teve que trabalhar, que explicar pra eles a fazer adaptação deles. Tem uma coisa difícil que eles tem dificuldade com equipamento, com Tecnologia, com a conexão. Então, muitos deles não conseguem acompanhar. Também tem uma coisa assim que eu acho que é uma coisa da privacidade do aluno. A maioria dos alunos não quer abrir a câmera pra participar da aula vendo e sendo visto porque eles também estão num ambiente que muitas vezes não querem mostrar, né? Às vezes condições de iluminação, moram em lugares que eles não se sentem à vontade de apresentar no vídeo, principalmente porque os vídeos são gravados, aí às vezes tem interferência externa, é barulho externo, o pessoal mora num lugar que não tem isolamento acústico, aí é cachorro que late, é carro que buzina, gente na casa que fala, é criança, aluno agora mesmo nesse semestre eu tive duas alunas com filhos pequeno, três, com filhos pequenos, uma com bebê de colo amamentando, então ela não podia largar o bebê pra assistir a aula, então todas essas coisas que também acontecem no presencial, né? Quantas vezes eu recebi filhos de alunas na sala de aula e isso assim, é claro que quando você tá em casa isso é mais intenso, mas no presencial também acontecia coisas desse tipo. Mas eu acho assim, de um modo geral eu acho que os alunos se convenceram, eu acho que o saldo disso é que as pessoas se convenceram de que o remoto é viável e que o on-line é viável. Eu já acreditava nisso mas as pessoas assim que não acreditavam tiveram a oportunidade pra entender que isso é viável, né? Eu tenho até uma experiência fora da universidade que é um conselho que eu faço parte, um conselho de meio ambiente de Camaçari, eu sou conselheiro eleito representante da universidade quando fui nomeado em fevereiro de dois mil e vinte em março veio a pandemia a gente só teve duas reuniões presenciais e aí eu comecei um trabalho de convencimento, comecei pela presidente, pelo vice, né? Convencê-los a fazer reuniões online no começo somente seis aderiram, nós somos dezoito, somente seis aderiram mas com o tempo eu fiz um trato com eles, cada um, cada um traz mais um, aí mudou pra doze, aí depois cada um traz mais um, nós conseguimos ver os dezoito, aí o conselho se instalou, nós fizemos a eleição, reformulamos o estatuto e hoje o conselho funciona plenamente, tudo online, pelo link que eu criei, peguei esse link do até hoje esse é um aplicativozinho que tem gratuito, aí eu baixei esse Tems aí que tão todos os grupos do Comam, eles, Comam Camaçari, eles funcionam nesse tems que até quando eu não participo da reunião aí eu gravo as reuniões, mando pra secretária, a secretária faz as atas. Então o conselho funciona plenamente assim como também as atividades administrativas do departamento, reunião do departamento, reunião de colegiado que antigamente tinha dez, vinte professores, hoje tem cinquenta, sessenta porque o online viabiliza, né? A pessoa participa de onde tiver, por exemplo, eu tô em casa, marquei com você, mas se eu tivesse em trânsito a gente podia tá fazendo essa entrevista do mesmo jeito. Se eu tivesse uma emergência, tivesse que sair, podia prender o celular no painel do carro, já tinha começado do mesmo jeito. Se eu tivesse que ir pro médico, pra uma clínica, pra um exame. Qualquer coisa a gente poderia, claro que às vezes as condições não seriam as mesmas, mas eu acho que o remoto a o legado da pandemia é isso. Me mostrando que o remoto existe, que o remoto funciona e que não estavam errados quando escreveram lá em mil novecentos e sessenta o mundo ia ser uma grande aldeia global. Isso gera uma ficção e ninguém acreditava e a pandemia veio é assim que funciona.

MF: Isso aí. Isso. Eu também acredito nesse grande legado da pandemia. Eu comecei o mestrado em dois mil e dezenove e agora em dois mil e vinte e um, eu vi essa transição, essa valorização do ensino à distância e nas crenças também das pessoas, segurei para a próxima pergunta.

004: Tá.

MF: É a próxima pergunta diz respeito mais ao meu tema, a questão da avaliação, as formas de avaliação, né? Qual a forma de avaliar o senhor como professor? Considera

a mais integrada ao processo de aprendizagem. A sumativa, a formativa ou prefere aplicar as duas? principalmente assim, hoje, principalmente hoje, na concepção hoje, em dois mil e vinte e um.

004: Uh-huh.

MF: É. Que a sumativa ela é classificatória, né? E a formativa tem a ver mais com um feedback maior, com o protagonismo maior do aluno...

004: é eu talvez pra mim essa resposta é ser vai ser é com um duplo significado aí pra sua pesquisa. Porque essas formas tradicionais de avaliar terminam é sendo muito muito negligenciadas, eu digo assim, eu acho que de modo geral os professores só fazem exame, eles não avaliam, eles fazem especificamente a prova que é um mero exame classificatório e que não tem função pedagógica. Então é isso precisava mudar na educação é o que predomina essa tal avaliação somativa que é meramente exame e quem faz exame faz sobre a o pretexto que na vida o aluno vai fazer muitos exames e que ele precisa ser treinado pra isso. Eu acho isso um argumento totalmente errado porque é não é verdade que as pessoas vão ficar fazendo exame no resto da vida, a gente tá fazendo exame esporadicamente né? Às vezes faz um concurso, uma pessoa pode se preparar pro concurso depois da escola, não precisa se preparar durante o tempo da escola e depois eu acho que esse exame ele tem um papel muito cruel porque ele joga a responsabilidade em cima do aluno. O professor faça o que fizer, dê boa aula ou não de, seja um bom professor, não seja, depois ele faz aquelas dez perguntinhas dele lá, se o aluno não responder em um, o aluno pede, a culpa é do aluno. Tanto que tem professor que se acha inteiramente a vontade pra reprovar a sala toda e ainda se acha o bonzão porque fez isso. Bom, pra mim isso não funciona, eu não faço. A avaliação formativa é algumas pessoas aplicam, né? Aquela coisa da avaliação qualitativa no decorrer do processo e pra mim deveria ser a única opção acho que não deveria ter outra. Inclusive eu falo claramente que eu não sou a favor de reprovação. Eu acho que nenhum aluno deveria ser reprovado em nenhum nível, tá? Da educação básica até a universidade. Não deveria reprovar ninguém por quê? Qual é o princípio da reprovação? É que você reprova porque o aluno não alcançou aquele nível desejado e ele vai repetir pra alcançar, né? Na realidade isso não acontece porque na prática quando você vai ver o aluno reprovado não é o melhor aluno da sala, ele chega a ser o pior aluno da sala. E quando ele é bi-reprovado, tri-reprovado, aí ele é o delinquente, ele é o isso não funciona de fato, pode até funcionar pra alguns alunos, a pessoa perde, realmente se compenetra e estuda e não perde mais nunca. Mas isso pra mim não é a regra, então eu não sou a favor que o aluno devesse ser reprovado. Eu acho que pra reprovar o aluno deveria ter um conselho envolvendo a família, o aluno, o professor, o supervisor dele, o diretor da escola porque uma reprovação é é uma decisão muito drástica, é praticamente uma execução, né? Uma condenação sumária e uma execução numa pena que não deveria ter um juiz só. Deveria ter uma corte ali pra julgar. E não deveria ser uma decisão unilateral do professor. Eu nunca tomo decisão de reprovar, eu reprovoo muito raramente, mas quando eu reprovoo, eu reprovoo em comum acordo com o meu aluno. Porque eu já estabeleço os meus parâmetros de avaliação quando o aluno começa, o trabalho ele já sabe como é que eu vou avaliar, ele sabe o que que ele precisa fazer pra ser aprovado. Eu digo a ele que vou trabalhar junto com ele pra ele ser aprovado com a nota máxima, né? E ele só vai alcançar se ele não fizer o necessário. E às vezes o aluno não faz, às vezes o aluno tem uma atividade que ele por algum motivo que foge até a vontade dele ou até por uma escolha dele resolve não fazer. Então na hora de fazer a avaliação final eu falo eu faço de outro modo geral de todo mundo, mas aqueles que tem pendência eu chamo explico que tinha que pesquisar um texto e fazer o fichamento do texto, você não fez. Isso varia três pontos, você só pode alcançar sete. Quer fazer pra alcançar esse dez? Se ele falar quero, então, você tem quarenta e oito horas, vai lá, faz e traz. O meu objetivo não é dar uma lição de moral no aluno, meu objetivo é que ele aprenda. Então eu acho que essa forma de você fazer a avaliação

termina que aí tem casos que o aluno não faz mesmo, aí quando você chama pra conversar, mas professor eu realmente não tive tempo, aí a pessoa diz, ah eu tava com tal problema, tinha um problema de saúde na família, eu prefiro repetir sua disciplina. Aí pronto, a gente toma a decisão junto, tá? Eu vou lhe reprovar aqui e você repete a disciplina de novo. Os outros todos já passaram, não precisam conversar com quem já passou, a não ser que eu digo assim, quando eu publico as notas, quem não concordar, às vezes é uma pessoa que tirou oito, só porque que eu tirei oito. Vamos avaliar aqui. Aí foi assim, é essa a parte que você não fez. Posso refazer? Pode. Ele vai lá e refaz a atividade dele. Eu acho que precisava ser assim com todo mundo, entendeu? Todas as disciplinas não tinham que ter esse negócio de você fazer o trabalho pra reprovar. Eu ontem mesmo eu estava tendo um diálogo com o aluno, ele mora num lugar da bacia do Paramirim, ele é meu aluno de psicologia em química aí ele sumiu, participou de duas aulas e sumiu, né? Aí quando foi ontem eu consegui falar com ele, né? Pelo telefone. Ele me explicou que no lugar que ele mora, na casa dele não tem internet que no lugar que ele mora a internet chegou agora, então ele tem internet na casa da mãe e da irmã. Então ele faz o curso nos horários que ele vai estudar, ele vai pra casa da mãe ou da irmã. E aí de lá ele acessa a internet e faz o curso. Depois ele volta pra casa dele onde não tem internet ele mora na zona rural. Ele não vai chegar por agora e nesse período ele teve contato com uma pessoa de covid a esposa está grávida então eles tiveram ali ele chegou a ter sintomas assustadíssimo dentro de casa sem poder sair num lugar ermo, né? E sem poder ir na casa da mãe nem da irmã porque eles tavam suspeitos, tavam na quarentena, aí cumprindo a quarentena no maior sufoco terminou a quarentena, ele reapareceu, começou e agora tudo certo, faça tudo, vou até abrir o bloco um, você faz tudo do bloco um, tá aqui no WhatsApp e se você tiver alguma dúvida, grave uma mensagem pra mim, porque se eu não puder responder na hora, ele responde depois eu faço o bloco um todo, me avise que fez, eu começo a avaliar o bloco que você começa a fazer o dois, aí quando terminar o um, já lhe dei as notas, aí você já terminou o dois ou você começa a fazer e pronto. Professor, qual o prazo que eu tenho onde você entende se só tem até quarta-feira, dia quinze, mas não se preocupe não, se o diário fechar eu peço pra abrir e você vai fazer, se você precisar de uma semana, duas você vai fazer esse aluno vai ser aprovado, é um professor de química numa cidade do interior lá de uma cidadezinha na margem do São Francisco vizinho lá de Bom Jesus da Lapa de por que que eu tenho que reprovar esse aluno? Que viveu uma situação pessoal dessa e está disposto a recuperar porque também podia ser assim professor mas realmente pelo meu nível de trabalho eu prefiro repetir. Eu não vou dar conta em uma semana de fazer tudo. Eu deixei ele a vontade. Ele falou, não, eu vou dar conta. Eu vou me virar, eu vou perder a noite aqui, vou me esforçar, vou parar um pouquinho o trabalho, mas vou fazer porque eu preciso passar e que eu tenho que me formar. Então, vamos trabalhar. Então, acho que tinha que ser por aí, por isso que não é formativa, nem somativa, é avaliação e processo pedagógico. Avaliação é o mecanismo que você tem de gerenciar o ensino e aprendizagem. Não é pra você dizer se o cara é bom ou se o cara é ruim. Primeiro porque não tem ninguém ruim. Todo mundo que tem um cérebro, né? Só se uma pessoa fala sério. Fala mas se o cara tiver um cérebro, o cérebro humano é riquíssimo, não tem como ter um cérebro melhor do que o outro. Tem um que tá mais treinado, que teve mais oportunidade, que teve mais acesso, mas o cérebro daquele que ficou parado lá, mesmo se ele ficou num lugar ermo, que nunca soube ler, se você começar hoje, você tem hoje, né? Que tem uma teoria da capacidade cerebral se você pegar uma pessoa menos se ela tiver mutilada você consegue fazê-la aprender. Mesmo se ela tiver o cérebro mutilado porque o cérebro você transfere habilidade de um lugar pro outro se um lugar está danificado você consegue desenvolver o outro e pronto. Qualquer pessoa pode aprender Então, não tem isso de você ter que classificar, tem burro e tem que ter inteligente, tem devagar e tem não, se o cara tem um cérebro, se ele sistema nervoso dele funciona, se ele consegue mesmo se tiver defeito, se tiver um aparelho que não funciona se não ouvir, se não enxergar, se não falar, nosso cérebro tá lá, se você conseguir acessar e fazer ele acessar o exterior, tudo chega pra ele, ele

aprende tudo e pode ser um Astro.

MF: Perfeito. Perfeito.

004: Por isso que avaliar. Por isso que a avaliação não pode ser só isso. Que está que está nos conceitos clássicos.

MF: Perfeito. É a próxima pergunta tem a ver também com esse contexto do feedback. Após a avaliação É eu acho que eu já sei a resposta. O senhor considera importante esse feedback individual ou coletivo, como o senhor costuma aplicar?

004: Hm-huh. É É assim, se você, se você fizer avaliação, se não fizer um comentário sobre os resultados, a avaliação não prestou pra nada, né? Ela volta praquela história do exame. Você faz lá, faz o exame, tem um uma grade, né? Um resultado, uma nota e você publica a nota e acabou ali. Não pode ser acabou ali, né? A avaliação é uma etapa do processo do aprender e inclusive uma das teorias é da psicologia mais consistente sobre a aprendizagem que é a piagetiana, né? Ela tem base na compreensão do erro, né? Foi compreendendo o erro quando trabalhava lá com as pesquisas de hipnose, compreendendo os erros, com as pesquisas de teste de inteligência, compreendendo a regularidade dos erros de acordo com a faixa etária que Piaget começou toda pesquisa dele. Então, esse erro que o aluno cometeu, ele é material de trabalho, ele não é classificatório, é a partir daquele erro que ele cometeu que você vai compreender onde tá o estágio de aprendizagem dele e ajudá-lo a superar né? E você pode pegar pra algum pouquinho também de Vigotsky aquela história do desenvolvimento profissional e você tem um desenvolvimento desejável e ter um desenvolvimento real e tem que perceber qual é a distância entre o real e o desejável e imediato fazer o aluno chegar no desejado e se você não fizer de avaliação você não consegue fazer isso. Então é uma questão mesmo de fundamento científico. Se você faz uma prova, dá uma nota e vira as costas, não avaliou. Fez aquele negócio de jogar a responsabilidade no aluno.

MF: É então nesse contexto ainda de avaliação, eu gostaria de saber se precisou, se foi assim necessária é implementar ações, inovações e ações criativas nas avaliações a distância. A partir de dois mil e vinte.

004: Praticamente eu fiz as mesmas coisas que eu fazia no presencial, não mudou muito não, né? Alguma diferença de procedimento, claro, mas eu fazia faço as mesmas coisas, com uma pequena diferença, porque quando eu estava no presencial eu dava a possibilidade do aluno de, por exemplo, imprimir os artigos científicos que eu recomendava, de me entregar o trabalho digitado ou manuscrito né? Que hoje em dia o ditado que eu falo impresso, hoje eu não posso mais pedir que ele mande impresso, mas o escopo geral do trabalho não mudou porque as tarefas são muito parecidas eu quando eu começo o meu trabalho eu ajudo meu aluno a organizar a agenda dele a planejar o tempo de estudo, a pesquisar em periódicos online, a usar gerenciador de referência a aprender fazer fichamentos de textos e organizar seminários e elaborar textos autorais e fazer o uso de metodologia científica pra fazer referência a autores que ele tem usado pra apoiar os argumentos dele. Ensino também a fazer argumentos científicos, a fazer coisas que suportam argumento, coisas que contrariam e depois fazer uma conclusão. Então assim, não mudou muito do que eu fazia, entendeu? A única coisa é que tirou a possibilidade duma orientação presencial Face to face, né? E entregar um documento impresso. Mas de resto, continua a mesma coisa, mas foi manter o que eu já fazia no meu presencial, porque eu já usava muita tecnologia, já usava muito, os meus alunos tinham que fazer pesquisa em por exemplo, eu não chego lá dentro do conteúdo, eu vou falar por exemplo que eu gosto muito por exemplo, pegar um tema da minha área é network profissional. Aí eu não pego lá e saio dizendo que é network eu digo se eu vi, já ouviram falar? Já. Vão pra literatura. Aí a turma vai pra literatura, pesquisa, traz conceitos aí, cada grupo apresenta o que foi que achou, cada um apresenta suas experiências pessoais, cada um traz o que encontrou, eu discuto e mostro as minhas aí depois a gente já falou agora faz um texto autoral aí com o que que

você ficou pra você disso. Aí a pessoa faz o texto, eu olho o texto e pulo pra outra coisa. Vamos trabalhar outra coisa, aí não tem, passou, perdeu. É o que ele percebeu, é o que ficou pra ele, o que você tá levando pra sua vida acadêmica e profissional e pessoal do conteúdo que a gente discutiu. Ele me escreve disso e eu leio de lá, tá bom? Se um olhou e diz assim, nunca acertou nada. Aí eu abro um diálogo com ele. Vamos conversar porque que não acrescentou o que que faltou? Como é que aí dali a gente abre uma outra etapa de aprendizagem. Ou se um disse alguma coisa eu não tinha percebido aí eu faço compartilhar com a turma toda se alguém falar alguma coisa que eu acho que tá muito fora, aí eu digo ó, precisa, recomenda um texto a reler tal coisa porque isso aqui que você percebeu pode ser revisto. Aí assim é bem um feedback nesse sentido. Então não tem uma mudança assim?

MF: Entendi. Entendi. Eu gostaria de falar sobre a formação, a formação docente do senhor que o senhor já relatou e do que o senhor acha de uma forma geral também dos colegas, né? Que o senhor tem vivenciado, considera que devem ser desenvolvidas outras competências docentes, por exemplo, quais competências digitais devem, precisam ser desenvolvidas nessa formação docente ou contínua, uma formação contínua para aproveitamento das ferramentas digitais que nós temos hoje. Disponíveis para a educação.

004: É, eu acho que pra além da competência digital, precisa desenvolver a competência pedagógica né? Porque o que tá acontecendo na educação superior é que os professores da educação superior eles não são de fato professores formados pra isso, eles são bacharéis. Pesquisadores, cientistas, pesquisadores, então o cara faz lá, bacharel em geologia, bacharel em medicina, bacharel em direito, contabilidade e depois vai dar aula. Então, eles não sabem, eles não são professores, eles não tem é assim lastro, né? É estudos pedagógicos é compreensão da parte epistemológica da ciência da educação pra ter uma atitude pedagógica favorável. Então o nosso sistema ele tem um defeito seríssimo que poderia ser imagino assim, todo mundo pra entrar em sala de aula tinha que fazer uma formação pedagógica. Então, por exemplo, um curso de superior de bacharelado podia ter é três anos de duração, não precisa dar mais do que isso, três anos, três anos e meio e um curso de licenciatura pra quem fosse dar aula em qualquer nível, deveria ter cinco a seis anos de duração, porque a pessoa ia ser bacharel, se interrompesse ali e fosse pro mercado, ia trabalhar como advogado, como uma enfermeira, como pessoal de laboratório e tal. Quer dar aula? Volta, faz mais a formação pedagógica. Aí se preparou pra dar aula. Aí faz a formação técnica e a formação pedagógica aí você conseguiria ter professores com competências tecnológicas e pedagógicas pra dar aula, pra trabalhar em escola porque na realidade o que a gente tem é uma distorção muito grande e inclusive até pra licenciatura e como é que o pessoal faz pra licenciatura? Em tese o professor licenciado ele estaria em melhores condições da aula do teu bacharel mas nem sempre isso é verdadeiro porque o custo dura os menos quatro anos o pessoal diminui o tempo da formação técnica e encaixa uma informação pedagógica sofrível, né? Reduzida ali com trezentas horas, duzentas e poucas horas, aí você forma um bacharel forma um licenciado que não é um bacharel completo porque teve sua formação fatiada pra entrar disciplina pedagógica e não é um professor também porque não tem formação pedagógica suficiente. Então acho que tinha que ter essa mudança é mas esse é uma mudança do sistema educacional brasileiro, pra mim é um defeito do sistema educacional brasileiro. Quanto a competência digital a gente tá até nessa linha do que você tá falando a gente criou um no meu grupo de pesquisa agora no meu projeto de extensão. A gente criou um curso que a gente chama Pedagogia da Autonomia Digital. A gente aproveitou a pedagogia da autonomia de Paulo Freire, pegou aqueles capítulos da pedagogia da autonomia e trouxe pra uma versão do uso das tecnologias e nós vamos fazer um treinamento personalizado, né? Pra o professor construir a autonomia digital dele. Ele vai dizer, né? A gente vai fazer um diagnóstico, ele vai dizer quais são as necessidades que ele tem, quais são as que quando você faz um pacote. Diz, ah, professor, precisa saber isso e

se isso, chega lá, você vai ensinar coisas que ele não precisa e que ele não tem interesse. Então, é melhor você saber quais são as necessidades dele e fazer um curso customizado. Então um treinamento customizado, ele vai aprender o que ele precisa e a dificuldade que ele tem, o que ele já precisa, não precisa fazer. Aí nós vamos fazer isso, construir autonomia digital do professor. Aí eu tô com uma orientanda de doutorado que tá coordenando esse projeto. E a ideia é que a gente ofereça isso pra UNEB primeiro, mas depois abra pra outras instituições do ensino médio, da educação básica e pra outras universidades pra que o professor possa construir e isso vai ser o projeto de tese dela ela foi minha aluna numa disciplina especial, não foi aprovada agora nesse processo que acabou de fechar hoje e ela vai se submeter, nós vamos continuar a pesquisa, ela vai se submeter no próximo processo pra entrar e vai tá com a pesquisa adiantada, por isso ela defende três anos.

MF: Nossa, perfeito, perfeito. É eu acho que a próxima pergunta também já é uma coisa é que a gente já até conversou que é durante a vida acadêmica do senhor teve contato com esses conteúdos e ferramentas digitais?

004: A vida toda.

MF: Mas assim, foi uma iniciativa própria, um interesse pessoal. De buscar essa qualificação nos conteúdos digitais ou foi motivado pela instituição?

004: Eu trabalhei no SENAI né? E no SENAI eu fiz um curso técnico de mecânica. Já quando eu era aluno os meus professores já usavam muita tecnologia, naquela época, tecnologia daquela época era filme super oito, era da positivo, né? Que era aquele projetor de carrossel, né? e fazer a foto, botava aquilo no carrossel, carrossel girava e era o retroprojetor e no SENAI como o SENAI era uma instituição rica, né? A gente tinha um equipamento que eu não me lembro o nome chamava de hepscópio. Eu não me lembro o nome dele, mas era um equipamento que a gente botava papéis impressos e ele fazia leitura e projetava. Então, equipamento assim, revolucionário pra época, né e a gente já trabalhava, então a gente trabalhava com muita tecnologia, tanto tecnologia porque a gente dava aula de tecnologia, então a gente ia para as oficinas pro laboratório, laboratório tinham equipamento sofisticado de medição de grandezas, de avaliação de substâncias e tal, então o ensino técnico que já exigia muita tecnologia, laboratórios e tudo mais e a gente também trabalhava o pedagógico com com técnica, com tecnologia. Aí eu me fiquei dezoito anos no Senai, teve uma fase que eu deixei de ser instrutor e passei a ser formador de instrutor. Então, eu ensinava os instrutores a usarem os dispositivos também, né? Como é que você usa um de uma videoaula pra ajudar numa demonstração de uma aula prática, não sei que momento do processo você usa o vídeo, que o momento do processo você usa o slide, como é que você usa pra ficar mais produtivo. Então, eu já trago isso no Senai. Quando eu chego na Universidade, aí eu encontro o terreno fértil, né? Eu fui pesquisar nessa área, meu mestrado foi em mídia e conhecimento com a refazer educação a distância Então ali eu já trabalhei com videoconferência, meu mestrado foi pela Federal de Santa Catarina, mas a gente tinha aulas lá em Santa Catarina e o resto das aulas eram por videoconferência aqui em Salvador. A minha defesa em dois mil e dois já foi por vídeoconferência os avaliadores estavam em Santa Catarina e eu na UNEB em Salvador no Cabula. Então assim, aí depois eu fiz o meu doutorado também na área de tecnologia foi gestão colaborativa do conhecimento na educação a distância a minha tese durante o doutorado eu fiz um doutorado sanduíche num laboratório top de tecnologia que é o na área de mídia que é o Instituto de Mídia e Conhecimento lá na Inglaterra, na UPMVEST, que é uma universidade referência no mundo todo de educação à distância. Sanduíche na UPMVEST, aí defendi minha tese com gestão colaborativa do conhecimento em rede, na educação a distância. Voltei em dois mil e dezesseis, dois mil e dezessete fiz o pós-doutorado nesse mesmo laboratório de vídeo de conhecimento onde eu fiz uma tese sobre desenvolver de competências e matriz de análise cognitiva pra avaliação profissional. Então é assim eu sou imerso na tecnologia da educação, né? Então é uma

coisa que a minha história toda desde lá de ser aluno do Senai até hoje o meu grupo de pesquisa é gestão, educação, tecnologias para inclusão social. Então é meu tema de estudo hoje, então hoje eu tô com um projeto de educação científica pra educação básica esse laboratório que a gente, um laboratório, por exemplo, a gente ganhou um edital agora, que a gente empregou cinquenta mil reais a as salas de aula do meu departamento, todas digitais e essa pedagogia da autonomia digital eu vou fazer pra esses professores aprenderem a utilizar essas lousas e explorarem as lousas, então o professor não vai mais ficar lá escrevendo no quadro, projetando slide, projetando, vai pegar, vai clicar na lousa e vai trabalhar com os alunos e a minha ideia, tô com um projeto agora de infraestrutura que é a gente fazer uma intranet no departamento pra que todos os conteúdos sejam acessados por professores e alunos de onde eles estiverem. A gente não precisa mais de negócio de mandar por email, de armazenar aqui, armazenar ali. Não, a gente fazer uma, botar um grande servidor com uma internet potente pra gente poder então você vai pra sala de aula de maior banana, chega lá, clica na lousa, abre o equipamento dele, a demonstração dele, as aulas, os preços que ele quer mandar e tal, a ideia é que a gente chegue nesse nível de tecnologia tá na minha cabeça hoje ainda, né? Quem sabe daqui um tempo ainda até eu me aposentar, isso começa a funcionar.

MF: Perfeito, perfeito. Nossa, a minha pesquisa vai ficar riquíssima com esses relatos. Então estamos chegando ao final é e a minha última indagação é se o senhor tem algo a acrescentar, algo que gostaria de pontuar, que não tenha perguntado.

004: Eu acho que a gente falou de muitas coisas, né? A única coisa que eu que eu recomendaria, né? Aí já dando um aí de tentar colaborar com o seu estudo é que se fosse possível, né? Com essas respostas, com essas respostas que você está obtendo de outros professores, você pudesse fazer uma crítica a esse modo tradicional, excludente e perverso, eu digo até de certa forma assim que provoca muito desperdício, muito desperdício, de energia, de recurso de emoções muitas vezes o porquê né? Tem a crise de professores que acham que eles são o fiel do curso e reprovam os alunos e às vezes o aluno desiste do curso e vai embora. Eu acho que tinha que ter uma intervenção responsável disso. Então se você captar durante suas pesquisas seu levantamento de dados esse tipo de postura que você tem um olhar crítico sobre isso. E quando você publicar o seu estudo, você mostre que existem outras formas mais calorosas, mais incluídas e mais humanas, mais efetivas e de melhor qualidade. Porque eu bato com meus colegas de frente quando eles vem achar que o meu processo de avaliação não tem qualidade porque eu não reprovado e não reprovado mesmo. Eu acho que prova devia ser proibido. Acho que não devia professor. Se o professor não pudesse fazer prova seria ótimo porque ele ia ter que se esforçar pra entender o que é avaliação.

MF: É, caiu. O senhor pode clicar no mesmo link só pra gente concluir. Pode ser? Eu chamei o senhor de volta...

004: O celular descarregou.

MF: Imaginei, imaginei porque eu mandei uma mensagem e não chegou. Pronto, agora. Agora tá bem. Então, a última pergunta foi o que o senhor gostaria de acrescentar a minha pesquisa.

004: Que foi isso que eu tava falando, né? Que se você puder fazer um relato crítico sobre essa coisa distorcida da avaliação, né? Que possa ser mais né? Superar essa coisa desse reprodutivismo, né? Porque eu acho que os professores avaliam do jeito que eles sempre foram avaliados e como isso é uma cultura no ambiente educacional as famílias aceitam, os estudantes aceitam as direções de escola aceito, os sistemas educacionais, mas isso precisa ser revisto com urgência, porque isso é muito prejudicial pra qualidade da educação, prejudicial pra vida das pessoas, pra saúde das pessoas muito sofrimento, né? Causou muita, muita frustração, muitos dissabores, então acho que isso é uma tragédia, pra mim essa forma convencional e excludente de avaliar esse

exame forçado que essa coisa que categoriza as pessoas em boas e ruins em burras ou inteligente, isso é muito perverso do ponto de vista humano. Então tinha que haver uma evolução na educação. Pra que isso parasse de ser corrente, né? Que as pessoas entendessem que ninguém precisa sofrer tanto pra ser educado e tem professor que diz isso, que aprender dói. Eu tenho um colega e fala assim, aprender dói. O aluno tem que entender que aprender então eles acham que eles podem causar o sofrimento do aluno porque causam pro bem do aluno, isso é uma mentira escandalosa. Ninguém precisa sofrer pra aprender, a pessoa pode aprender sendo feliz, sendo plena, né? Tendo... comemorando com pequenas conquistas, respeitar o grau de desenvolvimento de cada um, não é todo mundo que vai tirar nota dez, não é todo mundo que vai ser um Einstein né? A pessoa sendo uma pessoa normal comum que consegue ter sua vida equilibrada, ter sua família, trabalhar e compreender a sociedade, de ser cidadão e participar da vida coletiva é suficiente. Então não precisa ninguém ser o suprassumo, não precisa você botar uma prova que vai exigir que a pessoa seja um físico, um químico que acontece muito na área digo muito a meus alunos de química, eles são tão cruéis que não tem químico no mercado, quando o governo abre vaga pra selecionar professor de química não tem candidato. Quem termina tendo que dar aula de química é pedagogo, geógrafo, engenheiro, enfermeiro, porque não tem professor porque não deixam formar, eles admitem cinquenta no primeiro eu não quero admitir cinquenta que diz que é muita gente, admite trinta no primeiro no começo do curso e só forma dois três né? Eu não sei, dou conta o que eu estou fazendo é muito ruim pra eles inclusive então é isso aí então se você puder colocar essa crítica no seu trabalho você vai ter me dado uma grande e se você quiser também interagir depois com meu grupo de pesquisa vai ser legal, se você quiser apresentar sua dissertação pro meu grupo, eu vou gostar muito.

MF: Com certeza, eu aceito, viu? Eu aceito. Assim que terminar eu entro em contato com o senhor. Em breve, espero viu? Muito obrigada, muita gratidão pela sua contribuição, foi uma honra levar o relato do senhor para outro país, a gente tem que mostrar mesmo o nosso valor como baiano, como brasileiro.

004: Legal, eu queria agradecer também, fico a sua disposição. Boa sorte lá na sua na sua defesa. Brigado. E se for por for por internet me manda o link que eu quero assistir.

MF: Vou convidar sim, será uma honra.

004: Obrigado.

MF: Um grande abraço viu. Tchou tchau.

# ANEXO A – CARTA ÉTICA

Diário da República, 2.ª série — N.º 52 — 15 de março de 2016

9153

## UNIVERSIDADE DE LISBOA

Instituto de Educação

Deliberação n.º 453/2016

### Deliberação do Conselho Científico

O Conselho Científico do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, na sua reunião de 21 de janeiro de 2016, no uso das competências que lhe são cometidas pela alínea d) do n.º 1 do artigo 31.º dos Estatutos do Instituto de Educação, aprovados pelo Despacho n.º 16290/2013 publicado no *Diário da República*, 2.ª série, de 16 de dezembro de 2013, deliberou aprovar a Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação e o Regulamento da Comissão de Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, que constituem os Anexos I e II à presente Deliberação.

### ANEXO I

#### Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

##### A. Introdução

A *Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação* (CEIEF) do Instituto de Educação (IE) da Universidade de Lisboa apresenta o conjunto de objetivos, princípios e orientações de foro ético, a respeitar e a promover no âmbito das atividades de pesquisa e de supervisão realizadas pelos seus membros, docentes, investigadores e estudantes de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento.

Como elementos referenciais para a elaboração da presente CEIEF, destacam-se os documentos seguintes: a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948); as recomendações da *American Educational Research Association* (AERA, 2011) e da *British Educational Research Association* (BERA, 2011); e, ainda, a *Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação* (SPCE, 2014), os *Estatutos do Instituto de Educação* (IE, 2013), o *Código de Conduta e Boas Práticas da Universidade de Lisboa* (2015) e o *Regulamento Geral de Prestação de Serviço dos Docentes da Universidade de Lisboa* (2015).

Refletir sobre os pressupostos e as consequências da sua atividade, incluindo os aspetos de natureza ética é um dos deveres fundamentais da comunidade científica. A finalidade da Carta é indicar um conjunto de orientações sistematizadas sobre estes aspetos, sucintamente apresentada e abrangentes, que sirvam de referencial à investigação. Para além dos objetivos mais específicos que em seguida se descrevem, a CEIEF procura contribuir para que a investigação em educação e formação promova, em maior grau, o bem comum.

##### B. Objetivos

A *Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação* do Instituto de Educação constitui um referencial da ação investigativa, relevando a importância dos seguintes objetivos principais:

1 — Contribuir para a valorização da investigação em educação e formação.

2 — Contribuir para a reflexão ética e a autorregulação na atividade investigativa, desde a sua conceptualização à sua divulgação.

3 — Contribuir para a cientificidade da investigação em educação e formação.

4 — Contribuir para a credibilidade e a confiança pública na produção científica.

Para que estes objetivos sejam alcançados é necessária a valorização de princípios orientadores que se apresentam em seguida.

##### C. Princípios

A existência de diferentes formas de conceber padrões de referência da ação investigativa requer o respeito pelos seguintes princípios:

1 — Liberdade de ação. A investigação realizada no Instituto de Educação valoriza a autonomia dos seus agentes, o direito de agir em congruência com os seus valores, no quadro dos princípios expressos nesta Carta.

2 — Pluralidade de paradigmas. A investigação realizada no Instituto de Educação acolhe a diversidade de paradigmas teóricos e metodológicos.

3 — Respeito pelos participantes. A investigação realizada no Instituto de Educação preza os direitos das pessoas que participam na pesquisa.

4 — Integridade de atuação. A investigação realizada no Instituto de Educação orienta-se pela veracidade dos dados utilizados, pela trans-

parência e pelo rigor, bem como pela seriedade, pela abertura e pelo tratamento equitativo nas relações pessoais e institucionais entre investigadores, ao longo de todo o processo investigativo.

As aplicações derivadas destes princípios orientadores da investigação em educação e formação realizada no Instituto de Educação, não podem ser desligadas do contexto específico, em cada caso. A sua concretização deve ser situada em relação às *Orientações para a investigação em educação e formação*, bem como as *Orientações para os investigadores orientadores*, tal como se apresenta em seguida.

##### D. Orientações para a investigação em educação e formação

De seguida estabelecem-se orientações que deverão ser respeitadas pelos investigadores e estudantes de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento do Instituto de Educação.

1 — Explicitação dos cuidados éticos. Nos projetos de investigação a serem objeto de candidatura a financiamento externo, bem como em teses de doutoramento, em dissertações, relatórios de estágio e trabalhos de projeto de mestrado e em estudos de pós-doutoramento, deve constar uma rubrica relativa a cuidados éticos assumidos, nomeadamente os considerados nesta CEIEF.

2 — Proteção dos participantes. A investigação a ser realizada deve prevenir situações que ameacem a integridade dos seus mais diretos participantes e evitar sobrecarregá-los. É importante estabelecer relações de confiança, pautadas pela honestidade, consistência e cumprimento do acordado. São inaceitáveis comportamentos de discriminação, exploração e assédio na relação com participantes da investigação.

3 — Consentimento informado. A investigação deve ser realizada desde o início com o consentimento oral ou escrito dos participantes e seus representantes legalmente autorizados, assegurando-se os investigadores da compreensão pelos participantes dos termos a serem acordados, da natureza voluntária da participação, da possibilidade de desistir e de solicitar alterações aos termos do acordado, ao longo da investigação.

Da informação a fornecer para obter o consentimento devem constar, de uma forma equilibrada e não excessivamente extensa, elementos sobre os propósitos de investigação, dados a serem recolhidos e divulgados, modalidades e tempos requeridos no envolvimento dos participantes, e eventuais contrapartidas que o investigador se compromete a oferecer. É também objeto de consentimento informado o uso de tecnologias para o registo de dados.

Caso ocorram oportunidades de investigação não previstas no decurso de outros tipos de atividades, a investigação eventualmente daí decorrente deverá ser dada a conhecer aos participantes, de acordo com as orientações de confidencialidade e de consentimento informado. Podem ocorrer exceções ao consentimento informado, nomeadamente em situações que não envolvam risco para os participantes ou quando estejam em causa os propósitos da investigação. As exceções devem ser devidamente justificadas e requerer aprovação da Comissão de Ética do IE.

4 — Confidencialidade e privacidade. Na investigação a ser desenvolvida devem-se respeitar os acordos relativos à confidencialidade e à privacidade, tomando precauções para proteger informação confidencial, manter integridade de deliberações confidenciais e preservar o anonimato de fontes e instituições. O anonimato deve ser assegurado, a não ser que os participantes tenham explicitamente renunciado a esse direito. É importante respeitar os participantes sem qualquer intrusão na sua privacidade. Dados recolhidos em espaços públicos, de caráter informal, não estão sujeitos a estas orientações, desde que os registos não possam causar prejuízo aos envolvidos.

5 — Falsificação e plágio. Compete ao investigador realizar a pesquisa com transparência e rigor. Ao longo de toda a investigação, não deve plagiar nem fabricar, falsificar, ou distorcer dados.

6 — Proteção e recolha de dados. A investigação deve ser submetida à autoridade portuguesa de proteção de dados (CNPD) e à Direção Geral de Educação, quando requerido, de acordo com a legislação de proteção de dados em vigor. Devem respeitar-se direitos de autoria de dados que estejam previamente estabelecidos, solicitando autorização e acordando os termos da sua utilização.

7 — Publicação e divulgação do conhecimento. É da responsabilidade do investigador tornar públicos os resultados da sua investigação. O respeito pela autoria e coautoria deve ser contemplado, de acordo com critérios de liderança e participação efetiva na elaboração dos documentos a publicar — e não com critérios de relação hierárquica, como seja a graduação dos investigadores.

No caso de uma publicação decorrer de um projeto de investigação mais amplo, de trabalhos de investigação de equipas ou de outros investigadores, os seus nomes deverão ser referidos nos textos. Recomenda-se a explicitação e agradecimento a colaboradores que participaram de forma significativa na elaboração ou revisão dos trabalhos.

A publicação de trabalhos, parcial ou integral, já anteriormente publicados, salvo casos de reimpressões ou reedições, deve ser evitada

e, quando realizada, deverá ser acompanhada da referência relativa à primeira publicação.

Recomenda-se a comunicação e discussão pública de resultados da investigação, especialmente junto dos seus participantes diretos e das comunidades mais envolvidas.

#### E. Orientações para os investigadores orientadores

De seguida estabelecem-se orientações para os investigadores que supervisionam dissertações, relatórios de estágio e trabalhos de projeto de mestrado, teses de doutoramento e estudos de pós-doutoramento desenvolvidos no Instituto de Educação.

1 — Competência profissional. O investigador orientador tem o dever de desempenhar as suas funções de forma ética, competente e responsável, acompanhando os orientandos ao longo de todo o processo de investigação. O investigador orientador deve incentivar a reflexão e apoiar os seus orientandos no sentido de tomarem consciência das questões éticas da sua investigação, debaterem os seus dilemas e salvaguardarem os princípios que constam desta Carta e de outros documentos nacionais e internacionais orientadores de uma conduta ética. Em caso de dúvidas poderá ser solicitado o parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação ou de outras personalidades e instâncias que julgue necessárias.

2 — Autonomia. O investigador orientador deve delegar responsabilidades nos seus orientandos que, de acordo com as suas habilitações e a sua experiência profissional, lhes permita atuar de forma autónoma ou com o apoio prestado. Através de uma orientação intencional, deve criar condições para que os orientandos tomem progressivamente decisões de forma autónoma, mas apoiada. O investigador orientador não deve impor o desenvolvimento de projetos contra a vontade do orientando, respeitando princípios de autodeterminação e autonomia em relação a interesses alheios.

3 — Sigilo Profissional. Cabe ao investigador orientador assegurar a confidencialidade e guardar sigilo sobre todos os factos e elementos de que tenha conhecimento para proteger a propriedade intelectual.

4 — Equidade. Cabe ao investigador orientador garantir um tratamento adequado a todos os orientandos, tendo em conta as particularidades e necessidades de cada um.

As orientações descritas devem ser enquadradas nos objetivos e nos princípios da Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação, que deve ser respeitada no âmbito das atividades de pesquisa e de supervisão, realizadas pelos membros do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, docentes, investigadores e estudantes de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento.

#### F. Referências

AERA (2011). *Code of ethics*. <http://www.aera.net/AboutAERA/AERARulesPolicies/ProfessionalEthics/tabid/10200/Default.aspx>.

BERA (2011). *Ethical Guidelines for Educational Research*. <https://www.bera.ac.uk/wp-content/uploads/2014/02/BERA-Ethical-Guidelines-2011.pdf?noembed=1>.

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (2013). Estatutos. *Diário da República*, 2.ª série — N.º 243 — 16 de dezembro de 2013.

Nações Unidas (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>.

SPCE (2014). *Instrumento de regulação Ético-Deontológica. Carta Ética*. <http://www.spce.org.pt/CARTA%TICA.pdf>.

Universidade de Lisboa (2015a). Código de Conduta e Boas Práticas da Universidade de Lisboa. *Diário da República*, 2.ª série — N.º 111 — 9 de junho de 2015.

Universidade de Lisboa (2015b). Regulamento Geral de Prestação de Serviço dos Docentes da Universidade de Lisboa. *Diário da República*, 2.ª série — N.º 234 — 30 de novembro de 2015.

#### ANEXO II

##### Regulamento da Comissão de Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

O presente regulamento define a competência, a composição e a duração do mandato da Comissão de Ética para a Investigação em Educação e Formação.

##### 1 — Competência

Compete à Comissão de Ética para a Investigação em Educação e Formação:

1.1 — Garantir o acesso à Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação por todos aqueles que desenvolvem investigação nesta escola.

1.2 — Zelar pela aplicação da Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação.

1.3 — Promover a reflexão sobre questões éticas da investigação.

1.4 — Emitir pareceres sobre questões éticas da investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação, relativas a todos os projetos a serem apresentados em candidaturas a financiamento externo e aos projetos de doutoramento, bem como a outros projetos de investigação que o requeiram.

1.5 — Analisar situações de incumprimento da Carta Ética, procedendo a medidas de aconselhamento. Quando considerado adequado, dar a conhecê-las ao Diretor e ao Presidente do Conselho Científico do Instituto de Educação.

##### 2 — Composição

2.1 — A Comissão de Ética para a Investigação em Educação e Formação é composta por cinco docentes, em exercício ou aposentados, nomeados pelo Conselho Científico do Instituto de Educação, podendo integrar até dois membros externos ao Instituto de Educação.

2.2 — A Comissão de Ética elege, de entre os seus membros com assento no Conselho Científico, um Presidente e um Vice-Presidente. O Vice-Presidente coadjuva o Presidente e substitui-o nas suas ausências e impedimentos.

2.3 — Qualquer membro da Comissão de Ética pode renunciar ao seu mandato, mediante declaração escrita ao diretor do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, devendo manter-se em funções até à nomeação de novo membro.

##### 3 — Duração do mandato

A duração do mandato da Comissão de Ética para a Investigação em Educação e Formação é coincidente com a do mandato do Presidente do Conselho Científico do Instituto de Educação.

21 de janeiro de 2016. — O Presidente do Conselho Científico, Prof. Doutor João Pedro Mendes da Ponte.

209419801

## ANEXO B – PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA



### INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA COMISSÃO DE ÉTICA

#### PARECER

A Comissão de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, tendo procedido à análise dos elementos relativos ao projeto de investigação da estudante do curso de Mestrado em Educação - área de especialização Educação e Tecnologias Digitais, Maria Fernanda Tavares Gédéon Bandarra, intitulado “A avaliação mediada por tecnologias digitais no ensino superior brasileiro”, considera que os princípios éticos, bem como as orientações éticas para a investigação, expressos na Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, são em geral respeitados.

Como se pretende utilizar gravação das entrevistas deverá ser notificado o Encarregado de Proteção de Dados da Universidade de Lisboa (recomenda-se consultar guia de boas práticas em: <http://www.ie.ulisboa.pt/investigacao/comissao-de-etica> ).

IEUL, 24 de maio de 2021,

*Membro da Comissão de Ética,*

A handwritten signature in black ink, which appears to read 'Ana Paula Caetano'.

Professora Ana Paula Caetano